



# Pequenos Notáveis



Parte 4

**Eduardo Paes**

Prefeito do Rio de Janeiro

**Helena Bomeny**

Secretária Municipal de Educação – SME

**Cleide Ramos**

Presidente da Empresa Municipal de  
Multimeios – MultiRio

**Lucia Maria Carvalho de Sá**

Chefe de Gabinete

**Marinete D'Angelo**

Diretor de Mídia e Educação

**Rosângela F. D. S. Silva**

Diretor de Administração e Finanças

# Pequenos Notáveis (Parte 4)

---

Série televisiva: textos complementares



**MULTIRIO - Empresa Municipal de Múltiplos Ltda.**

Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210  
Central de Atendimento ao Cidadão: 1746 • Fora do Rio: (21) 3460-1746 • Fax: (21) 2535-4424  
[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br) • [ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br](mailto:ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br)

P424

Pequenos notáveis, parte 4 / MultiRio. - Rio de Janeiro : MultiRio, 2015.  
128 p. : il. - (Série televisiva: textos complementares)

ISBN: 978-85-60354-21-4

1. Música popular - Brasil. 2. Músicos - Brasil - Biografia. I. Empresa Municipal de Multimeios (Rio de Janeiro, RJ). II. Série.

CDD - 927.8164

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	05
<b>Chiquinha Gonzaga</b> .....	07
<b>Mário Lago</b> .....	19
<b>Paulo da Portela</b> .....	31
<b>Caetano Veloso</b> .....	43
<b>João Donato</b> .....	55
<b>Baden Powell</b> .....	67
<b>João Roberto Kelly</b> .....	79
<b>Zé Kéti</b> .....	89
<b>João do Vale</b> .....	101
<b>Paulo César Pinheiro</b> .....	113
<b>Créditos das imagens</b> .....	123



## Introdução

A série televisiva *Pequenos Notáveis*, voltada principalmente para crianças e adolescentes, aborda a vida e a obra de 25 grandes compositores da MPB, com ênfase na infância de cada um. Os programas mostram como o ambiente em que eles viveram, a família e a escola influenciaram suas vocações e contribuíram para que se tornassem, mais tarde, grandes mestres da nossa música.

O formato da série mescla dramaturgia, música, animação e efeitos de computação gráfica. Os atores Amanda Ramalho e Iwin Monã, e o cantor e instrumentista Alfredo Del-Penho visitam os locais onde os artistas nasceram, os lugares que frequentaram, as escolas em que estudaram, os cantos e recantos de que mais gostavam em nossa cidade.

Em estúdio, a cantora, apresentadora e idealizadora da série Joyce Moreno, junto com Alfredo, canta os maiores sucessos desses compositores e conta casos e curiosidades sobre eles, em meio a um cenário com fotos, cartazes, capas de discos e outras referências musicais e históricas.

Os dez grandes pequenos notáveis homenageados nesse fascículo são: *Chiquinha Gonzaga, Mário Lago, Paulo da Portela, Caetano Veloso, João Donato, Baden Powell, João Roberto Kelly, Zé Kéti, João do Vale e Paulo César Pinheiro.*



# Chiquinha Gonzaga

*Pois, senhor meu marido, eu não entendo a vida sem harmonia.*

Chiquinha Gonzaga em resposta ao marido Jacinto Amaral, que a mandara escolher entre ele e a música





1. A compositora, aos 85 anos

Francisca Edwiges Neves Gonzaga nasceu em 17 de outubro de 1847, na região do Centro do Rio de Janeiro hoje conhecida como Gamboa, na mesma casa em que moravam sua mãe, Rosa de Lima Maria, e seus irmãos, Mamede e Joana. O pai das crianças, José Basileu Neves Gonzaga, mantinha-se a distância, pois não convinha a um branco, ainda mais a um militar de família ilustre como ele, casar-se com uma mestiça descendente de escravos, tal qual era Rosa. Afinal, vigorava ainda a escravidão no Brasil.

Apesar da relação não oficializada e da distância, o pai de Francisca não fugiu das responsabilidades perante parceira e filhos, providenciando sustento e educação. Mesmo não frequentando a escola, como era comum entre meninas da camada senhorial em meados do século XIX, Chiquinha teve aulas em casa com o padre Trindade, contratado por seu pai para alfabetizá-la e ensinar-lhe cálculo, idiomas estrangeiros e catecismo. Segundo a escritora Edinha Diniz, autora de *Chiquinha Gonzaga: uma História de Vida*, a menina tinha “temperamento firme, personalidade decidida e espírito inquieto”.

O Rio de Janeiro, no qual Chiquinha nasceu e cresceu, tinha cerca de 250 mil habitantes e uma área urbana que se limitava entre o Campo de Santana e o Largo do Machado. O lazer dos cariocas era composto principalmente por festas religiosas e cívicas, even-

tos esportivos, como as regatas na Baía de Guanabara, e muita música, que variava de acordo com o segmento social dos ouvintes: valsa, nos salões da elite, polca, nas salas das famílias simples, e lundu, nas rodas de dança dos negros escravizados.



2. Avenida Beira-Mar e Outeiro da Glória, com vista parcial da Baía de Guanabara

Assim, ao menos nas casas de famílias brancas, o principal instrumento utilizado nessa atividade era o piano, pois num tempo no qual ainda não haviam sido inventados o rádio e as técnicas de gravação de som, a única maneira de ouvir música era tocando-a ao vivo. Embora desejasse que a filha se tornasse professora, José Basileu contratou, em 1857, o maestro Elias Álvares Lobo para ser o responsável pela iniciação musical de Chiquinha. Aluna aplicada, já no ano seguinte ela

apresentou sua primeira composição durante a festa de Natal da família, uma louvação ao menino Jesus intitulada *Canção dos Pastores*, com letra de um de seus irmãos.

*Em 1856, o escritor Araújo Porto Alegre cunhou a expressão “cidade dos pianos” para se referir ao Rio de Janeiro, por causa do crescente número desses instrumentos nas residências e festas da cidade. O nome se popularizou durante a segunda metade do século XIX.*

Além das aulas e da produção musical da época, Chiquinha conviveu durante toda a infância com a música informal das ruas: os assovios, os pregões e os cânticos ouvidos pela janela e pelas ruas e que se manifestariam, mais tarde, no caráter popular de sua obra. Seu tio e padrinho, Antônio Eliseu, flautista amador e encarregado de animar as reuniões da família Neves Gonzaga, também colaborou para fortalecer a presença da música em seu cotidiano.

Os pais de Chiquinha oficializaram a união apenas em 1860, em uma cerimônia sigilosa. Não se sabe o motivo do segredo, se a desaprovação do pai de José Basileu; os sete filhos que eles já tinham à época; ou alguma outra razão. Ao todo, o casal teve nove filhos: Mamede, Joana, Francisca (Chiquinha), José Basileu Filho, João Carlos, Feliciano, Tomásia, Rosa e Nicolau Tolentino.

## Casamento aos 16 anos

Ao contrário dos pais, Chiquinha se casou nova, aos 16 anos, com o militar Jacinto Ribeiro do Amaral. Segundo a biógrafa Edinha Diniz, é provável que a união tenha sido arranjada por José Basileu para sossegar a

alma da filha, capaz de namorar “até padre”, segundo se ouvia na família. A cerimônia foi realizada na Igreja Matriz de Santana, na Cidade Nova, pela qual Basileu a presenteou com um piano, imaginando que fosse o suficiente para ocupar suas tardes e mantê-la submissa ao marido.



3. Chiquinha Gonzaga, em 1865, ano do nascimento de sua filha Maria do Patrocínio

Mas, para Chiquinha, o piano jamais seria um mero passatempo. Pelo contrário, serviria como um meio de dar vazão à sua vontade própria e a sua personalidade forte, chegando mesmo a provocar ciúmes em Jacinto. Nem mesmo o nascimento dos filhos João Gualberto, em julho de 1864; e Maria do Patrocínio, em novembro do ano seguinte, foi capaz de afastá-la do instrumento.

*“Jacinto o encarava como um forte rival; proporcionava à sua mulher devaneio, alegria e uma forma de afirmação”, escreve Edinha Diniz sobre a percepção do marido de Chiquinha a respeito do piano.*



O casamento começou a ruir em 1866, quando um navio de propriedade de Jacinto foi fretado pelo governo brasileiro para o transporte de armas e soldados para a Guerra do Paraguai, e ele decidiu levar a esposa e o filho mais velho em uma das viagens. Confinada na embarcação, longe do piano e testemunhando o tratamento degradante que era dado aos soldados, quase todos escravos chamados, cinicamente, de “voluntários da pátria”, a rebeldia de Chiquinha se agravou. Quando retornaram ao Rio de Janeiro, a tensão era tanta que Jacinto tentou intimidá-la ao mandar que ela escolhesse entre a música e o matrimônio. Em vão.

Chiquinha saiu de casa no mesmo ano e tentou voltar a morar com os pais, mas sua mãe, Rosa, negou-lhe abrigo, com medo da reação de José Basileu quando este voltasse da Guerra do Paraguai. Não se sabe ao certo onde ela morou durante esse período, e nem mesmo a gravidez do terceiro filho, Hilário, nascido em janeiro de 1870, foi capaz de reparar a relação de Chiquinha e Jacinto. Ao abandonar marido e filhos, passou a ser considerada morta pela família.

## Um novo amor

Durante o conflito conjugal, Chiquinha começou a frequentar o meio musical e boêmio, levada por seu amigo Joaquim Callado, de quem recebeu uma singela homenagem, em 1869. *Querida por Todos*, a primeira música publicada de Callado, considerado o criador do choro, era dedicada à “Exma. Sra. D. Francisca H.N.G.”, com as iniciais representando o nome de solteira de Chiquinha (com um “H” para “Hedwiges”). Um sinal da amizade e da admiração entre os dois.

Em 1870, começou um relacionamento com o engenheiro João Batista de Carvalho, mais conhecido como Carvalhinho e considerado por amigos como sua grande paixão. O fato

de Carvalhinho ser amigo de longa data da família Gonzaga causou escândalo na sociedade, desconfiada de que aquela poderia ser uma relação antiga. Os dois se afastaram dos boatos quando, motivados por uma proposta de trabalho para ele, foram morar no interior de Minas Gerais.

O casal retornou ao Rio em 1875 e o ano seguinte foi marcado pelo nascimento de Alice Maria, única filha deles, e pelo fim do relacionamento. Alice Maria ficou com o pai e, segundo amigos, Chiquinha jamais esqueceu Carvalhinho.



4. Em 1877, quando Chiquinha Gonzaga publicou suas primeiras músicas

*Chiquinha Gonzaga não hesitou em desafiar os padrões sociais vigentes para viver a vida que queria. Abandonou o casamento um século antes de o divórcio se tornar um direito civil no Brasil.*

Em 1877, saiu a sentença do processo movido contra ela pelo ex-marido Jacinto Amaral, junto ao Tribunal Eclesiástico, por abandono do lar e adultério, com a condenação à “separação perpétua”. Naquele tempo, isso significava uma vergonha a ser carregada pelo resto da vida, mas que pareceu não ter afetado-a, pois a partir de então deu início a sua brilhante carreira artística.

## Pianeira e pioneira

Sem família e sem fonte de renda, abraçou a música como meio de vida e de sustento, desdobrando-se como compositora, professora de piano e pianeira. Em fevereiro de 1877, teve sua primeira música editada, a polca *Atraente*. Um sucesso, com 14 reedições ao longo do ano. Também em 1877, foram publicadas as valsas *Desalento* e *Harmonias do Coração*; a polca *Não Insistas, Rapariga!*; e o tango *Sedutor*.



5. Partitura do tango *Sedutor*, publicado em 1877

*O pianeiro era visto pelos críticos e músicos da época como um pianista menor, pois não tinha a formação erudita para executar composições clássicas. No entanto, possuía habilidade e técnica para tocar choros, maxixes e outros estilos mais populares.*

Juntou-se ao grupo Choro Carioca, a convite do amigo Joaquim Callado, que tocava em casas de venda de partituras e em bailes, inserindo-se de vez no mundo da boemia e podendo ser considerada a primeira brasileira a frequentar e a protagonizar tal universo.



6. O flautista Joaquim Callado, criador do grupo Choro Carioca

Com o lançamento das polcas *Sultana* (outro sucesso) e *Camila*, em 1878, a qualidade de suas composições impressionou o público ouvinte e causou desconfiança em alguns. “Parecia a seus contemporâneos que era impossível a uma mulher demonstrar aquele talento”, escreveu a biógrafa Edinha Diniz.

O Choro Carioca encerrou as atividades em 1880, após a morte de Joaquim Callado. Chiquinha perdeu não só um grande amigo, mas também seu padrinho musical, sempre disposto a usar o prestígio que tinha para ajudá-la a vencer as barreiras de uma sociedade conservadora.

Pouco depois, ela se aproximou do maestro Carlos Gomes, a quem admirava. A chancela de um músico de valor inquestionável, aliada ao bom relacionamento mantido com a imprensa, foi necessária para continuar trabalhando em um meio que lhe era desfavorável.

## Primeira maestrina

Chiquinha aprimorou seus conhecimentos musicais estudando sozinha, lendo manuais e conversando com colegas. Dessa forma, aprendeu a compor para vários instrumentos e foi capaz de atuar no teatro de revista – forma de apresentação que misturava texto e música e que ganhou popularidade durante a segunda metade do século XIX, devido ao olhar crítico e satírico sobre os acontecimentos políticos e os costumes sociais da época. Foi o principal meio de divulgação da produção musical popular antes da chegada ao Brasil do disco (no ano de 1902) e do rádio (no ano de 1923).

A primeira revista de sua autoria, *Festa de São João*, escrita e composta entre 1880 e 1883, nunca chegou a ser realizada. A estreia no teatro ocorreu apenas em 17 de janeiro de 1885, com a opereta *A Corte na Roça*, no Teatro São José, na Praça da Constituição (atual Praça Tiradentes, no centro do Rio).

Se o libreto - assinado pelo jornalista Palhares Ribeiro - e o elenco foram criticados pela imprensa, a música de Chiquinha, chamada ao palco ao fim da estreia, foi aclamada: “bem instrumentada”, “alegre”, “saltitante” e “cheia de mimo e de caráter nacional”, conforme alguns dos elogios publicados.

Seu pioneirismo foi tanto que os jornais não sabiam ao certo como chamá-la. “A compositora, que anteontem tentava a espinhosa carreira de *maestra*, se é lícito afeminar esse termo...”, escreveu um periódico não identificado datado de 19 de janeiro de 1885. Ainda levaria algum tempo para que a imprensa, resistente à novidade, passasse a identificá-la como maestrina. No entanto, seu talento foi logo reconhecido, tendo em pouco tempo ganhado o apelido de “Offenbach de saias”, em referência a Jacques Offenbach (1819-1880), célebre compositor franco-alemão.



7. O broche dourado com notas de sua valsa *Walkyria*

Em maio do mesmo ano estreou a segunda peça musicada por ela, *A Filha do Guedes*, que teve recepção similar à anterior: texto e elenco criticados, música elogiada. A consagração veio em julho, quando apresentou suas composições em concerto realizado no teatro Recreio Dramático, com direito a casa lotada, aplausos, buquê de flores e repercussão nos jornais. Nessa noite, recebeu o famoso broche dourado que usaria por toda a vida. Com o formato de uma pauta musical contendo as primeiras notas de sua valsa *Walkyria*, o presente foi dado por um grupo de críticos teatrais, entre eles José do Patrocínio, Oscar Guanabara e Luiz de Castro.

## Amigos e família

Chiquinha se afirmou como compositora do teatro de revista e de drama, tendo colaborado, nos anos seguintes, para diversas produções, como *A Mulher-Homem* (1886), *O Zé Caipora* (1887), *O Crime do Padre Amaro* (1890), *Abacaxi!* (1893) e *Zizinha Maxixe* (1895). Esta última entraria para a história por conter um dos maiores sucessos de sua carreira, o tango *Gaúcho*, que ficou popularmente conhecido como *Corta Jaca*.

*Ai, ai,  
como é bom dançar, ai!  
Corta jaca assim,  
assim, assim  
Mexo com o pé!  
Ai, ai, tem feitiço, tem, ai!  
Corta meu benzinho assim,  
assim!*

Foi grande defensora e colaboradora do movimento abolicionista, comparecendo aos eventos organizados pelo amigo José do Patrocínio e participando de recitais cuja renda era destinada à Confederação Libertadora para a compra de alforrias. Ao celebrar a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, dedicou um hino para coro e piano à princesa Isabel.

Em agosto de 1889, promoveu um grande concerto no Imperial Teatro São Pedro de Alcântara (atual João Caetano) em apoio ao maestro Carlos Gomes, que vinha encontrando dificuldades para encenar a ópera de sua autoria *O Escravo*.

Dos filhos, manteve contato apenas com João Gualberto, que a informava sobre a vida dos familiares, os quais ainda a renegavam. Quando soube que o pai estava próximo da morte, em 1891, tentou um último encontro. A visita, contudo, não foi aceita. “Chiquinha, minha filha, há muito já é morta”, teria dito José Basileu.

## Ó abre alas

The image shows a musical score for the piece "Ó Abre Alas". It is a march in 2/4 time, marked "Allegro". The score is for piano and voice. The piano part is in the left hand, and the vocal part is in the right hand. The lyrics are: "O a-bre a-las. Eu... que-ro pas-sar O a-bre a-las. Eu... que-ro pas-sar. Ra-sa de Ou-ro Não po-de re-". The score is titled "Ó ABRE ALAS" and "Marcha Carnavalesca". The composer is "Francisca Gonzaga (1847-1935)" and the lyrics are by "Música e letra".

8. Partitura de *Ó Abre Alas*, composição de 1899

No início de 1899, sob a inspiração dos sons do Cordão Carnavalesco Rosa de Ouro, cujo local de ensaios era ao lado de sua casa, no bairro do Andaraí, Chiquinha compôs, despreziosamente, sua música mais famosa e que entraria para a história como a primeira canção de carnaval: *Ó Abre Alas*.

*Ó abre alas, que eu quero  
passar  
Ó abre alas, que eu quero  
passar  
Eu sou da lira, não posso negar  
Eu sou da lira, não posso negar*

*Ó abre alas, que eu quero  
passar  
Ó abre alas, que eu quero  
passar  
Rosa de Ouro é quem vai ganhar  
Rosa de Ouro é quem vai ganhar*

Na virada do século XIX para o XX, esses dias de festa eram celebrados sem música, como no caso do entrudo e de outras manifestações de rua, ou ao som de valsas, polcas e maxixes, todos sem letra, apenas instrumentais. *Ó Abre Alas* não teve repercussão imediata, ficando restrita aos cortejos do Rosa de Ouro, mas se popularizou nos anos seguintes, quando foi lançada sua partitura e incluída na peça de costumes *Não Venhas!*, em 1904, e quando a Banda da Casa Faulhaber gravou-a pela primeira vez em disco, em 1911.



9. Batalha de confetes, em 1907, na Avenida Beira-Mar

A música de carnaval só se firmaria como um gênero estabelecido no final da década de 1910, depois do sucesso de *Pelo Telefone*, de Donga e Mauro de Almeida. No entanto, a maestrina é reconhecida como pioneira. “Numa época em que as classes sociais mantinham seus espaços rigidamente definidos, Chiquinha não hesita em trazer para o salão o que era da rua. (...) Mereceu, com isso, reconhecimento eterno: o carnaval jamais a esqueceu”, afirmou a biógrafa Edinha Diniz.

Ainda em 1899, tornou-se sócia honorária do Clube Euterpe, também conhecido como Estudantina Euterpe, onde atuou como diretora musical das *soirées* promovidas pela agremiação. Lá, conheceu o jovem português João Batista Fernandes Lage, 36 anos mais jovem, e que seria seu companheiro pelo resto da vida. Entretanto, devido à diferença de idade, ela muitas vezes o apresentava como sendo seu filho.

## Período em Portugal

O casal viajou à Europa duas vezes antes de morar em Lisboa, entre 1906 e 1909. Durante uma dessas viagens, em Berlim, Chiquinha encontrou, à venda, partituras de músicas suas editadas no exterior sem seu conhecimento. O episódio foi determinante para a liderança que ela exerceria mais tarde frente ao movimento em defesa dos direitos autorais.

Em pouco tempo, a maestrina se integrou à cena cultural portuguesa, colaborando para diversas produções teatrais. Estendeu sua ação à esfera social ao participar de recitais beneficentes em favor de crianças desabrigadas por um terremoto na província do Ribatejo. Compôs, ainda, uma marcha intitulada *O Século* e destinou a arrecadação das vendas da partitura às famílias afetadas.

A edição de 8 de agosto de 1908 do jornal português *Novidades* publicou um texto assinado pela líder feminista Madeleine Frondoni

Lacombe exaltando a brasileira: “... grande admiração que nos inspira uma mulher de súbito valor, não somente como compositora musical, mas também nas suas superiores qualidades do coração, que se revelam em muitos atos particulares da sua vida, cheios de abnegação”.

Em 1911, já de volta ao Brasil, fez sucesso com as composições do *vaudeville Casei com Titia* e da peça *Manobras do Amor*. O ano seguinte lhe reservaria seu maior sucesso no teatro.

Em junho estreou a burleta (comédia musical) *Forrobodó*, escrita por Luiz Peixoto e Carlos Bettencourt, que atingiu a impressionante marca de 1.500 apresentações, repletas de aplausos e pedidos de bis a suas músicas, como *Maxixe da Zeferina*, *Não Se Impressiona* (trecho a seguir) e a modinha que mais tarde seria rebatizada de *Lua Branca*.

*(Guarda)*  
*Forrobodó de massada*  
*Gostoso como ele só*  
*É tão bom como a cocada*  
*É melhor que o pão de ló*  
*(Coro)*  
*Forrobodó de massada*  
*Gostoso como ele só*  
*(Guarda)*  
*Xi a zona está estragada*  
*(Coro)*  
*Meu Deus que forrobodó*  
*(Guarda)*  
*Tem enguiço, tem feitiço*  
*Na garganta faz um nó*  
*(...)*  
*(Guarda)*  
*Eu vejo que já não vejo*  
*(Coro)*  
*Meu Deus que forrobodó*

Em agosto do mesmo ano, o número de encerramento da peça *Pomadas e Farofas* revelou ao público outro grande sucesso do

repertório da autora Chiquinha Gonzaga: *Meu Deus, Que Maxixe Gostoso!*, com letra de Frederico Cardoso de Menezes.

*O maxixe brasileiro*  
*A dança mais sensual*  
*Tem fama no mundo inteiro*  
*E não encontra rival*

A compositora se envolveu indiretamente em uma controvérsia política em 1914, quando a primeira-dama e caricaturista Nair de Tefé tocou ao violão o *Corta Jaca* durante recepção oferecida pelo presidente Hermes da Fonseca no Palácio do Catete.



9. Nair de Tefé, pianista, cantora e caricaturista

Pela primeira vez uma música popular nacional ressoava nos salões do palácio presidencial, o que causou revolta na oposição. Rui Barbosa, que perdera a eleição de 1910 para Fonseca, usou o fato para questionar a decência familiar de seu rival, afinal, o *Corta Jaca* era “a mais baixa, a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens”.

Alheia à polêmica, Chiquinha começou a trabalhar também com o teatro de costumes regionais. A primeira dessas peças musicada por ela foi *Sertaneja*, de 1915. Seu maior sucesso nesse gênero seria *Juriti*, de 1919.





11. Vicente Celestino, Chiquinha, Gilda de Abreu e Viriato Corrêa, autor da opereta *Juriti*, musicada pela compositora

## Defensora dos direitos autorais

Em 1917, convocou a reunião que resultou na fundação da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (Sbat), primeira entidade arrecadadora de direitos autorais do país. Foi a vitória de uma campanha liderada por ela há alguns anos, como atesta a edição de 7 de janeiro de 1913, na qual se dizia cansada de ser explorada e de trabalhar para outros sem o devido retorno. Os empresários tentaram contestar a atuação da Sbat, mas a reivindicação era legítima, amparada pelo Código Civil aprovado no ano anterior.

Chiquinha foi homenageada pela instituição quando completou 78 anos, com a inauguração de um retrato seu no salão de honra da sede da Sbat, no centro do Rio. Durante sua velhice, frequentou quase que diariamente o local, onde sempre era reverenciada por autores e compositores.



12. Em 1925, quando foi homenageada pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

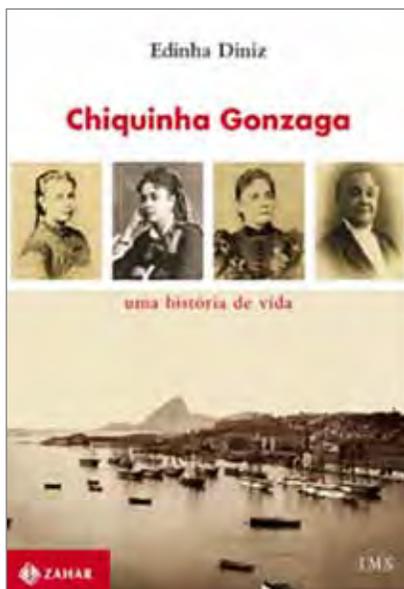
Continuou a trabalhar na cena teatral até 1933, quando estreou *Maria*, de Viriato Corrêa, última peça musicada por ela.

Chiquinha Gonzaga morreu em casa, na Praça Tiradentes, no dia 28 de fevereiro de 1935, aos 87 anos. Foi sepultada no cemitério São Francisco de Paula, no Catumbi, onde amigos e admiradores se acotovelavam para prestar as últimas homenagens à maestrina.

## Reconhecimento e muitas homenagens

A partir de conversas com o marido/filho João Batista Fernandes Lage, a jornalista Mariza Lira escreveu a biografia *Chiquinha Gonzaga: Grande Compositora Popular Brasileira*, publicada em 1939 e reeditada em 1978 pela Funarte. A autora também organizou o movimento que resultou na instalação do busto em homenagem à compositora no Passeio Público, em 1942. Em 1984, a segunda biografia, *Chiquinha Gonzaga: uma História de Vida*, de Edinha Diniz, divulgou ao público o

nome de João Batista de Carvalho, não revelado no livro anterior, e sua relação amorosa com Chiquinha.



13. Capa da biografia

A importância de sua obra para a consolidação da música popular brasileira foi sendo cada vez mais reconhecida. Em 1940, o escritor Mário de Andrade publicou um artigo no qual se lia: “Vivendo no Segundo Império e nos primeiros decênios da República, Francisca Gonzaga teve contra si a fase musical muito ingrata em que compôs; fase de transição, com suas habaneras, polcas, quadrilhas, tangos e maxixes, em que as características raciais ainda lutam muito com os elementos da importação. (...) A gente surpreende nas suas obras os elementos dessa luta como em nenhum outro compositor nacional”.

*“Chiquinha Gonzaga estava inteiramente à vontade no terreno da música popular. (...) Era como um simples instrumento sensível, através do qual a alma carioca exprimia o melhor do seu sentimento”.*

Andrade Muricy, crítico musical, em edição do Jornal do Commercio/1943.

Os cinquenta anos de sua morte foram lembrados pela Estação Primeira de Mangueira no carnaval de 1985, quando apresentou o enredo *Abram Alas Que Eu Quero Passar*. Voltou a ser homenageada na Marquês de Sapucaí pela Imperatriz Leopoldinense em 1997, 150 anos após seu nascimento, com o samba *Eu Sou da Lira, Não Posso Negar*.



14. Desfile da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense

A minissérie *Chiquinha Gonzaga*, da TV Globo, exibida em 1999, lembrou às gerações mais jovens sua importância histórica. Gabriela Duarte e Regina Duarte interpretaram a protagonista em diferentes fases da vida. Sucesso no Brasil, também foi exibida em países como Chile, Equador, Rússia, França, Portugal, Polônia, Costa do Marfim e Vietnã. A produção foi lançada em DVD em 2008.

Desde 2005, seu acervo pessoal – fotografias, manuscritos, recortes de jornais e partituras – está sob a guarda do Instituto Moreira Salles, responsável pela preservação, organização e difusão do material.

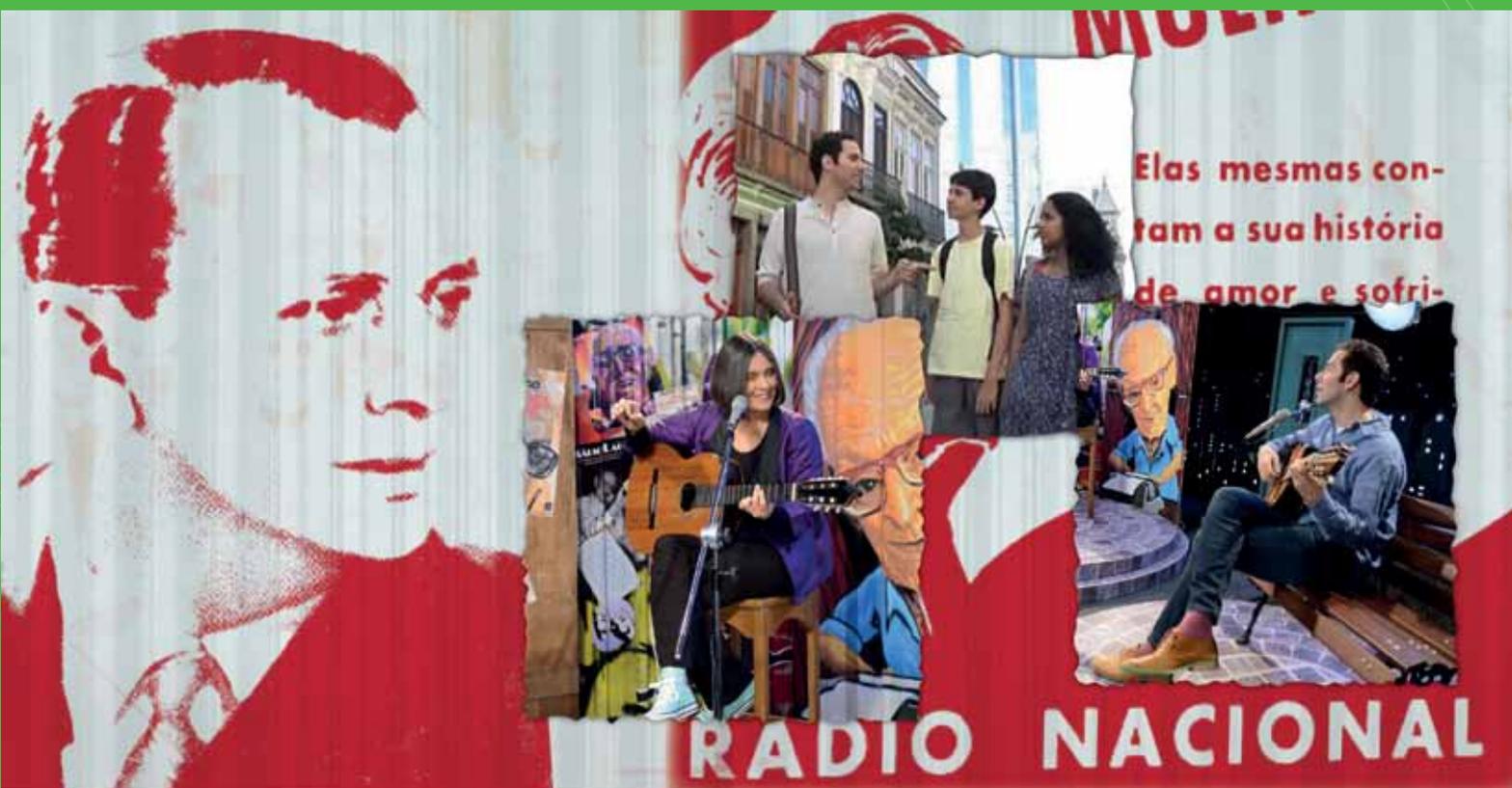




# Mário Lago

*Eu não sou saudosista. Não fico lamentando: "Ah, o meu tempo..." Meu tempo é hoje. Não fico na calçada vendo o desfile passar. Eu vou junto.*

Mário Lago





1. Mário Lago em família

Quando o maestro Antônio Lago viu o aspecto de seu filho recém-nascido, em 26 de novembro de 1911, percebeu logo que o nome inicialmente planejado não lhe cairia bem. Com mais de meio metro e menos de três quilos, arrancado a fórceps do útero da mãe, Francisca Maria Vicência Croccia Lago, o bebê que deveria se chamar Mário de Pádua Jovita Correia do Lago foi batizado apenas Mário Lago. “Na hora do registro, meu pai pensou: é muito nome pra esse langancho levar pro resto da vida. Está arriscado a nem vingar...”, diria o próprio, mais tarde.



2. Primeiro registro fotográfico de Mário

As previsões pessimistas de Antônio não se concretizaram e o filho único do casal Lago cresceu saudável numa região do centro do Rio conhecida como bairro de Santo Antônio, entre a Lapa e a Praça da Cruz Vermelha. Pelo menos até 1918, quando o menino escapou por pouco de ser um dos cerca de 35 mil brasileiros, entre eles o presidente Rodrigues Alves, vítimas da epidemia de gripe espanhola ocorrida naquele ano.



3. O artista aos 4 anos

Antônio Lago tocava violino na sala de espera do Cinema Odeon, com músicos do naipe de Ernesto Nazareth e Heitor Villa-Lobos, e era responsável pela condução de orquestras em peças de teatro de revista, na Praça Tiradentes. Era a única fonte de renda da família, que morou em diferentes imóveis do bairro de Santo Antônio, de acordo com o permitido pelo difícil equilíbrio entre orçamento e aluguel.

*“Por entre casas de família se misturavam alguns bordéis e cabarês. Era, portanto, uma área limítrofe entre a cultura boêmia e o universo pequeno-burguês...”*

Mônica Velloso, autora da biografia *Mário Lago: Boemia e Política*, sobre o bairro de Santo Antônio

Francisca, ou Chiquinha, como era chamada, matriculou o filho, aos seis anos, em um curso particular oferecido pela poetisa Leonor Posada, no qual ele teve o primeiro contato com as letras e a matemática. No mesmo ano, começaram as aulas de piano com Lucília Villa-Lobos, esposa de Heitor Villa-Lobos, que exigia do menino seis horas diárias de estudo. Talentoso e aplicado, ele se dedicou ao instrumento até os 12 anos, quando assistiu a um concerto do pianista polonês Arthur Rubinstein, no Theatro Municipal. Ao imaginar a técnica e o esforço necessários para alcançar aquele nível, decidiu desistir de uma possível carreira de músico, para decepção dos pais e da professora.

## A infância pela cidade



4. Avenida Central, início do século XX

Mário iniciou o curso primário na Escola Santo Alberto, no Largo da Lapa, em 1919. Nas horas de lazer, a família gostava de frequentar a praia de Santa Luzia (onde hoje é o Aeroporto Santos

Dumont), mas os passeios que marcaram mesmo sua infância foram os feitos com o avô materno, Giuseppe Crocchia, pelo centro da cidade.

Anarquista e rebelde, o italiano Giuseppe lutou pela unificação da Itália, combatendo ao lado das tropas de Garibaldi. Deixou a terra natal para se tornar músico de navio, tocando violino em viagens marítimas, até que decidiu tentar a sorte no Brasil, onde se fixou. Contava suas histórias e casos ao neto que, encantado, tinha-o como uma espécie de ídolo. Nos passeios com o avô, Mário foi apresentado à cidade: conheceu as ruas, as linhas dos bondes e os diferentes tipos de cariocas, testemunhou o desmonte do Morro do Castelo e a construção da Cinelândia e ouviu samba pela primeira vez. Durante essas andanças, foi introduzido à boemia, ao acompanhar as idas de Giuseppe a uma cervejaria na Rua Visconde do Rio Branco. Lá, bebendo sua soda, assistia a apresentações de cançonetistas francesas e se divertia com projeções de uma tal novidade chamada cinema.

*“Não interessa o que eu fiz. Interessa muito a sociedade em que eu vivi, qual era a moldura do meu quadro.”*

Mário Lago, em depoimento à jornalista Isa Cambará

Em 1923, ingressou no curso ginásial do tradicional Colégio Pedro II, onde, inspirado por alguns professores, em especial o poeta e líder anarquista José Oiticica, ensaiou seus primeiros atos de militância. Entre eles, uma inusitada e bem-sucedida greve, cuja liderança lhe coube e na qual os alunos se recusaram a fazer provas enquanto perdurasse a recém-adotada regra que os obrigava, diariamente, a levar as próprias canecas ao colégio. Mário gostava, principalmente, do modo igualitário como Oiticica tratava estudantes e serventes.



5. Mário Lago com os pais

Durante sua adolescência, a família se mudou para um apartamento na Villa Ruy Barbosa, próximo à Praça da Cruz Vermelha, do qual saiu apenas ao casar. O extinto conjunto habitacional abrigou outros artistas, como o apresentador Silvio Santos, o maestro Heitor Villa-Lobos, o cantor Agnaldo Timóteo e o compositor Herivelto Martins. Da janela desse apartamento, com vista para o quartel da Polícia Central (futura sede do Departamento de Ordem Política e Social, o Dops), Mário viu um dos momentos mais marcantes de sua juventude e que refletiria em sua futura militância política. Aos 12 anos, testemunhou o assassinato, por policiais, do engenheiro Conrado Niemeyer, ferrenho opositor do então presidente Arthur Bernardes.

Em 1926, depois de passar o ano matando aula para andar pela cidade, foi reprovado e retirado do Pedro II pelo pai, que o obrigou a trabalhar de dia e estudar à noite. Encontrou emprego de revisor na editora Pimenta de Melo (revistas O Malho, Tico-Tico, Para-Todos e Fon-Fon), pela qual, em pouco tempo, passou a publicar sonetos. Logo depois, foi trabalhar como repórter iniciante no jornal O Radical. Concluiu o curso ginasial em 1928.

## Vida boêmia

Mário entrou para a Faculdade Nacional de Direito em 1930 e, a essa altura, já frequentava assiduamente cafés e bares da cidade.

Nesses estabelecimentos, fez amizade com alguns futuros parceiros artísticos, como Rodolfo Meyer, Custódio Mesquita e Paulo Graçindo. Seu local favorito, e também o de dez entre dez artistas da música popular da época, era o Café Nice, na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua Bittencourt da Silva.



6. Café Nice

Frequentado por João de Barro, Ary Barroso, Dorival Caymmi, Lamartine Babo e outros, o lugar “era o mercado, a bolsa de nossa música popular”, como definiu o escritor e compositor Nestor de Holanda, autor do livro *Memórias do Café Nice*. Mário costumava chegar no início da tarde e ficar até a noite, observando o movimento das calçadas e conversando sobre assuntos diversos com os amigos. No Nice, que visitava quase diariamente até seu fechamento, em 1960, escreveu alguns de seus maiores sucessos. Não por acaso, é um dos 11 nomes que aparecem na dedicatória do livro de Holanda.

As aulas do curso de Direito foram constantemente preteridas pelas mesas de bar, mas na faculdade fortaleceu a convicção política e os ideais comunistas. Assim, participou da fundação da Federação Vermelha dos Estudantes e do Círculo de Estudantes Ateus, e integrou a Juventude Comunista.

Em 1932, aconteceram as duas primeiras prisões das sete que sofreria ao longo da vida. Em uma delas, foi detido enquanto participava de um comício em homenagem aos três líderes do movimento comunista: (Vladimir) Lênin, (Rosa) Luxemburgo e (Karl) Liebknecht. Depois de dois dias, um amigo de Antônio Lago, segurança de um delegado, conseguiu a liberação de Mário. A segunda prisão ocorreu ao ser flagrado pichando um muro no bairro de Honório Gurgel. Foi transferido para Santana do Livramento, na fronteira com o Uruguai. Após ser libertado, viveu clandestinamente por dois meses no país vizinho.

## Estreia no teatro

A revista *Flores à Cunha*, escrita em parceria com Álvaro Pinto e encenada no Teatro Recreio em fevereiro de 1933, marcou a estreia de Mário Lago como autor teatral. O nervosismo, que o impediu de assistir ao espetáculo, só passou quando viu o público sair satisfeito.

Em dezembro, concluiu o curso de Direito. A cerimônia de formatura foi no Teatro João Caetano, na mesma noite em que, horas depois, haveria uma apresentação de sua segunda peça, *A Grande Estreia*, também em parceria com Álvaro Pinto. Foi o único momento no qual Direito e teatro coincidiriam em sua vida. Após três meses de estágio em um escritório de advocacia, engavetou o diploma e nunca mais o utilizou.

A primeira composição gravada, a marchinha *Menina Eu Sei de uma Coisa*, com Custódio Mesquita, foi lançada no fim de 1935, no lado B de um disco do cantor Mário Reis, mas não se tornou motivo de orgulho. A letra, inspirada em boatos sobre a vida particular de uma mulher da alta sociedade, fez Mário se sentir um “miserável dedo-duro”. “Eu tenho vergonha de cantar essa música”, disse no programa *Ensaio*, da TV Cultura, em 1973.

Na segunda metade da década de 1930, consolidou-se como autor e compositor. No teatro, das cinco revistas escritas com Custódio Mesquita, destacou-se *Rumo ao Catete*, de 1937, considerada “a melhor revista política dos últimos 20 anos”, como conta Mônica Velloso em *Mário Lago: Boemia e Política*. Do repertório dessas peças saíram alguns de seus primeiros sucessos musicais, entre eles *Sambista da Cinelândia* (trecho a seguir), gravado por Carmen Miranda em 1936, e *Nada Além*, composto com o amigo Custódio e lançado em 1938 pelo cantor Orlando Silva.

*Sambista desce o morro  
Vem pra Cinelândia, vem sambar!  
Que a cidade já aceita o samba  
E na Cinelândia só se vê gente  
a cantar*



7. Mário Lago, Custódio Mesquita e Orlando Silva

Em 1939, estreou no cinema, ainda atrás das câmeras, assinando o roteiro de *Banana da Terra*, ao lado de João de Barro. O musical de Ruy Costa entrou para a história graças ao número em que Carmen Miranda, caracterizada pela primeira vez como baiana, canta *O Que É Que a Baiana Tem?*, de Dorival Caymmi.

## Vida de artista

Convencido pelo amigo Roberto Martins, que seria seu parceiro mais constante em composições, com 17 músicas assinadas em conjunto, Mário largou, em 1940, o último emprego que teve não relacionado à arte, o posto de redator-chefe do Instituto de Estatística do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói.

A aposta deu resultado pouco tempo depois, quando, no carnaval do ano seguinte, estourou a marchinha *Aurora* (a seguir), um dos maiores sucessos de sua carreira e cantada até hoje, por todo o país, em bailes e blocos de rua. Coescrita com Roberto Roberti, a música ainda teve a colaboração voluntária de Roberto Martins, cujo altruísmo ao nunca exigir os créditos era citado por Mário como um exemplo do “espírito do Café Nice”.

*Se você fosse sincera  
Ôôôô, Aurora  
Veja só que bom que era  
Ôôôô, Aurora*

*Um lindo apartamento  
Com porteiro, elevador  
Um ar refrigerado  
Para os dias de calor  
Madame antes do nome  
Você teria agora  
Ôôôô, Aurora*

*Aurora teve inúmeras regravações e uma versão em inglês cantada pelo trio norte-americano Andrew Sisters no filme Segure o Fantasma (1941), com a dupla Abbot e Costello.*

Pois foi no salão do Nice que se originou sua composição mais famosa. Ao ouvir o baterista Almeidinha dizer “Amélia é que era mu-

lher de verdade”, em referência a uma lava-deira que tinha trabalhado na casa da irmã, a cantora Aracy de Almeida, Mário escreveu a letra de *Ai, Que Saudades da Amélia* (a seguir). Ofereceu o samba a Orlando Silva, Cyro Monteiro e Moreira da Silva, porém nenhum deles quis gravá-lo, considerando-o muito triste. Até que Ataulfo Alves musicou a letra e lançou a tempo de estourar no carnaval de 1942.



8. Mário Lago aos 30 anos

Ao longo do tempo, a música teve mais de 120 regravações. Entre os que a incorporaram ao repertório estão Sílvio Caldas, Zeca Pagodinho, Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Baden Powell, Radamés Gnattali e Roberto Carlos.

*Você só pensa em luxo  
e riqueza  
Tudo o que você vê, você quer  
Ai, meu Deus,  
que saudade da Amélia  
Aquilo sim é que era mulher*

*Às vezes passava fome  
ao meu lado  
E achava bonito*

*não ter o que comer  
Quando me via contrariado  
Dizia: “Meu filho, o que  
se há de fazer!”  
Amélia não tinha  
a menor vaidade  
Amélia é que era  
mulher de verdade*

Além do sucesso de *Amélia*, o ano registrou a estreia de Mário como ator no teatro, na peça *O Sábio*, de Joracy Camargo.



9. Mário Lago na peça *O Sábio*.

## Talento multimídia

Em 1944, mudou-se para São Paulo, onde foi trabalhar na Rádio Pan-Americana, a convite de Oduvaldo Vianna. Com ele, aprendeu a adaptar os roteiros de teatro para o rádio, meio no qual atuou como autor, ator, diretor e apresentador. A rápida e bem-sucedida

adaptação lhe rendeu a contratação pela Rádio Nacional, que o trouxe de volta ao Rio no ano seguinte. Entre suas atividades no novo emprego, estavam a adaptação de contos da literatura nacional para o programa *As Mais Belas Páginas do Romance Brasileiro* e o quadro cômico *Neguinho e Juracy*, do show de variedades *No Tabuleiro da Baiana*.



10. Estúdio da Rádio Nacional

Iniciou, em 1947, sua carreira de ator de cinema em *Asas do Brasil*, de Raul Roulien. Apesar de ter participado de 34 produções ao longo da vida, confessou não gostar de fazer filmes. “Para cada close é necessário mudar tudo, coisa que demora de 20 a 25 minutos. E, como se não bastasse, paga muito mal ao artista brasileiro”, registrou a biógrafa Mônica Velloso. Ainda assim, atuou em filmes emblemáticos do cinema nacional, como *Assalto ao Trem Pagador* (1962), *O Padre e a Moça* (1966) e *Terra em Transe* (1967).

A vida de compositor continuou exitosa com os lançamentos de *Atire a Primeira Pedra* (1944, trecho a seguir), mais um sucesso de carnaval em parceria com Ataulfo Alves; *Será?* (1945) e *Gilda* (1946), composta com Erasmo Silva.

*Covarde sei que me podem chamar  
Porque não calo no peito essa dor  
Atire a primeira pedra, ai, ai, ai  
Aquele que não sofreu por amor*



11. O parceiro Ataulfo Alves

## Encontro com Zeli

A militância política levou Mário a conhecer uma moça chamada Zeli Cordeiro em um comício do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em março de 1947. Filha de um dirigente do PCB, ela passou a ser sua companhia nos eventos do “Partidão”. Em pouco tempo começaram a namorar e, em novembro, estavam casados. Zeli seria sua companheira pelo resto da vida. Tiveram cinco filhos: Antônio Henrique, Graça Maria, Luiz Carlos, Mário e Vanda.



12. Zeli Cordeiro, Mário Lago e o filho

Depois de ser demitido da Rádio Nacional ao se desentender com um superior, foi para a Rádio Mayrink Veiga, conhecido reduto de artistas de esquerda. Lá ficou até ser preso pela terceira vez, em 1949, por estar na redação do jornal clandestino *A Classe Operária*. Nesse período, lançou seu primeiro livro, a coletânea de poemas *O Povo Escreve a História nas Paredes*.



13. Jornal A Classe Operária

Voltou a trabalhar em São Paulo entre 1949 e 1950, dessa vez na Rádio Bandeirantes. Disputou a eleição para deputado estadual, mas acabou derrotado e desempregado. Em discurso inflamado, chamou o governador Ademar de Barros de calhorda. Simplesmente esqueceu de que ele era o dono da emissora em que estava.

Retornou ao Rio e à Rádio Nacional, onde participou de alguns dos maiores sucessos da época, entre eles as novelas *O Direito de Nascer* e *Presídio de Mulheres*. Trabalhou ali até 1964.



14. Radionovela na Nacional

*“Entrava na Rádio Nacional às 10h e saía às 22h, 23h. Minha mulher até dizia que ela era minha esposa e a Rádio Nacional era minha amante”.*

Mário Lago em depoimento à revista Comunicação & Educação.

O ano de 1954 foi marcado por seus primeiros papéis como ator de televisão em programas da TV Rio e da TV Tupi e pela mudança para Copacabana, bairro em que viveu até o final da vida. O primeiro apartamento, na Rua Barata Ribeiro, seria lembrado pelos saraus frequentados por Cauby Peixoto, Dick Farney, Nora Ney e outros artistas.

## Viagem a Moscou

Participou de uma caravana à União Soviética organizada pelo PCB em 1957, incumbido de colaborar com a reestruturação da Rádio de Moscou. Levou alguns programas da Nacional para mostrar um exemplo de emissora popular, mas não agradou aos russos, desconfiados com o que lhes pareceu uma produção decadente e burguesa. Em resposta, Mário disse: “Olha, eu só tenho esperança que, se algum dia o Partido Comunista tomar o Bra-

sil, não faça o rádio que os camaradas estão fazendo. Vai ser uma chatice e ninguém vai ligar o rádio!”.

Tentou ainda conhecer o dia a dia dos artistas locais, mas os dirigentes soviéticos não gostaram da ideia. Por isso, apesar das boas condições de saúde, educação e moradia da população, voltou da viagem incomodado com o autoritarismo do regime comunista.

Mas foi o regime militar brasileiro que o incomodou de verdade. No dia 2 de abril de 1964, 24 horas depois do golpe que instaurou a ditadura no país, prenderam-no pela quarta vez, em seu apartamento. Durante os 58 dias em que esteve detido, Mário passou pelo Dops e pelos presídios da Ilha das Flores, na Baía de Guanabara, e Fernandes Vianna, na Rua Frei Caneca. Seu nome era um dos primeiros da lista de 35 profissionais da Rádio Nacional demitidos sumariamente pelo novo governo por serem considerados subversivos.

*“Eu nem vou contar à patroa que vim prender o senhor, senão vai ser briga por muito tempo. Ela é fã das suas novelas, não perde uma.”*

Um dos carcereiros de Mário Lago durante sua quarta prisão, em 1964.

Exilado do rádio, migrou de vez para a televisão. Em 1966, estreou como ator na Rede Globo, na novela *O Sheik de Agadir*. Aproveitou o papel do coronel nazista Otto Von Luckner para personificar e criticar, veladamente, a truculência dos militares brasileiros.

Voltou a ser preso no dia seguinte à promulgação do Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968. Saiu de camburão do Teatro Princesa Isabel, no qual estava em cartaz, para o

Regimento Caetano de Faria, no Estácio, onde compartilhou a cela com o ex-governador Carlos Lacerda e ficou até 31 de dezembro.

Não ficaria livre da repressão por muito tempo. Em fevereiro, permaneceu alguns dias no Dops por ter traduzido um livro sobre o Vietnã lançado pela editora Codex, que inseriu no fim da publicação alguns manifestos do jornal *O Estado de S. Paulo* considerados suspeitos. Em junho, foi preso pela sétima e última vez. O regime decidira deter alguns comunistas preventivamente, ele inclusive, durante a visita do magnata norte-americano Nelson Rockefeller ao Rio, para evitar que fizessem declarações ou denúncias contra a censura.

## Consolidação na TV



15. Mário Lago em novela

Na década de 1970, firmou-se como um dos principais atores da TV Globo, destacando-se nas novelas *Selva de Pedra* (1972), *Pecado Capital* (1975), *O Casarão* (1976) e *Nina* (1977). Por sua atuação nessas duas últimas, recebeu o prêmio de melhor ator pela Associação Paulista de Críticos de

Arte. Já pelo papel de Alberico em *Dancin' Days* (1978), ganhou o troféu Golfinho de Ouro, entregue pelo Museu da Imagem e do Som.

Nesse período também lançou os livros de memórias *Na Rolança do Tempo* (1976), centrado na infância e juventude, e *Bagaço de Beira-Estrada* (1977), com foco na carreira radiofônica e na militância política; além do livro de contos *No Rabo da Noite* (1978). Em 1978, com a abertura do regime em andamento, publicou no tabloide O Pasquim o poema *Figueiríadas* (trecho a seguir), de 23 estrofes, no qual abordou a situação do país e que lhe valeu a admiração de Carlos Drummond de Andrade.

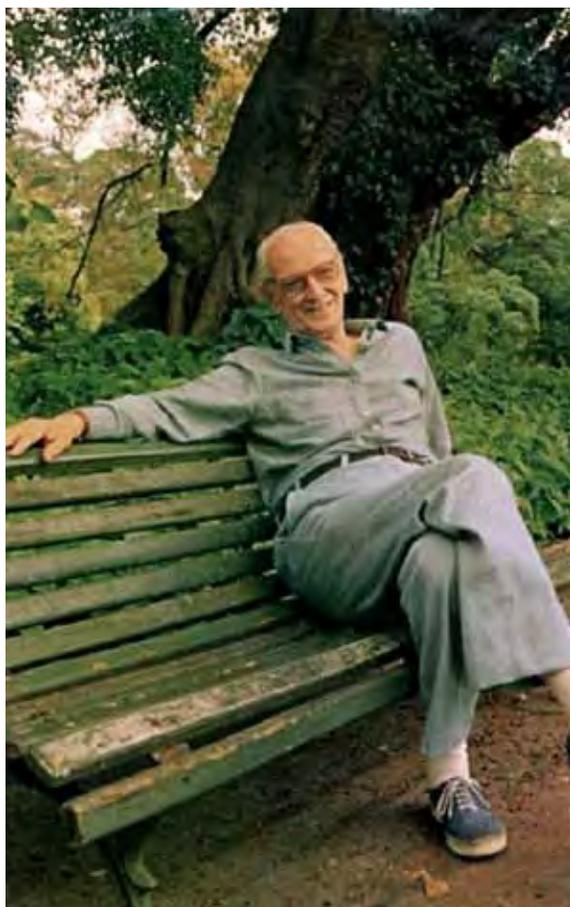
*Cale Ziraldo a criatividade;  
emudeça Jaguar sua ironia;  
Henfil mate a graúna sem  
saudades;  
Fique Max Nunes na cardiologia;  
Esqueça Anysio a versatilidade;  
Jô emagreça de melancolia,  
Que são todos, de humor triste  
arremedo  
Diante do humorista Figueiredo.*

## Vida bem vivida

Os 80 anos foram repletos de comemorações. Lançou o livro *Segredos de Família*, com textos seus, de Zeli e dos filhos, e saiu em turnê nacional no show *Mário Lago – Causos e Canções*, em que cantou sucessos e contou suas histórias de vida. O disco *Nada Além* reuniu grandes nomes da MPB, entre os quais Gal Costa e Paulinho da Viola, interpretando composições de sua autoria. A Câmara Municipal do Rio lhe conferiu o título de Cidadão Benemérito da cidade e, na noite de seu aniversário, foi festejado por seu time do coração, o Fluminense, em pleno gramado do Estádio das Laranjeiras.

Em 1997, sua esposa, Zeli, faleceu após 49 anos de casamento, e Gilberto Gil lhe dedicou a canção *O Mar e o Lago*.

*Rugas no rosto moreno  
Ondas no lago sereno  
Vento repentino  
Ares de menino*



16. Detalhe da capa do disco *Nada Além*

Quando completou 90 anos, despediu-se do trabalho na televisão com uma participação especial na novela *O Clone*. Sua carreira artística, incluindo os 97 papéis que interpretou na Rede Globo, foi celebrada no programa *Domingão do Faustão*, que passou a premiar anualmente grandes artistas pelo conjunto da obra com o Troféu Mário Lago.

Faleceu em 30 de maio de 2002, em casa, ao lado de filhos e netos. A pedido do próprio Mário, o velório, realizado no teatro João Ca-

etano, o mesmo onde se formou em Direito e encenou diversas peças, ocorreu em clima descontraído e ao som de samba.



17. Exposição *Eu Lago Sou*

No centenário de seu nascimento, o Concurso Nacional de Marchinhas carnavalescas da Fundação Progresso o homenageou dando seu nome ao troféu do certame. Em 2012, o filho Mariozinho Lago produziu o CD *Mário Lago: Canções Inéditas e Poemas Musicados*, no qual artistas como Arnaldo Antunes, Lenine, Frejat e Joyce Moreno musicaram versos do compositor. A exposição *Eu Lago Sou*, com fotografias, manuscritos, trechos de novelas e programas de rádio e discos originais, ficou em cartaz no Arquivo Nacional, no Rio, e, em 2013, teve temporadas em Brasília e Recife. Nesse mesmo ano, foi lançado o documentário homônimo, dirigido por Marcos Abugamra e Marcão de Oliveira.



# Paulo da Portela

*Cartola me dizia: "eu fiz muito pela Mangueira, mas o Paulo fez por todas as escolas".*

Monarco, compositor, em depoimento ao livro *Paulo da Portela: Traço de União entre Duas Culturas*





1. Paulo da Portela em 1949

Pouco se sabe sobre a infância do carioca Paulo Benjamin de Oliveira, nascido em 18 de junho de 1901. Os primeiros anos foram marcados pelo abandono do pai, Mario Benjamin de Oliveira, logo após o nascimento da irmã caçula, Isabel, e pela morte do irmão mais velho, Rogério. A necessidade de ajudar a mãe, Joana Batista da Conceição, obrigou-o a abandonar os estudos após o curso primário, substituídos pelo trabalho de entregador de marmitas em uma pensão.

O menino cresceu no bairro da Saúde, parte da região conhecida como Pequena África, que concentrava um grande número de moradores negros de diferentes origens desde meados do século XIX. Apesar das precárias condições nas quais sua população vivia, a área serviu como polo gerador e irradiador de diversas manifestações da cultura negra, entre elas o samba, a partir da segunda metade da década de 1910.



2. Bairro da Saúde, final do século XIX

Mas mesmo antes da popularização do ritmo em torno do qual construiria sua vida, Paulo já via o carnaval ser celebrado nas ruas do Rio, especialmente nos ranchos. Trazida para a cidade pelo baiano Hilário Jovino Ferreira, tenente da guarda nacional, a tradição de desfilar cantando no Dia de Reis foi adaptada para os festejos de momo em 1894, com a fundação do Reis de Ouro, e rapidamente se multiplicou.



3. Rancho carnavalesco

Os ranchos saíam na segunda-feira de carnaval, na Avenida Central (atual Rio Branco) e, ao lado das grandes sociedades,

eram a grande atração da folia carioca. Os cortejos, caracterizados pelas fantasias e músicas feitas especialmente para a ocasião, atraíam famílias e representavam o lado popular da festa. As escolas de samba, cujos desfiles competitivos começaram na década de 1930, tendo Paulo como um dos protagonistas, aproveitaram em sua estrutura algumas figuras consagradas dos ranchos, como o mestre de harmonia (ou mestre de canto), mestre-sala (ou baliza) e a porta-bandeira (ou porta-estandarte).

*Os desfiles das grandes sociedades, como Democráticos, Fenianos e Tenentes do Diabo, representavam o carnaval mais suntuoso, com carros alegóricos grandiosos. No início do século XX, a festa carioca também era marcada pelos cordões – grupos de homens fazendo arruaça e batendo tambores.*



4. Carnaval carioca no início do século XX

## Mudança para Oswaldo Cruz

Por volta de 1920, Paulo, sua mãe e a irmã foram morar no subúrbio de Oswaldo Cruz, em uma casa de vila na localidade conhecida como Barra Preta, na Estrada do Portela. Os subúrbios do Rio ainda tinham um aspecto predominantemente rural, e na roça de Oswaldo Cruz os moradores se relacionavam como uma família numerosa. As confraternizações ocorriam em festas realizadas em quintais como o de Esther Maria Rodrigues. Ex-porta-bandeira do rancho Estrela Solitária, de Madureira, Dona Esther recebia em sua casa políticos, artistas - entre eles Pinguinha e Donga - e vizinhos, como o jovem Paulo, que organizava o canto e a dança dos participantes, em uma demonstração de liderança natural.



5. Estação de trem Oswaldo Cruz

Na época, Paulo trabalhava como marceneiro e lustrador na fábrica de bilhar Lamas. A falta da educação formal, aliás, seria compensada por duas características que se manifestavam desde criança: o gosto pela leitura e o dom da palavra. “Parecia que tinha uma grande instrução, uma grande cultura. Aonde Paulo chegava agradava a todos. Ele lia muito”, disse o amigo e cofundador da Portela, Antônio Caetano, na

biografia *Paulo da Portela: Traço de União entre Duas Culturas*, de Lygia Santos e Marília Barboza da Silva.

Outra festa que Paulo não perdia era a de Seu Napoleão Nascimento. Lá, podia encontrar os sambistas do Estácio – Ismael Silva, Aurélio Gomes, Baiaco e Brancura –, levados por Dona Benedita, irmã de Napoleão e, ela própria, moradora do bairro no centro do Rio. Essa turma, pouco antes, havia criado uma nova cadência para o samba. Até então, o ritmo, popularizado a partir de 1917 com o sucesso de *Pelo Telefone*, de Donga e Mauro de Almeida, tinha um sotaque amaxiado, impróprio para os desfiles de rua que já vinham sendo feitos no Estácio. Assim, inventaram o “samba de sambar” e o passaram adiante, não só para o pessoal de Oswaldo Cruz, mas também para os morros da Mangueira, do Salgueiro e onde mais houvesse gente formando blocos e escolas de samba.

## Experiências pré-Portela

Depois de integrar o bloco Moreninhas de Bangu, Paulo fundou outro, em 1921, que foi a primeira agremiação carnavalesca de Oswaldo Cruz: o Ouro Sobre Azul, seguindo os moldes dos ranchos que marcaram os carnavais de sua infância. No ano seguinte, participou da criação de mais um bloco, o Baianinhas de Oswaldo Cruz, frequentado também por Antônio Caetano e Antônio Rufino, que viriam a se tornar seus grandes amigos.

Em 1923, passou a ser chamado de Paulo da Portela, em referência ao local onde morava e para diferenciá-lo do sambista Paulo Fernandes, que ficou conhecido como Paulo de Bento Ribeiro. Ele e os dois Antônio (Caetano e Rufino) tentaram incrementar a organização do Baianinhas com a criação de uma diretoria, mas logo se desligaram, após um desentendimento entre Rufino e o presidente da agremiação.

O trio de amigos decidiu, então, criar uma caixinha para o financiamento de um novo bloco. O acordo foi selado na residência de Seu Napoleão, e as primeiras festas, realizadas na casa de Paulo.

*“...a mãe do Paulo era a mãe de todo mundo, a Dona Joana. Todo mundo dormia na casa dela, ia pra lá, a gente cantava samba, jogava dominó, víspora, dama e ela agasalhava aquele pessoal todo”.*

Depoimento de Antônio Rufino no livro *Paulo da Portela – Traço de União entre Duas Culturas*.

Os encontros ficaram concorridos demais para a casa humilde da Barra Preta e os três usaram o dinheiro da caixinha para alugar um terreno próximo, na Estrada do Portela, 412. No local morava Seu Couto, presidente do Sport Club Portella, time de futebol que foi enfraquecendo à medida que o samba se fortalecia. “No início (...), só se cuidava de futebol. Paulo é que queria implantar o samba. Ia muito no Estácio, na Mangueira. Paulo chamava os outros: o Claudionor, a turma toda que tinha lá pra ir com ele. Ninguém ia não, tinha medo. Ele ia sozinho”, recorda Ernani Rosário, integrante da Velha Guarda da Portela, no livro de Lygia Santos e Marília Barboza da Silva.

Paulo usava o trem para visitar outros redutos do samba, observando e aprendendo o que queria para seu próprio bloco/escola. Não perdia a viagem e também utilizava o transporte como local de ensaio. Apelidada de “sede volante”, a composição que saía da Central do Brasil às 18h04, levando os moradores de Oswaldo Cruz de volta para casa depois do batente, ia ao som de muito samba. Percorrendo todo o vagão, Paulo ensinava as músicas aos participantes, organizava

o coro e colocava ordem no pessoal. A cantoria, muitas vezes, começava ainda na plataforma, e mesmo quem chegasse cedo esperava na estação pelo trem das 18ho4.



6. Estação Central do Brasil, 1930

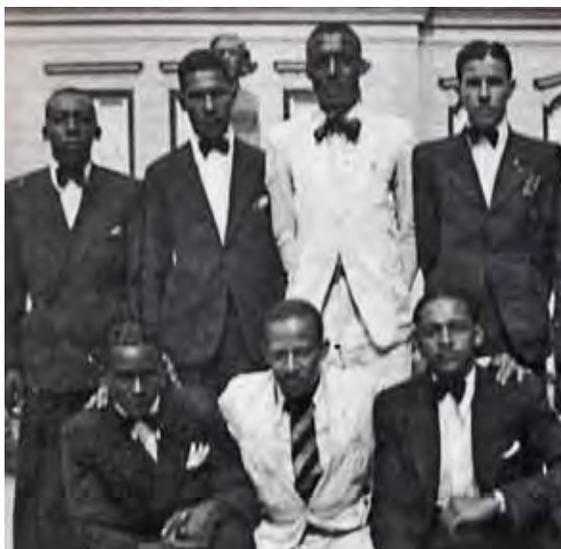
## Sambistas de respeito

Em 1924, compôs sua primeira música, *Tu Me Desprezas* (trecho a seguir), um samba de bloco, que, nessa época, consistia apenas em um refrão para ser cantado em coro enquanto os outros versos eram cantados de improviso, como ocorre nos dias de hoje no estilo de samba chamado de partido-alto. A composição permaneceu inédita até 2007. O primeiro lançamento de uma música sua, *Quem Espera Sempre Alcança*, ocorreu em 1931, na voz do cantor Mario Reis.

*Tu me desprezas  
Tu me abandonas  
Tens o prazer de me ver  
abandonado  
Não faz mal  
Oh, meu benzinho  
O mundo gira  
E na virada ainda te espero  
com carinho*

No dia 11 de abril de 1926, Paulo e os amigos concretizaram o sonho iniciado com a caixinha ao fundarem o Conjunto Carnavalesco Oswaldo Cruz, tendo Paulo como presidente e Caetano e Rufino como secretário e tesoureiro. Mais do que criar uma agremiação, ele criaria uma nova imagem para o samba e seus adeptos. Veio desse tempo seu famoso lema: “sambista, para fazer parte do nosso grupo, tem que usar gravata e sapatos. Todo mundo de pés e pescoço ocupados”.

O objetivo era mudar a imagem do sambista-marginal, ainda predominante nas classes mais altas. Para dar o exemplo, Paulo mandou confeccionar ternos brancos para ele e os principais membros da diretoria, além de comprar sapatos, gravatas e chapéus de palha.



7. Paulo (em pé, de terno branco) e outros sambistas

Esse desejo de transformação também tinha a ver com as diferenças de comportamento entre os negros do Centro e do subúrbio, que ele percebeu quando se mudou para Oswaldo Cruz. Como relatou a biógrafa Marília Barboza da Silva em depoimento ao documentário *Paulo da Portela: o Seu Nome Não Caiu no Esquecimento*, de Dermal Neto: “ele começa a identificar o terreno e vê aqueles negros que baixavam a cabeça para os ricos. Gente da roça vinda

do interior, do Vale do Paraíba, vinda de Minas. Completamente diferente daqueles altivos iorubás que ele conhecia lá do centro da cidade (...). Ele percebeu que era um problema de postura. Ele era do outro lado! Sabia como era do outro lado. O pessoal de Oswaldo Cruz e Madureira não sabia. Então, ele tomou como meta transformar aquele lugar numa coisa boa, como era no centro da cidade.”

Em 1929, os bambas de Oswaldo Cruz participaram do primeiro concurso de sambas, ao lado de representantes do Morro da Mangueira e do Estácio. Idealizado pelo mangueirense Zé Espinguela, o evento teve como vencedor Paulo e companhia e serviu de base para o que seria, a partir de 1932, o concurso das escolas de samba. A vitória veio com músicas compostas por Antônio Caetano e Heitor dos Prazeres.



8. Heitor dos Prazeres

Heitor, egresso do Estácio e que tinha trânsito livre em todas as rodas de samba, gravadoras e emissoras de rádio, havia sido convidado por

Paulo para integrar o bloco com o intuito de criar um elo entre o subúrbio e a cidade. Por sugestão sua, o Conjunto Carnavalesco Oswaldo Cruz passou a se chamar Quem Nos Faz É o Capricho. A parceria, no entanto, durou pouco, pois, no mesmo ano, Heitor foi acusado de gravar como sendo seu um samba de Rufino. A atitude, comum entre os sambistas do Centro, não agradou à turma da Estrada do Portela, que o declarou *persona non grata*. Apesar disso, Paulo e Heitor continuaram amigos.

## Embaixador do samba

Enquanto isso, o bloco ia crescendo e ganhando popularidade. Para apagar qualquer lembrança da passagem de Heitor dos Prazeres por Oswaldo Cruz, a agremiação mudou o nome para Vai Como Pode, além de confeccionar uma nova bandeira, idealizada por Caetano, já nas cores azul e branca e tendo a águia como símbolo.

Erguendo essa bandeira, a Vai Como Pode participou, em 7 de fevereiro de 1932, do primeiro desfile competitivo de escolas de samba, idealizado pelo jornalista Mário Filho para movimentar o período de recesso dos times de futebol. Dezenove associações passaram pela Praça Onze sob o olhar dos jurados, que declararam a Estação Primeira de Mangueira campeã e a Vai Como Pode vice, ao lado da Para o Ano Sai Melhor.

*Durante os primeiros desfiles, as escolas podiam cantar até três sambas, que não eram necessariamente relacionados ao enredo representado pelas fantasias e alegorias. Sem amplificação de som, a cantoria era garantida pelo coro das pastoras e pela voz dos mestres de canto, função na qual Paulo se destacava.*

O evento, amplamente divulgado na imprensa, despertou o interesse do público e assegurou sua realização nos anos subsequentes. Em 1933, a Vai Como Pode ficou em quarto lugar, seguido por outro vice-campeonato, em 1934.

Nesse ano, dois fatos ilustram a posição de embaixador do samba que Paulo havia tomado para si. Em setembro, foi fundada a União das Escolas de Samba, e Paulo da Portela nomeado primeiro tesoureiro. Pouco depois, em visita à sede da Prazer da Serrinha (escola próxima a Oswaldo Cruz que originaria a futura rival Império Serrano) para desejar-lhe, na forma de um samba improvisado, um futuro promissor, o compositor recebeu um samba-resposta no qual o saudavam como “Príncipe Negro”.

## O primeiro título

Com o sucesso dos anos anteriores, a Prefeitura do Rio decidiu, em 1935, incluir o desfile no calendário oficial da cidade e subvencionar regularmente a festa. Em 3 de março, a Vai Como Pode se sagrou campeã do carnaval carioca, pela primeira vez, cantando os sambas *Linda Guanabara*, de Paulo, e *Alegria Tu Terás*, de Caetano.

*Como é linda a nossa  
Guanabara  
Joia rara, que beleza!  
Quando o nosso céu está todo  
azul  
Anoitece e o céu se resplandece  
Em seu bordado de estrelas  
Vê-se o Cruzeiro do Sul*

Dois meses depois, a escola mudou de nome pela última vez, para Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela. A alteração era uma exigência do delegado Dulcídio Gonçalves, responsável pelas licenças para o desfile e que considerava o nome

anterior vulgar. Paulo tentou argumentar, mas acabou por aceitar a sugestão do próprio delegado de aproveitar o endereço da sede.

Em junho, em ação promovida pelo jornal *A Nação*, Paulo foi eleito, por voto popular, o melhor compositor de escola de samba. A honraria, porém, resultou em uma desavença com Caetano, que acabou se afastando do amigo e da escola. Caetano assumiu uma dívida para adquirir exemplares do periódico e distribuir os cupons de votação encartados, e esperava quitá-la com o dinheiro do prêmio. Paulo, no entanto, gastou-o comprando presentes para os organizadores do concurso.

Ano novo, título novo, ao menos para Paulo, escolhido Cidadão Momo pelo jornal *Diário da Noite*. Preso à agenda imposta pelo cargo, não participou do desfile da Portela, classificada em terceiro lugar, que cantou um dos sambas mais bonitos de sua autoria: *Cidade Mulher*.

*Cidade, quem te fala  
é um sambista  
Anteprojeto de artista  
Teu grande admirador  
Me confesso boquiaberto  
De manhã quando desperto  
Com tamanho esplendor*

Em 1937, mais um título pessoal: Cidadão Samba, dessa vez nomeado pela União das Escolas de Samba. Com a autoridade do cargo, escreveu um decreto publicado no jornal *A Pátria* no qual determinava, entre outras coisas, que “todos os aristocratas desta democratíssima República são condenados, sumariamente, a aderir ao meu governo, a fim de compreender que o samba é feito de pedaços d’alma, cintilações do cérebro, muito amor e grande dose de amor pátrio”. Enquanto isso, a Portela ficou em segundo lugar no desfile.





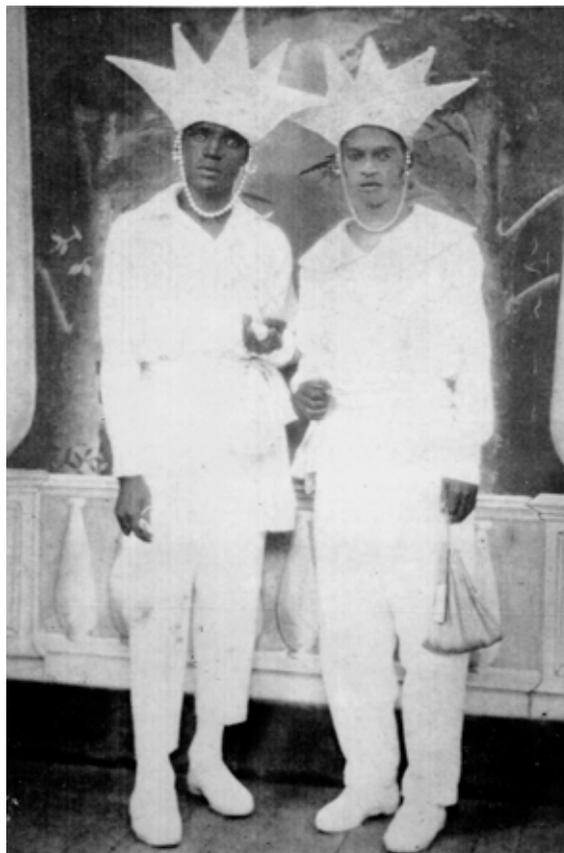
9. Exemplar do jornal O Radical

## Desfile inovador

Depois de fortes chuvas impedirem a avaliação das escolas no carnaval de 1938, Paulo deu um tempo nas atividades “diplomáticas” para se dedicar com mais afinco ao desfile da Portela em 1939. Deu resultado. Ao som de *Teste ao Samba*, que para muitos é considerado um dos primeiros sambas-enredos da história, a agremiação de Oswaldo Cruz se apresentou de maneira inédita. Música, fantasias e alegorias se harmonizaram para levar ao público e aos jurados um modelo de desfile que se tornaria padrão por décadas seguintes. Portela campeoníssima.

Em junho, Paulo casou-se com a empregada doméstica Maria Elisa dos Santos, sobrinha de Seu Napoleão Nascimento e com quem namorava desde 1935. Preocupada com a estabilidade financeira do casal, a esposa logo lhe arranhou, por intermédio de uma ex-patroa, um emprego na Caixa Econômica

Federal. Ela era descrita pelos amigos mais próximos como a única presença equilibrada na vida tumultuada do compositor.



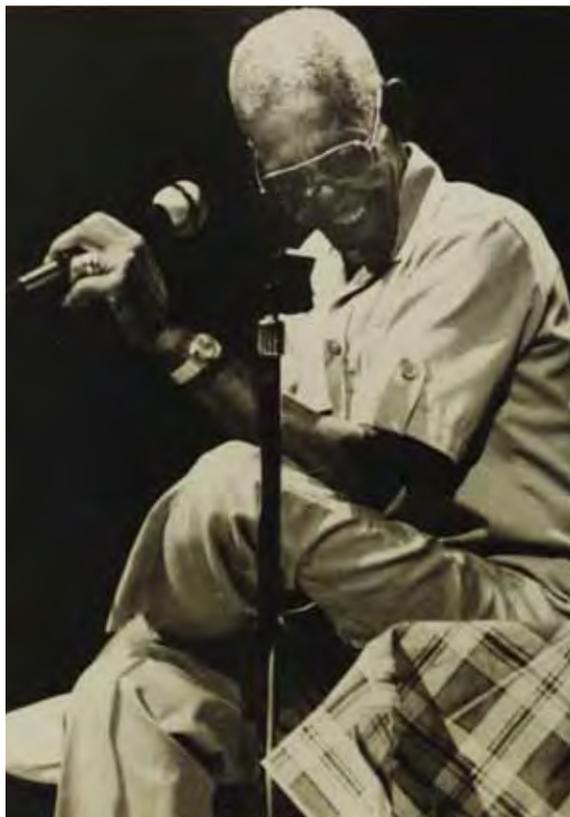
10. Paulo (à esquerda), em carnaval da década de 1930

## Fora de sua Escola

Em fevereiro de 1941, Paulo viajou a São Paulo para um show junto com os amigos Cartola e Heitor dos Prazeres. O trio voltou ao Rio no dia dos desfiles e se dirigiu diretamente à Praça Onze, ainda com o figurino preto e branco do evento paulistano, com um acordo: sairiam juntos nas escolas dos três.

Depois de se apresentarem sem problemas pela Mangueira, acabaram sendo barrados por Manoel Bambabam na concentração da Portela. Desafeto de Heitor desde os tempos da Quem Me Faz É o Capricho, Manoel não permitiu que os convidados desfilassem com roupas de cores diferentes das da escola. Paulo retrucou e, diante de nova

negativa, deu o ultimato de que ou desfilariam os três ou ele não desfilaria. Manoel não se sensibilizou e Paulo foi embora.



11. Cartola

Cartola acolheu o amigo desnordeado em sua casa. Quando o resultado revelou a vitória da Portela (com enredo desenvolvido por Paulo), o mangueirense levou-o de volta para Oswaldo Cruz. A recepção foi fria e indiferente, à exceção de Bambabam, que disse “não queremos mais esse moleque aqui dentro!”. Sem ouvir contestações a seu favor, Paulo encerrou o assunto: “Sois uns ursos!”. O desentendimento afastou-o pelo resto da vida da escola criada por ele. De bom, rendeu ao menos o belo e melancólico samba *O Meu Nome Já Caiu no Esquecimento*.

*E o tempo foi passando  
A velhice vem chegando  
Já me olham com desdém  
Ai, quanta saudade de um  
passado  
Que se vai lá no além*

*Chora cavaquinho, chora  
Chora violão também  
O Paulo no esquecimento não  
interessa a mais ninguém  
Chora, Portela  
Minha Portela querida  
Eu que te fundei  
Serás minha toda a vida*

## Vida pós-Portela

Numa das poucas vezes em que voltou à sede da Portela, em agosto do mesmo ano, levou o desenhista Walt Disney e sua equipe, em visita ao Rio. Comandou a roda e sambou na frente dos norte-americanos, que registravam tudo com suas câmeras. O resultado veio doze meses depois, com o lançamento do longa de animação *Alô, Amigos!* e a introdução de um novo personagem dos estúdios Disney: Zé Carioca. A biografia de Paulo sugere que ele próprio teria servido de inspiração para o papagaio sambista.



12. Sede da Portela

Depois de se desligar da Portela, aproximou-se da Lira do Amor, agremiação humilde de Bento Ribeiro. Tornou-se presidente, mas só conseguiu levá-la à avenida em 1946, quando terminou em um honroso

sexto lugar. Em novembro, participou, com personalidades ilustres como Jorge Amado, Oscar Niemeyer e Dorival Caymmi, da comissão de honra montada pelo jornal Tribuna Popular para um desfile promovido pelo Partido Comunista Brasileiro. “A presença de Paulo da Portela ao lado de nomes do plano mais elevado da inteligência brasileira revela claramente a posição de destaque então ocupada por ele”, diz sua biografia.

Em 1947, ele participou de seu último desfile de carnaval, no qual a Lira do Amor terminou novamente na sexta colocação. Um acidente fatal, logo após a apresentação, com um sambista querido da escola, conhecido como Caquera, fez com que a Lira não participasse do concurso em 1948. Nesse ano, reatou a amizade com Antônio Caetano, com quem não falava desde 1935.

## Legado do sambista

Paulo da Portela morreu enquanto dormia, em 30 de janeiro de 1949, vítima de um ataque cardíaco. Apesar dos apelos feitos à viúva Elisa para que o velório acontecesse na sede da escola que fundara, a despedida ocorreu em sua casa mesmo. Cerca de 15 mil pessoas acompanharam o cortejo em direção ao Cemitério de Irajá, onde foi sepultado.

*“Ele não voltou vivo, não vou permitir que volte morto!”*

A viúva Maria Elisa, em resposta aos pedidos para que o corpo de Paulo fosse velado na Portela.

Logo após sua morte, as músicas *Paulo da Portela* (de Aníbal e Caxinê, interpretada por Zé da Zilda) e *Chorou Madureira*

(de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira, cantada por Aracy de Almeida) prestaram homenagem à sua memória. Em 1956, foi inaugurada, em Madureira, próximo à sede original da Portela, uma praça com seu nome.



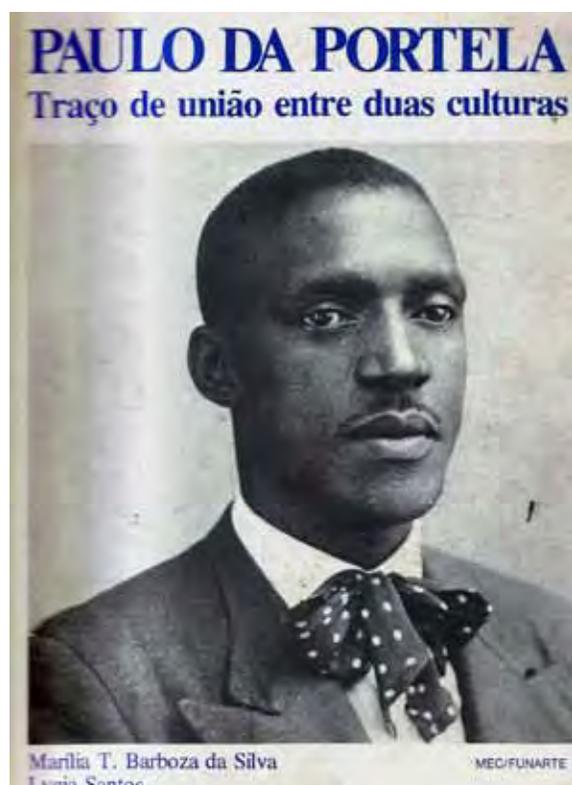
13. Integrantes da Velha Guarda da Portela

A influência de Paulo se mostrou decisiva para o sucesso da iniciativa de Paulinho da Viola, em 1970, de lançar no mercado fonográfico a Velha Guarda da Portela. A organização e os hábitos dos sambistas de Oswaldo Cruz, em parte implantados por ele, facilitaram o trabalho de Paulinho. Em troca, a Velha Guarda sempre buscou homenageá-lo, como na capa do primeiro disco (que contém sua composição *Cocorocó*): a imagem de uma janela pela qual se vê a sala de uma casa humilde e, na parede, uma foto de Paulo. Em 1988, o terceiro disco do grupo, *Homenagem a Paulo da Portela*, trouxe 14 músicas suas.



14. Capa do disco *Homenagem a Paulo da Portela*

Em 1979, a Funarte publicou a biografia *Paulo da Portela: Traço de União entre Duas Culturas*, de Lygia Santos e Marília Barboza da Silva.



15. Capa do livro *Paulo da Portela: Traço de União entre Duas Culturas*

No ano em que os desfiles foram transferidos para o Sambódromo e divididos em dois dias, em 1984, a Portela homenageou-o, junto com o antigo patrono Natal e a cantora

Clara Nunes, outros personagens históricos portelenses. Levou o título de domingo – considerado o 21º da escola, embora a Mangueira, vencedora da segunda-feira, tenha sido eleita a supercampeã daquele carnaval.

O compositor Marquinhos de Oswaldo Cruz retomou, em 1991, a tradição criada por Paulo de cantar samba no trem da Central. Desde então, o Pagode do Trem é realizado sempre em 2 de dezembro, Dia Nacional do Samba.

Em 2001, ano de seu centenário de nascimento, foi lançado o documentário *Paulo da Portela: o Seu Nome Não Caiu no Esquecimento*, de Demerval Neto. Em 2008, para provar de vez que sua história nunca será esquecida, a Portela inaugurou um busto de seu fundador na entrada do Portelão, sede atual da escola.



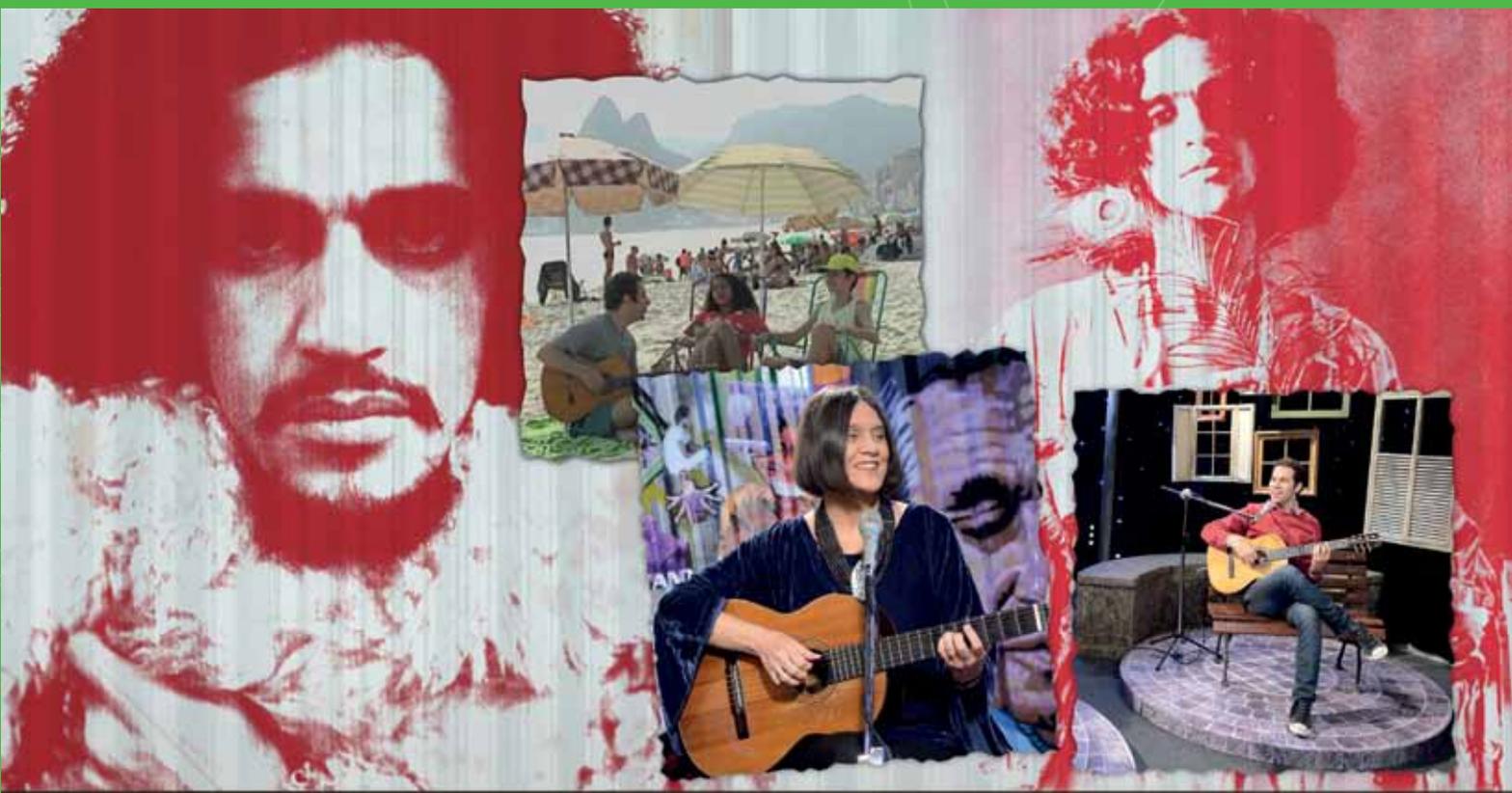
16. Desfile da Portela, em 1984, com o enredo *Contos de Areia*

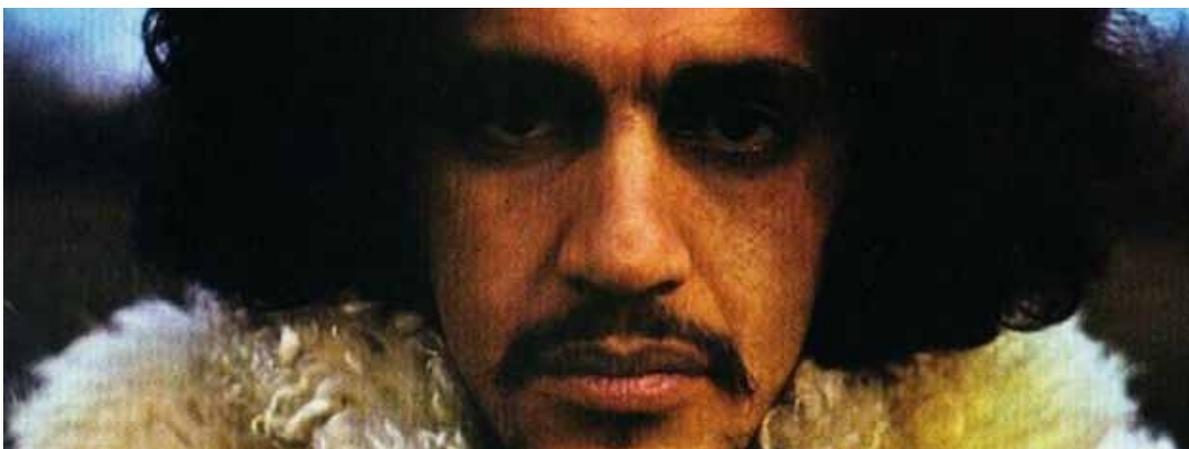


# Caetano Veloso

*As minhas letras são todas autobiográficas. Até as que não são, são.*

Caetano Veloso, em seu livro *Sobre as Letras*





1. Detalhe da capa do disco *Caetano Veloso* (1971)

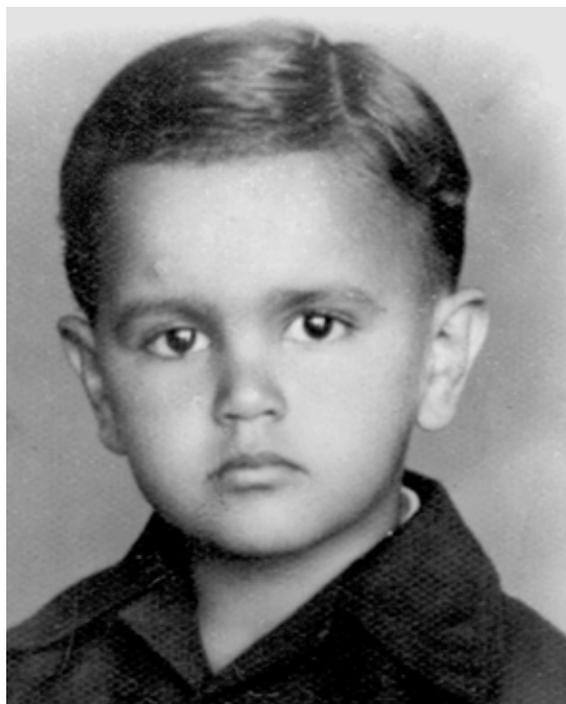
O quinto filho de José Telles Velloso (Zezinho) e Claudionor Vianna Telles Velloso (Dona Canô), nascido em 7 de agosto de 1942, em Santo Amaro, no Recôncavo Baiano, recebeu o nome do santo do dia e os sobrenomes simplificados, sem as consoantes dobradas: Caetano Emanuel Viana Teles Velloso. A numerosa família, que ainda contava com uma filha adotiva e pouco depois ganharia a companhia de mais duas filhas, habitava um espaçoso sobrado de dois andares e era sustentada pelo trabalho de Zezinho como agente postal telegráfico.



2. Caetano no colo da mãe

Nesse ambiente dominado por mulheres (além das cinco irmãs e da mãe, moravam no sobrado também uma tia e seis primas),

Caetano teve uma infância tranquila e precoce. No primeiro aniversário, já cantava *Parabéns pra Você*; aos três anos, dava sinais de que sabia ler e alternava as brincadeiras de criança com outro passatempo favorito: o rádio.



3. Caetano, menino de Santo Amaro

Gostava das vozes de Luiz Gonzaga, Dorival Caymmi, Orlando Silva, Sílvio Caldas e outros. Foi dele a sugestão de batizar a irmã mais nova de Maria Bethânia, mesmo nome de um samba-canção de sucesso na época, composto por Capiba e interpretado por Nelson Gonçalves.

A rotina pacata, porém, não foi capaz de aplacar a natureza questionadora do menino, que aos oito anos comunicou à família que não acreditava em Deus. “Eu levava uma vida pacífica, em meio a uma família grande e amorosa, nessa cidade pequena e bonita no seu urbanismo aconchegante. No entanto, não apenas a pobreza vista sempre de tão perto me levava a querer pôr o mundo em questão: os valores e hábitos consagrados estavam longe de me parecer aceitáveis”, escreveu Caetano em seu livro de memórias *Verdade Tropical*.

Ele gostava de observar pela janela de casa o vai e vem das pessoas na rua e se interessava pelas novidades que chegavam à cidade, como um circo e um parque de diversões itinerante. A partir do início da adolescência, seu grande interesse foi o cinema. Frequentava assiduamente as três salas de Santo Amaro, interessado em filmes de todas as procedências e aos quais fazia referência em diversas letras suas. Prestava atenção especial também às trilhas. A essa altura, já sabia tocar piano, aprendido com uma professora particular e com a irmã mais velha, Nicinha.



4. Cartaz do filme *La Strada*

“Um dos acontecimentos mais marcantes de toda a minha formação foi a exibição de *La Strada*, de Fellini, num domingo de manhã no Cine Subaé (...). Chorei o resto do dia e não consegui almoçar”.

Caetano Veloso, em *Verdade Tropical*.

## Rio e Salvador

No início de 1956, Caetano viajou ao Rio de Janeiro pela segunda vez, depois de ter passado as férias de verão de 1953 na então capital do país. A princípio, era apenas para fazer alguns exames médicos, mas ficou um ano na cidade, morando na casa de uma prima, no bairro de Guadalupe. Nesses 12 meses frequentou bastante os auditórios das rádios Mayrink Veiga e Nacional, onde, além dos programas de humor, assistiu aos principais nomes da música brasileira: Ângela Maria, Emilinha Borba, Dolores Duran, Marlene, Cauby Peixoto e outros.

O compositor se mudou para Salvador aos 17 anos, em 1960, com as irmãs Maria Bethânia e Nicinha, onde foi cursar o Ensino Médio no Colégio Severino Vieira. Mas antes disso, ainda em Santo Amaro, teve outra experiência marcante ao ouvir João Gilberto pela primeira vez. *Chega de Saudade*, o disco e a canção homônima que inauguraram a bossa nova e que já vinham fazendo a cabeça de tantos jovens, também teve impacto sobre Caetano. “Eu achei que era tudo que eu esperava de moderno, mas se dando naquilo que era mais vivenciado por mim cotidianamente, que era a música popular”, recordou no vídeo biográfico disponível em sua página na internet.



5. João Gilberto

Na capital baiana, manteve a paixão pelo cinema. De lá, escreveu textos sobre a sétima arte para o tabloide *O Archote*, de Santo Amaro, até 1962. Também produziu resenhas para o *Diário de Notícias*, cujo diretor da seção cultural era o cineasta Glauber Rocha. Caetano e Bethânia aproveitavam a oferta cultural de Salvador: teatro, concertos e museus. Um ano depois da mudança, começaram a realizar apresentações musicais em bares da cidade – ela na voz, ele ao violão.

Após concluir o Ensino Médio, Caetano ingressou na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, em 1963. Por essa época, conheceu os colegas com quem faria, dali a alguns anos, o movimento tropicalista: Gal Costa, Tom Zé e o melhor amigo Gilberto Gil. No mesmo ano, atuou na peça *O Boca de Ouro – Tragédia Carioca em Três Atos*, de Nelson Rodrigues, com direção de Álvaro Guimarães. Compôs a trilha sonora da peça a pedido de Alvinho, apelido do diretor que Caetano reconheceu como determinante para sua trajetória. “Bethânia e eu fazemos música por causa dele”, escreveu em 2008 em seu extinto blog *Obra em Progresso*.

Em agosto de 1964, o show *Nós, por Exemplo*, no Teatro Vila Velha, reuniu pela primeira vez os futuros doces bárbaros Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia e Gal Costa, ao lado de Alcyvando Luz, Antônio Renato, Djalma Correa e Fernando Lona. O show, mesclava textos e músicas da bossa nova e teve direção geral de Caetano e direção musical de Gil e Alcyvando. A imprensa local elogiou o espetáculo, destacando do repertório *Sol Negro*, do compositor, interpretada por Bethânia e Gal. O sucesso levou a uma reapresentação no mês seguinte, na qual o músico executou *Clever Boy Samba* (trecho a seguir), considerada sua primeira composição.

*Mesmo subdesenvolvida  
Eu vou fazendo a doce vida  
As brigittes vão passando  
E eu Belmondo  
Sigo na lambreta*

O ano seguinte marcou sua estreia no mercado fonográfico com o single *Caetano Veloso*, contendo *Cavaleiro* e *Samba em Paz*, ambas de sua autoria. Composições próprias também estiveram presentes no primeiro disco de sua irmã Bethânia: *De Manhã, no Carnaval* (em parceria com Jota) e *Sol Negro*. Em São Paulo, participou de outro show de sucesso ao lado dos amigos. Com direção de Augusto Boal e direção musical de Caetano, Gil e Jards Macalé, o espetáculo *Arena Canta Bahia* foi apresentado no Teatro Brasileiro de Comédia.

## Os festivais

Em 1966, mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro. Foi morar no Solar Santa Teresinha, também conhecido como Solar da Fossa. Pouco depois de estabelecido na cidade, começou a participar dos festivais de canção. *Boa Palavra* ficou em quinto lugar no Festival Nacional de Música Popular Brasileira (TV Excelsior). Já no II Festival

da Música Popular Brasileira, recebeu o prêmio de melhor letrista por *Um Dia*. Ambas as músicas foram interpretadas por Maria Odette.



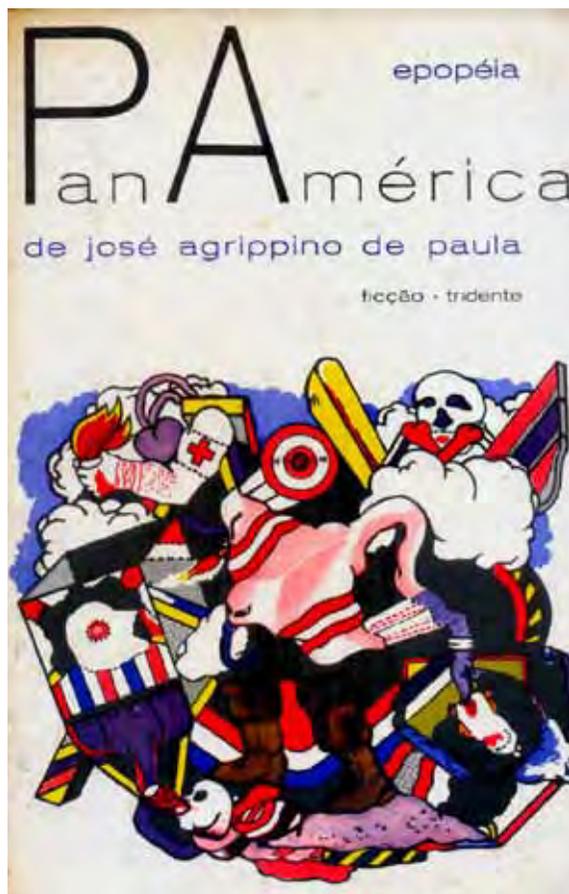
6. Solar da Fossa

*O Solar da Fossa ficava na divisa entre os bairros de Botafogo e Copacabana, onde hoje há um shopping center. Lá viveram, em diferentes momentos, artistas como Paulinho da Viola, Tim Maia, Paulo Coelho, Gal Costa, Gilberto Gil, Zé Ketí, entre outros. Há uma referência ao Solar na letra de Panis et Circenses, de Caetano e Gil.*

Caetano ganhou projeção nacional ao participar, em 1967, do programa *Esta Noite Se Improvisa*, na TV Record, no qual artistas tinham que lembrar de uma letra de música contendo uma determinada palavra. Ao lado de Chico Buarque, tornou-se um dos maiores vencedores da competição, graças ao seu conhecimento da música brasileira e à memória prodigiosa, que guardava lembranças dos programas de rádio ouvidos durante a infância em Santo Amaro.

Nesse ano, que foi dos mais movimentados na vida do compositor, ocorreram as principais manifestações artísticas que influenciaram

o tropicalismo: o filme *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, a montagem da peça *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade, o livro *Panamérica*, de José Agripino de Paula, e a exposição *Nova Objetividade Brasileira*, no Museu de Arte Moderna do Rio, que apresentou o penetrável (instalação) de Hélio Oiticica *Tropicália*.



7. Capa do livro *Panamérica*

Em julho, assistiu de longe à Passeata da MPB, também conhecida como “Passeata contra a guitarra elétrica”, em São Paulo. A mobilização contra o que era entendido, no momento, como um símbolo do imperialismo cultural norte-americano contou com a presença de nomes importantes da MPB, como Geraldo Vandré, Edu Lobo, Jair Rodrigues e até mesmo Gilberto Gil. Aconselhado por Nara Leão, optou por não participar do evento, que ia contra as ideias do movimento que estava por vir.

O III Festival de Música Popular Brasileira marcou o lançamento de tal movimento, ainda chamado de “som universal”,



quando Caetano e Gil apresentaram, respectivamente, *Alegria, Alegria* (4º lugar, trecho a seguir) e *Domingo no Parque* (2º lugar), acompanhados de guitarra elétrica. As duas canções “representam duas faces complementares de uma mesma atitude, de um mesmo movimento no sentido de livrar a música nacional do ‘sistema fechado’ de preconceitos supostamente ‘nacionalistas’, mas na verdade apenas solipistas e isolacionistas”, escreveu o poeta Augusto de Campos no jornal *O Estado de S. Paulo*.

*Caminhando contra o vento  
Sem lenço, sem documento  
No sol de quase dezembro  
Eu vou*

*O sol se reparte em crimes,  
Espaçonaves, guerrilhas  
Em cardinales bonitas  
Eu vou*

*Em caras de presidentes  
Em grandes beijos de amor  
Em dentes, pernas, bandeiras  
Bomba e Brigitte Bardot  
O sol nas bancas de revista  
Me enche de alegria e  
preguiça  
Quem lê tanta notícia  
Eu vou*

A carreira musical foi marcada pelo lançamento dos LPs *Domingo*, com Gal Costa, e *Caetano Veloso*. A maioria das faixas era de composições suas, incluindo algumas que se tornariam clássicos de seu repertório, como *Coração Vagabundo* (trecho a seguir), *Alegria, Alegria* e *Tropicália*. Sobre a primeira, o artista escreveu em seu livro *Sobre as Letras*: “É a minha canção de que mais gosto, acho. É a que mais resiste, porque é muito antiga, de quando conheci Gil, ou de antes ainda, de 1963, 1964”.

*Meu coração não se cansa  
De ter esperança  
De um dia ser tudo o que quer*



8. Capa do LP *Domingo*

O ano também registrou o casamento entre Caetano e a estudante de jornalismo, Dedé Gadelha. A união resultou no nascimento de Moreno Veloso, em 1972, e durou até 1982.

## Movimento tropicalista

Em fevereiro de 1968, o tal “som universal” passou a ser chamado de tropicalismo, com a publicação do artigo *Cruzada Tropicalista*, de Nelson Motta, no jornal *A Última Hora*. Em entrevista ao site [tropicália.com.br](http://tropicália.com.br), o compositor definiu o movimento musical como “um esforço no sentido de defender o que era essencial na bossa nova” e “o resultado da aproximação das personalidades de Gilberto Gil e Caetano Veloso”.

Os dois amigos encabeçaram a concepção do álbum-manifesto *Tropicália ou Panis et Circenses*, lançado em julho. Compuseram, juntos ou separados, oito das 12 faixas do disco, que contou com a participação de Nara Leão, Gal Costa e Os Mutantes, e trouxe os sucessos *Panis et Circenses*, de Caetano e Gil, e *Baby* (trecho a seguir), só de Caetano.



9. Caetano e Gil em 1968

*Comigo vai tudo azul  
Contigo vai tudo em paz  
Vivemos na melhor cidade  
Da América do Sul*

No Festival Internacional da Canção (FIC) de 1968, as experimentações tropicalistas fizeram com que os dois fossem vaiados durante suas apresentações. Caetano, que apresentava *É Proibido Proibir*, reagiu com um discurso inflamado.

*“Mas que juventude é essa, que juventude é essa? (...) Vocês estão querendo policiar a música brasileira! Eu vim aqui para acabar com isso (...). Gilberto Gil está comigo para acabarmos com o festival e com toda a imbecilidade que reina no Brasil”.*

Caetano Veloso, em resposta às vaias durante o FIC.

O programa semanal *Divino Maravilhoso*, transmitido pela TV Tupi e apresentado pela dupla, levou à televisão a estética do movimento. Exibido entre outubro e dezembro, a atração foi interrompida com a prisão de Caetano e Gil pela ditadura militar, em 27 de dezembro.

10. Caetano no programa de TV *Divino Maravilhoso*

## Exílio em Londres

Os artistas permaneceram detidos até fevereiro de 1969, quando retornaram a Salvador com ordens dos militares para sair do país em breve. Arrecadaram o dinheiro das passagens com shows no Teatro Castro Alves e embarcaram para a Europa em julho, acompanhados de suas esposas, as irmãs Dedé e Sandra.

Fixado em Londres, Caetano continuou compondo durante o exílio, além de escrever artigos para *O Pasquim*. Da capital inglesa, enviou músicas para Maria Bethânia, Gal Costa, Elis Regina, Erasmo Carlos e Roberto Carlos e lançou dois LPs (*Caetano Veloso* e *Transa*) e um compacto (*O Carnaval de Caetano*).

*O clássico Debaixo dos Caracóis dos Seus Cabelos (trecho a seguir), de Roberto e Erasmo Carlos, é uma homenagem a Caetano Veloso. A ideia de compô-lo surgiu depois de um encontro entre Roberto e Caetano durante seu exílio em Londres, no qual os dois chegaram às lágrimas.*

*Você olha tudo e nada  
Lhe faz ficar contente  
Você só deseja agora  
Voltar pra sua gente*



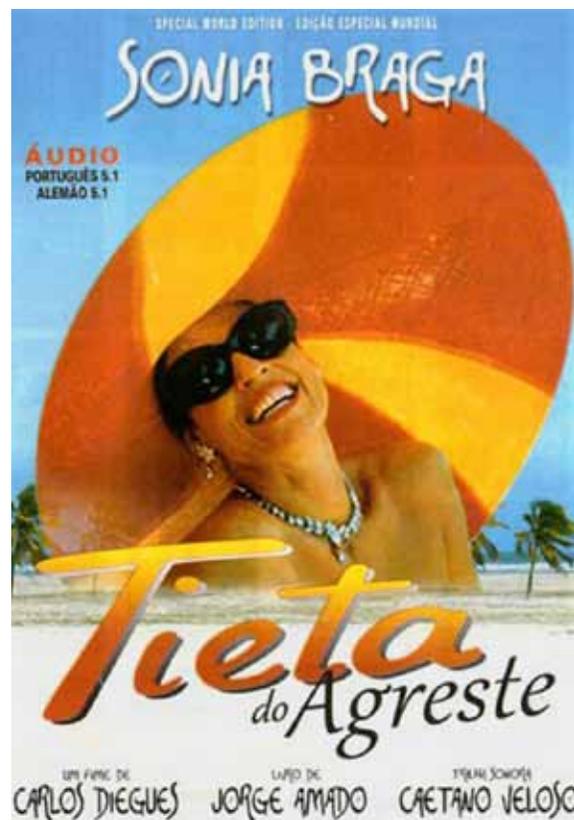
11. Caetano e Dedé em Londres

## Doces Bárbaros

Novos trabalhos marcaram seu retorno em definitivo ao Brasil, em janeiro de 1972, depois de quase dois anos e meio exilado. O disco *Barra 69* trouxe o registro do show que ele e Gil fizeram no Teatro Castro Alves antes de irem para a Europa. Já durante a turnê de lançamento de *Transa*,

surpreendeu o público com o visual hippie e os trejeitos de Carmen Miranda. O último lançamento do ano foi *Caetano e Chico Juntos e Ao Vivo*, gravação do show feito com Chico Buarque.

Outros trabalhos fundamentais foram a produção do LP *Drama Anjo Exterminado*, de Maria Bethânia, e a composição da trilha sonora do filme *São Bernardo*, de Leon Hirszman. Outras trilhas assinadas por ele ao longo da carreira incluem *Tieta do Agreste* (1995), de Cacá Diegues, e *O Coronel e o Lobisomem* (2005), de Maurício Farias, ao lado de Milton Nascimento.



12. Cartaz do filme *Tieta do Agreste*

Caetano voltou a ser alvo da ditadura em 1975, quando o LP *Jóia* foi recolhido das lojas devido à foto da capa, que o mostrava ao lado da mulher e do filho, todos nus. A imagem só se tornou conhecida anos depois, quando o disco foi relançado em CD. Da obra, destacaram-se *Pipoca Moderna* (parceria com Sebastião Bianco) e *Canto do Povo de um Lugar*.

Em 1976, 12 anos após o show *Nós, por Exemplo*, ele voltou a se apresentar com Gil, Gal e Bethânia. Sob o nome de Doces Bárbaros, o quarteto excursionou pelo país, o que rendeu um disco duplo ao vivo e um filme homônimo dirigido por Jom Tob Azulay.

As composições carnavalescas do artista, incluindo os sucessos *Atrás do Trio Elétrico*, *Chuva*, *Suor e Cerveja* e *A Filha da Chiquita Bacana*, foram reunidas no LP *Muitos Carnavais*, lançado em 1977, quando também chegou às lojas *Bicho*, com os futuros clássicos *Odara* e *Leãozinho* (trecho a seguir).

*Gosto muito de te ver, leãozinho  
Caminhando sob o sol  
Gosto muito de você, leãozinho  
Para desentristecer, leãozinho  
O meu coração tão só  
Basta eu encontrar você  
no caminho*

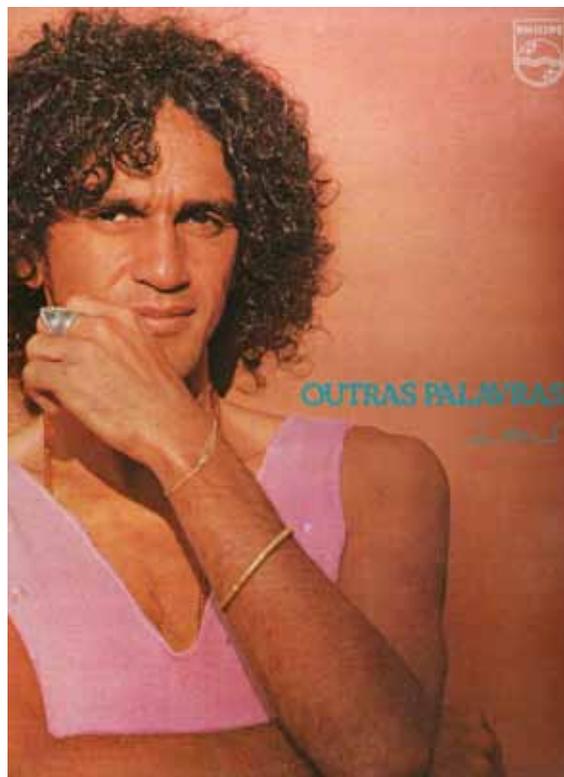
*Um filhote de leão,  
raio da manhã  
Arrastando o meu olhar  
como um ímã  
O meu coração é o sol,  
pai de toda cor  
Quando ele lhe doura a pele  
ao léu*

O ano seguinte foi marcado por turnês com Maria Bethânia e Gal Costa. Com a irmã, rodou o país para divulgar o disco ao vivo dos dois. Com a amiga, apresentou-se em diversas cidades da Europa.

## Incursões no rock e no cinema

*Outras Palavras*, lançado em 1981, foi seu LP mais vendido até então e rendeu a Caetano o primeiro disco de ouro. Ele também recebeu o Troféu Vinicius de Moraes de cantor

do ano pela participação em *Brasil*, LP que reuniu os Doces Bárbaros e seu ídolo João Gilberto. O sucesso de vendas se repetiu com sua obra posterior *Cores, Nomes*, de 1982, também disco de ouro.



13. Capa do disco *Outras Palavras*

Mostrando-se adaptado ao mercado musical brasileiro da década de 1980 – período conhecido como Rock Brasil –, Caetano apresentou, em 1984, o disco *Velô*, com faixas de sucesso, como *Podres Poderes*, *O Quereres* (trecho a seguir) e *O Homem Velho*, uma homenagem ao pai Zezinho, falecido no ano anterior.

*Mas a vida é real e de viés  
E vê só que cilada o amor  
me armou  
Eu te quero (e não queres)  
como sou  
Não te quero (e não queres)  
como és*

Em 1986, o LP *Totalmente Demais*, gravação de um show realizado no hotel Copacabana Palace, rendeu-lhe o primeiro e único

disco de platina de sua carreira, superando as 250 mil cópias vendidas. Outra novidade do ano foi a estreia de *O Cinema Falado*, dirigido por Caetano. Colocando em prática sua antiga paixão pela sétima arte, o compositor fez um filme experimental que reúne leitura de textos poéticos e filosóficos, dança e teatro. Ele já havia tido uma experiência no cinema em 1982, como ator, no filme *Tabu*, de Júlio Bressane, no papel de Lamartine Babo.

Outros momentos de destaque de sua vida relacionados ao cinema foram a participação especial no filme *Fale com Ela*, do espanhol Pedro Almodóvar, em 2002, e a apresentação na cerimônia de entrega do Oscar, em 2003, quando cantou, ao lado da mexicana Lila Downs, a canção *Burn It Blue*, do filme *Frida*, de Julie Taymor.

## Muitas premiações

Em 1989, saiu o disco *Estrangeiro*, pelo qual ganhou as distinções de melhor disco e melhor cantor no Prêmio Sharp de Música. No mesmo ano, foi o grande homenageado do Prêmio Shell. Também desse ano é a composição de *Reconvexo*, lançada primeiro na voz de Maria Bethânia e que cita a mãe, Dona Canô. A letra, segundo o artista, é “uma resposta àquele tipo de gente que queria desrespeitar o que era brasileiro, o que era baiano, o que era contracultura”.

*Não tenho escolha, careta,  
vou descartar  
Quem não rezou a novena  
de Dona Canô  
Quem não seguiu o mendigo  
Joãozinho Beija-Flor  
Quem não amou a elegância  
sutil de Bobô  
Quem não é Recôncavo  
e nem pode ser reconvexo*



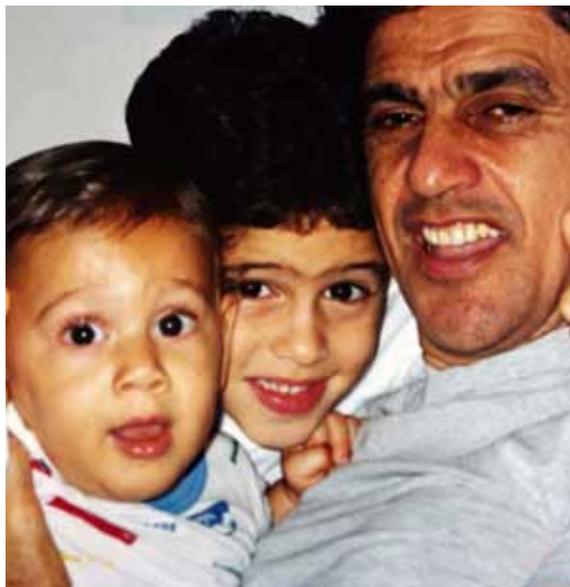
14. Caetano e a mãe, Dona Canô, na década de 1990

No início da década de 1990, Caetano realizou grandes shows para mais de 50 mil pessoas no Rio de Janeiro (em 1991) e em São Paulo (em 1992). Tornou-se pai pela segunda vez, prestes a completar 50 anos, com o nascimento de Zeca, junto com a atriz Paula Lavigne. Em homenagem ao seu cinquentenário, a Rede Manchete exibiu uma série de cinco programas dirigidos por Walter Salles Jr. sobre sua vida.

Em 1993, para celebrar três décadas de amizade e 25 anos do tropicalismo, ele e Gilberto Gil gravaram o álbum *Tropicália 2*. No ano seguinte, os dois, ao lado de Gal Costa e Maria Bethânia, foram homenageados no desfile de carnaval da Estação Primeira de Mangueira.

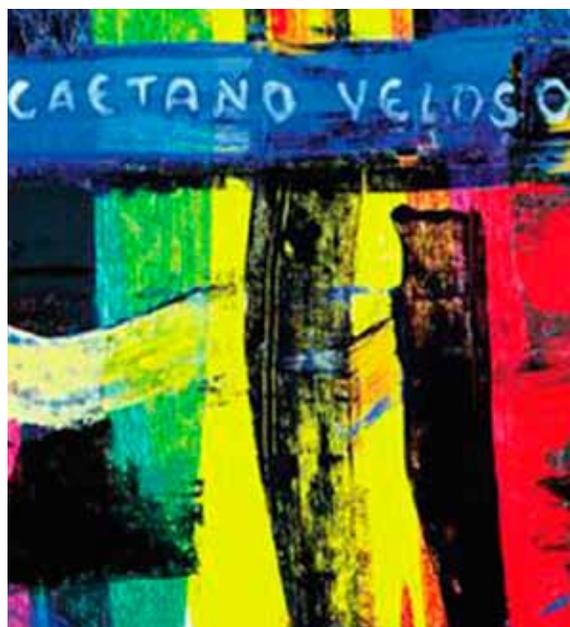
Em 25 de janeiro de 1997, mesmo dia em que Tom Jobim completaria 70 anos, nasceu seu terceiro filho, também com Paula Lavigne,

batizado de Tom. Outro evento marcante foi o lançamento do livro de memórias e reflexões *Verdade Tropical*.



15. Com os filhos Zeca e Tom

Pelo disco *Livro*, Caetano recebeu o Grammy de melhor álbum de *world music*, em 2000. Nesse ano, produziu o CD *João Voz e Violão*, de João Gilberto, que também ganhou o Grammy de *world music* no ano seguinte. Somados aos nove prêmios que recebeu do Grammy Latino, Caetano é o artista brasileiro mais condecorado pela indústria fonográfica.



16. Capa do CD *Livro*

## Experimentações constantes

No CD *A Foreign Sound* (2004), deu um tempo nas composições próprias para trazer um repertório só de regravações de músicos norte-americanos. A lista eclética incluiu canções clássicas de Cole Porter, o folk de Bob Dylan e o rock de Kurt Cobain. A turnê do disco gerou o documentário *Coração Vagabundo: uma Viagem com Caetano*, de Fernando Grostein Andrade.

As experimentações com o rock continuaram evidentes em seu álbum seguinte, *Cê* (2006), produzido por seu filho Moreno Veloso.

O artista foi além quando lançou, em 2008, o projeto *Obra em Progresso*. Por meio de shows semanais no Rio e um blog, Caetano tinha um retorno imediato sobre as composições que estava trabalhando para o CD seguinte. O resultado foi *Zii e Zie – Transambas*, lançado no ano seguinte e no qual faz experiências com o samba.

Em 2012, poucos meses após a morte de Dona Canô, aos 105 anos, Caetano lançou o CD *Abraço*. Dois anos depois, gravou o show que rendeu a versão ao vivo do álbum, demonstrando fôlego para ainda realizar muitos feitos notáveis.



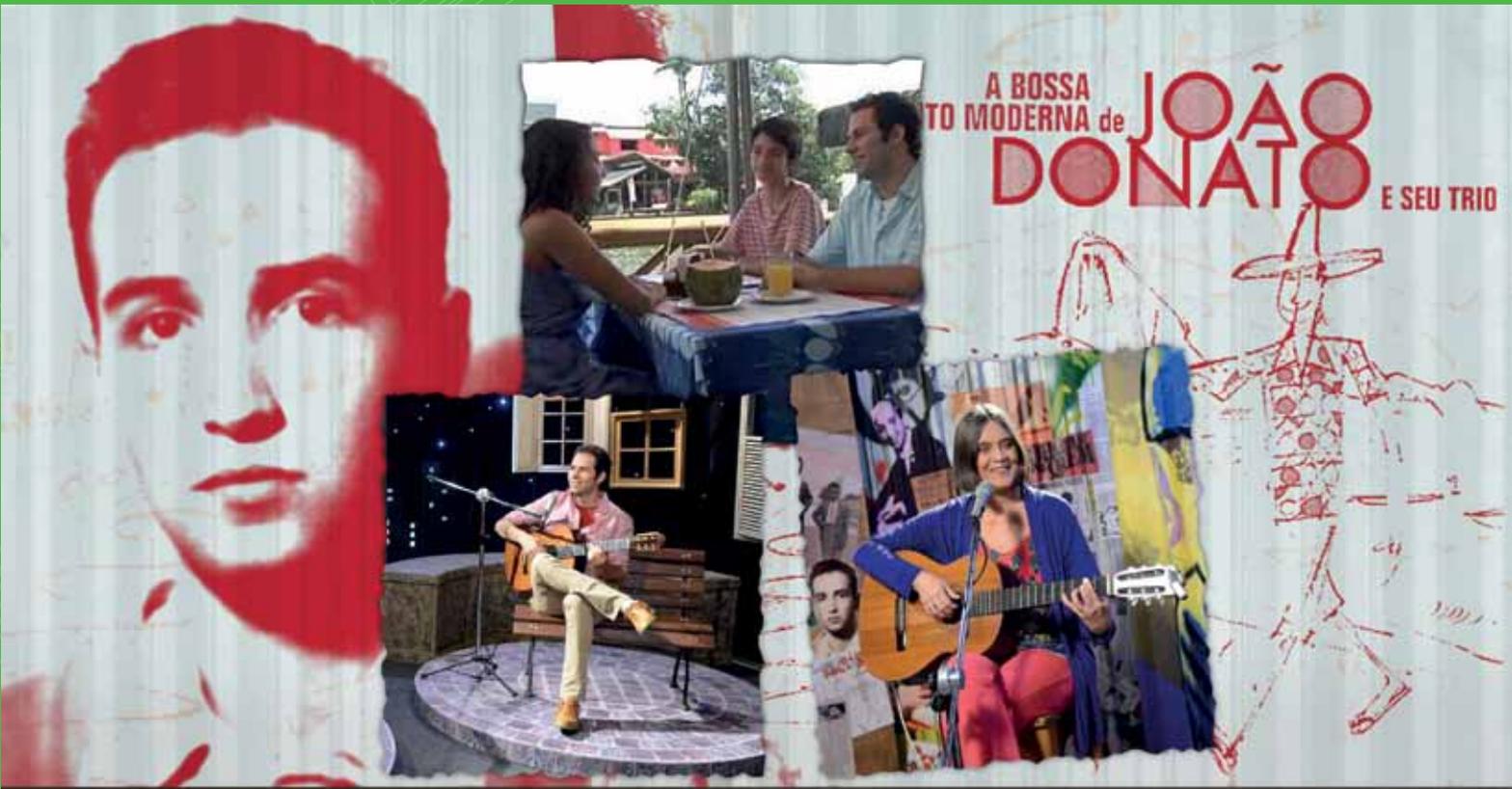
17. No palco, durante show em Lisboa



# João Donato

*Eu não sou bossa nova, eu não sou samba, eu não sou jazz, eu não sou rumba, eu não sou forró. Na verdade, eu sou isso tudo ao mesmo tempo.*

*João Donato, em reportagem do jornal O Globo*





1. O compositor, em 2014

João Donato de Oliveira Neto nasceu em 17 de agosto de 1934, na cidade de Rio Branco, no que ainda era o território do Acre. Com um ano de idade, mudou-se para o Rio de Janeiro com a família, então composta pela mãe, a dona de casa Eutália Pacheco da Cunha; pelo pai, o capitão da Polícia Militar João Donato de Oliveira Filho; e pela irmã mais velha, Eneyda.

ajudar a mapear a área. O futuro compositor adorava acompanhar o pai nesses voos e durante toda a infância sonhou em também ser aviador.



2. A casa em que nasceu, em Rio Branco

A estada no Rio, motivada pelo curso na Escola de Aviação Militar do Exército feito pelo chefe da família, durou até 1939 e foi marcada pelo nascimento do caçula Lysias Ênio.

Na volta a Rio Branco, o patriarca João, um dos primeiros pilotos habilitados da região, tornou-se encarregado de sobrevoar as fronteiras do Brasil com a Bolívia e o Peru para



3. Pai e mãe de João Donato

A vocação musical, no entanto, começava a se manifestar nessa época. O menino gostava de batucar nas panelas, assoviar e tocar uma flautinha de lata. No quartel onde o pai trabalhava, seu lugar favorito era o alojamento da banda de música, com todos os instrumentos espalhados pelo chão.

Aprendeu os primeiros acordes no cavaquinho, com um pedreiro que trabalhava em sua casa, mas foi na gaita que passou a tirar, de ouvido, as músicas que escutava no rádio.

O ambiente familiar também contribuía para o interesse musical de Donato. O pai tocava bandolim, a mãe “cantava como um sabiá” (segundo o caçula Lysias) e a irmã já sabia tocar piano.



4. João Donato com a irmã

Aos seis anos, João estava à toa, na beira do Rio Acre, quando ouviu uma melodia assoviada por um dos canoieiros que faziam a travessia entre as margens do curso d’água. O som, nunca mais esquecido

e guardado na memória como a primeira vez que se emocionou com uma música, foi quase uma epifania. “Eu fiquei encantado com aquele negócio, eu era pequenininho (...) e fiquei com essa mania de tentar reproduzir esse sentimento nas minhas músicas depois, quando elas vieram acontecendo”, revelou ao programa *3 a 1*, da TV Brasil, em 2014.

*A melodia assoviada pelo canoieiro inspirou a composição de Índio Perdido, que depois ganhou letra de Gilberto Gil e passou a ser chamada de Lugar Comum (trecho a seguir).*

*À beira do mar  
Todo mar é um  
Começo do caminhar  
Pra dentro do fundo azul*

## O primeiro acordeom

Em 1942, ganhou dos pais, que já percebiam a musicalidade do filho, uma sanfona infantil. Com ela, compôs sua primeira música, a valsinha *Nini*, dedicada a uma namoradina de infância. Dois anos depois, novo presente, dessa vez um acordeom de 24 baixos no qual podia expressar de maneira mais apropriada os sons que já borbulhavam em sua cabeça.

*Assim como com outros grandes nomes da música brasileira (Edu Lobo, Wagner Tiso e Gilberto Gil), o primeiro instrumento musical de verdade de João Donato foi um acordeom.*



5. Nini, a primeira musa

João não se adaptou às aulas de piano, que preferia pelo futebol com os amigos e pelo acordeom. Aprendeu apenas o suficiente para seguir a via do autodidatismo. “Não tinha paciência para fazer aquelas escalas”, declarou ao músico Mário Adnet em reportagem publicada no jornal O Globo, em junho de 1999. “Graças a Deus aprendi onde eram as notas no piano e consegui saber o indispensável (...). Todo o resto aprendi perguntando aos outros e estudando por conta própria em livros”.

## Vida no Rio

Em 1945, mudanças no trabalho de seu pai provocaram a ida definitiva da família para o Rio de Janeiro. O trecho Belém-Rio foi feito em um ita e seria lembrado por Donato pela presença do cantor Carlos Galhardo no navio e pela execução da balada jazzística *I'm Getting*

*Sentimental Over You* (George Bassman e Ned Washington) nos alto-falantes da embarcação. O piano da irmã, que era transportado no convés, possibilitou apresentações informais durante a viagem, nas quais Eneyda e João, no acordeom, entretinham os passageiros.



6. João e o irmão, Lysias

Os Oliveira se instalaram no bairro da Tijuca e, por algum tempo, o casal de irmãos continuou a tocar junto, em cinemas e teatros da cidade. A dupla se desfez em 1949, quando Eneyda iniciou a carreira de comissária de bordo.

No Instituto Lafayette, onde cursou o ginásio, João participava com o inseparável acordeom dos shows semanais de talentos promovidos pela escola. Em um deles, fez amizade com os integrantes do conjunto Namorados da Lua, alguns dos quais viriam a ser futuros parceiros. Passou a adolescência ouvindo as vozes dos brasileiros Dick Farney e Lúcio Alves, do norte-americano Frank Sinatra e do argentino Dick Haymes. Nesses anos de formação, também foram

referências Stan Kenton e sua orquestra, o acordeonista Ernie Felice e os pianistas George Shearing e Horace Silver.



7. João com o acordeom

Aos 15 anos, João começou a carreira profissional ao participar de gravações em estúdio do conjunto de Altamiro Carrilho, grande flautista e difusor do choro brasileiro. Pouco depois, convidado para substituir um integrante do grupo do violinista Fafá Lemos, começou a tocar na noite carioca. Durante a década de 1950, apresentou-se nos mais variados locais, de bares vazios a boates de luxo.



8. Em estúdio (no acordeom), com Altamiro Carrilho, na flauta

*“Havia uma lenda de que o ‘louco’ era Donato, e que João Gilberto só o copiava”.*

*Ruy Castro, em Coleção Folha 50 Anos de Bossa Nova, sobre os dois amigos excêntricos.*

Em 1950, colegas em comum o apresentaram a João Gilberto, recém-chegado da Bahia e que, em breve, iria revolucionar a música brasileira com a bossa nova. A afinidade foi imediata e para além do campo musical: os dois se tornaram grandes amigos.



9. Donato e João Gilberto

## Novos voos

O sonho de se tornar piloto de avião, a essa altura alimentado mais por seus pais do que por ele próprio, terminou quando João descobriu ser daltônico, em 1952. A carreira musical, no entanto, já se mostrava promissora. Estreou no rádio no programa *Manhãs da Roça*, na Rádio Guanabara, e logo conseguiu um contrato fixo com a emissora, cujo *cast* contava com estrelas como Elizeth Cardoso e Orlando Silva.

Nessa época, também fez parte da orquestra do maestro Napoleão Tavares, com quem se apresentava no Rio e em outras cidades. Numa dessas viagens, no interior de Minas Gerais, iniciou um namoro com a então *crooner* da orquestra, Dolores Duran. “Foi uma das pessoas mais doces e meigas que conheci. E a cantora mais moderna que vi aqui no Brasil para o tempo que viveu”, declarou João na biografia *Dolores Duran – A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*, de Rodrigo Faour. O relacionamento só não terminou em casamento por oposição de Dona Eutália, que considerava o filho, com 18 anos, novo demais para um compromisso tão sério.

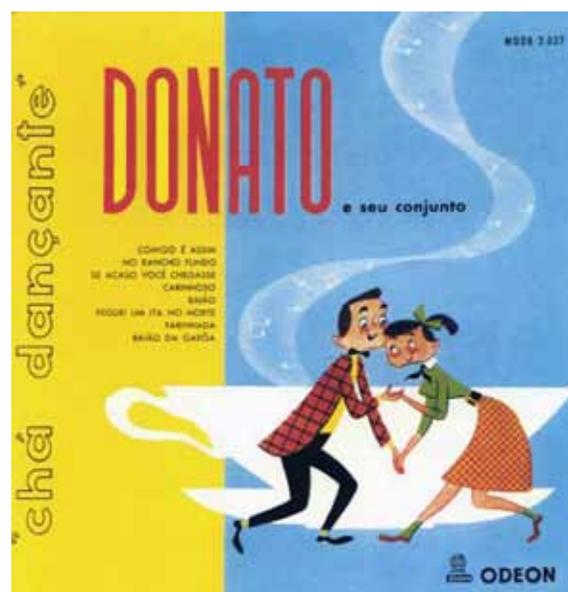
Em 1953, juntou-se aos remanescentes dos Namorados da Lua para formar o grupo Os Namorados, do qual era líder e arranjador. O conjunto gravou 2 discos de 78 rotações, um deles com *Eu Quero um Samba* (Haroldo Barbosa e Janet de Almeida) de um lado e *Três Aves-Marias* (Aníbal Cruz) de outro. O escritor Ruy Castro, em seu livro sobre a bossa nova, *Chega de Saudade*, exaltou a originalidade dessas gravações. “No novo arranjo de Donato, os baixos de seu acordeom fraturavam o ritmo como uma metralhadora de síncopes e produziam uma batida que antecipava, quase sem tirar nem por, a do violão de João Gilberto, cinco anos antes de *Chega de Saudade*”. A novidade era tanta que, segundo Castro, ninguém entendeu e Os Namorados não teve vida longa.



10. Conjunto Os Namorados

Ainda em 1953, João criou outro grupo, o Donato e Seu Conjunto, de música instrumental. Com ele, gravou outros dois 78 rpm, os primeiros registros como solista. O ano seguinte marcou o começo de sua transição do acordeom para o piano. “O meu gosto por arranjo começava e passei para o piano, que é mais completo”, disse em reportagem do jornal O Globo.

Em 1956, lançou o EP (disco de dez polegadas) *Chá Dançante – Donato e seu Conjunto*, no qual contou com a participação de Tom Jobim (também produtor), Paulo Moura e Altamiro Carrilho. Trabalhou durante dois anos em São Paulo e, ao retornar ao Rio, em 1958, empregou-se na orquestra do Copacabana Palace.



11. Capa do disco *Chá Dançante*

## Sonho americano

No final da década, Donato já era um dos músicos mais respeitados da cidade, mas pecava pela falta de profissionalismo. Os constantes atrasos e sumiços se tornaram um empecilho para que conseguisse novos trabalhos na noite carioca. Além disso, teimava em sair do arranjo e improvisar durante as apresentações, irritando os músicos que tocavam com ele.

Nesse contexto, aceitou o convite de Nanai, amigo desde os tempos de Os Namorados da Lua, para tocar nos Estados Unidos com ele, em um cassino no estado de Nevada. Além da oportunidade profissional, a viagem representava a possibilidade de João conhecer a terra do jazz, estilo que apreciava.

A temporada durou quatro semanas, sem maiores problemas, e o músico arrumava as malas para voltar ao Brasil quando Nanai lhe revelou: “Temos que pagar a passagem que eu lhe mandei. Foi comprada à prestação e mal comecei a pagar”. Sem outra opção, Donato prolongou a estada. Tentou se juntar ao Bando da Lua – grupo que acompanhou Carmen Miranda nos Estados Unidos até sua morte, em 1955, e que vinha tentando sobreviver sem a Pequena Notável -, mas os companheiros de Nanai, que fazia parte do conjunto, não gostaram do estilo do acriano. “(Eu) tocando daquele jeito moderno e o Bando da Lua ainda estava na base do *Tico-Tico no Fubá*”, lembrou o compositor no livro *Songbook João Donato*, de Almir Chediak.



12. Orquestra de Johnny Martinez

Sem falar inglês, tudo o que conseguiu foi tocar em uma boate qualquer, em Los Angeles, que lhe pagava dez dólares por noite. Passou maus bocados, sendo salvo da sarjeta pelo baterista cubano Armando Pezaza, que conhecia e adorava sua música. A situação começou a melhorar quando João percebeu que o jazz andava em baixa nos Estados Unidos. Aconselhado pelos músicos com quem vinha conversando, procurou por *jazzistas* nas orquestras latinas da Califórnia, onde encontrou alguns de seus ídolos: Tito Puente, Eddie Palmieri, Cal Tjader, entre outros, com os quais gravaria inúmeras vezes.

Depois de algum tempo como pianista do conjunto de Johnny Martinez, recebeu o convite de outro ídolo, Mongo Santamaría, para tocar com ele em Nova York, cidade na qual morou até 1961. O período nos Estados Unidos permitiu-lhe fazer experiências que ressoam por toda a sua obra, misturando elementos de samba, bossa nova, jazz e ritmos caribenhos, como rumba e mambo.



13. João e integrantes da orquestra de Mongo Santamaría

Enquanto isso, no Brasil, Donato marcou presença com duas composições próprias no LP coletivo *Dance Comigo*. Uma delas, *Minha Saudade* (trecho a seguir), em parceria com João Gilberto, foi sua primeira música

com letra e já havia sido gravada em duas ocasiões anteriores: em 1955, como um samba instrumental, por Luiz Bonfá, e em 1959, pela cantora Alaíde Costa.

*Eu já me acostumei  
A viver sem teu amor  
Mas só não consegui  
Foi viver sem ter saudade*

## A bossa nova estoura

Em 1960, durante uma excursão com Santa-mária pela cidade de São Francisco, João conheceu a garçonete Patricia de Cassell, sua primeira esposa, com quem ficou casado por sete anos. O nascimento da filha, Jodel Vida, e os apelos de Patricia para deixarem os Estados Unidos, motivaram o músico a retornar ao Brasil em 1962. Ela, porém, não se adaptou ao país do marido, e dois meses depois estavam de volta a São Francisco. Apesar de curto, o período na terra natal foi suficiente para que ele gravasse dois discos. Na Califórnia, o acriano integrou novamente o conjunto do amigo Johnny Martinez.



14. Com Tom Jobim e a filha Jodel

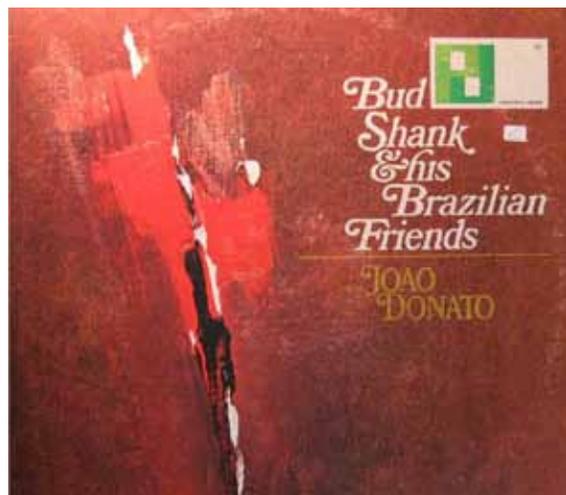
Nesse meio tempo, Donato ficou sabendo do sucesso da bossa nova no Brasil e da fama de parceiros como João Gilberto e Tom Jobim. Ele acompanhou esses e outros amigos brasileiros em shows pelos Estados Unidos, principalmente a partir de 1964, quando a

versão em inglês de *Garota de Ipanema*, na voz de Astrud Gilberto, popularizou o ritmo brasileiro por lá. Em 1963, viajou com João Gilberto em turnê pela Europa.

*João Donato foi um dos pianistas mais respeitados da cena do jazz americano da década de 1960, tendo virado verbete do livro Encyclopaedia of Jazz in the Sixties, obra de referência do músico e crítico Leonard Feather*

Os anos seguintes foram marcados por novos álbuns lá e aqui, incluindo os dois discos gravados durante a rápida passagem pelo Brasil: *Muito à Vontade* (de 1964 e lançado nos Estados Unidos como *Sambou, Sambou*) e *A Bossa Muito Moderna de João Donato e seu Trio* (1965), com alguns futuros clássicos de seu repertório, ainda em versões instrumentais, como *Índio Perdido* (intitulado *Lugar Comum*, na versão com letra) e *Villa Grazia*, que também ganharia versos de Gilberto Gil e passaria a se chamar *Bananeira*.

*Bananeira, não sei  
Bananeira, sei lá  
A bananeira, sei não  
A maneira de ver*



15. Capa do LP *Bud Shank and His Brazilian Friends*

Em 1965, outros dois discos de João chegaram ao mercado norte-americano: *Bud Shank and his Brazilian Friends* e *The New Sound of Brazil: Piano of João Donato*. O “friends” do primeiro título se referia a João e à violonista Rosinha de Valença, amigos do saxofonista e flautista Bud Shank, um dos principais nomes do jazz. No texto da contracapa desse álbum, no qual o brasileiro compôs cinco das dez faixas, o produtor Richard Bock comparou Donato a Cole Porter.

O LP *Donato Deodato* (1969) reuniu João e o compatriota Eumir Deodato, que também vinha fazendo sucesso na terra do Tio Sam. Em 1970, *A Bad Donato* mostrou a versatilidade de João, que misturou jazz, rock e funk norte-americano. O disco surgiu a partir de um convite feito por um diretor da gravadora Blue Thumb Records, prometendo ao compositor liberdade artística para fazer o que quisesse.

## Retorno ao Brasil

Após 12 anos entre Los Angeles, Nova York e São Francisco, João voltou a morar definitivamente no Brasil, no Rio, em 1972. Auxiliado pelo pianista e compositor Marcos Valle, assinou contrato com a gravadora Odeon. Em um ensaio na casa de Valle, o cantor Agostinho dos Santos lamentou o fato de as composições de Donato serem apenas instrumentais: “Poxa, você sem letra nas músicas e nós sem cantar nada seu!”. Surgiu, então, a ideia de um disco cantado, o primeiro desse tipo na carreira do acriano.

“Deu uma certa confusão, porque eu não sabia fazer música com letra e dava a mesma música para várias pessoas”, lembrou João em entrevista à TV Brasil. Começaram a aparecer versos diferentes para a mesma melodia e as versões escolhidas integraram o LP *Quem É Quem*, de 1973.

O álbum, porém, não recebeu a devida atenção da gravadora, que não promoveu nem coletiva de imprensa, nem qualquer lançamento oficial. Contrariado, João convocou jornalistas por conta própria para um evento de lançamento no Outeiro da Glória. Para surpresa de todos, o lançamento foi literal, com o músico jogando várias cópias do LP para o ar, do alto do morro, vingando-se da Odeon.



16. Capa do disco *Quem é Quem*

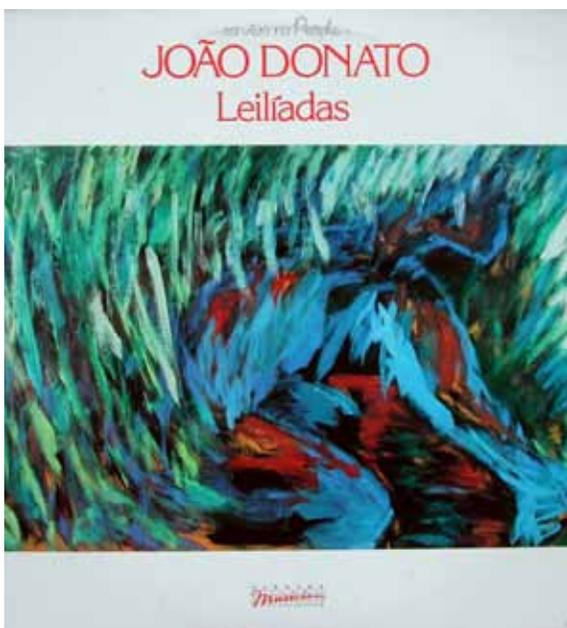
O pouco caso da gravadora com *Quem É Quem* se mostrou equivocado. A obra seria eleita pela revista *Billboard* como uma das 100 mais importantes da música brasileira e constaria no livro *300 Discos Importantes da Música Brasileira*, organizado por Charles Gavin. Entre as faixas, estavam *Até Quem Sabe* (parceria com o irmão Lysias Ênio, letrista de diversas composições de Donato), *Cadê Jodel* (com Marcos Valle), *Amazonas* (a única instrumental, que mais tarde ganharia letra de Lysias) e *A Rã* (que seria versada por Caetano Veloso no ano seguinte, mas que aqui conta com onomatopéias “gurundunduns” e “guerengüendéns”).

*Na volta ao Brasil, Donato e seu experimentalismo foram acolhidos pelo movimento tropicalista. O acriano foi diretor musical de LPs de Gal Costa e diversas músicas suas ganharam letras de Gilberto Gil e Caetano Veloso.*

## Parcerias ecléticas

João se tornou pai pela segunda vez em 1977, com o nascimento de Joana. Ao longo da década de 1980, compôs em parceria com grandes nomes da música brasileira, como Martinho da Vila e Chico Buarque. Em 1982, a cantora Nara Leão lançou o disco *Nasci para Bailar*, cuja faixa homônima, um cha cha cha de Donato e Paulo André Barata, é o melhor exemplo de como o acriano incorporou os ritmos caribenhos, trazidos do período nos Estados Unidos, ao seu som.

Em 1986, lançou o LP ao vivo *Leilíadas*, com seis temas instrumentais de sua autoria. Todas as músicas são intituladas *Leila*, nome de sua esposa na época. Uma delas ganhou letra de Gilberto Gil e foi rebatizada como *A Paz*, a mais conhecida colaboração da dupla e gravada pela primeira vez pela cantora Zizi Possi.



17. Capa do disco *Leilíadas*

O CD *Coisas Tão Simples*, de 1996, interrompeu o período de dez anos no qual Donato ficou afastado dos estúdios. Apesar de trazer, principalmente, regravações de sucessos da carreira, o disco apresentou o samba *Doralinda*, feito em parceria com Cazuza. No ano seguinte, juntou-se ao baterista e amigo Eloir de Moraes no CD *Café com Pão*.

Em 1999, o projeto *Songbook João Donato* levou ao público o livro homônimo de Almir Chediak com cifras e letras de 53 músicas do homenageado; e três CDs nos quais suas composições eram interpretadas por grandes artistas, como Chico, Caetano, Gil, Edu Lobo, Johnny Alf e Joyce Moreno. O filho caçula de João, Donato Júnior, então um adolescente, também participou do projeto. Mais adiante, ele fez carreira como tecladista e DJ e ficou conhecido como Donatinho.

*“Compor música é como se você estivesse fazendo um refresco ou uma vitamina de frutas. Você vai misturando, até que fica uma delícia”.*

João Donato, em entrevista a Almir Chediak.

Em 2000, a pedido do russo Vartan Tonoian, um dos maiores colecionadores de discos de jazz do mundo, João gravou o CD *Amazonas*, com o baterista Claudio Sion e o baixista Jorge Helder, contendo as inéditas *Alegria pra Cantar*, *Tardes de Verão*, *Os Caminhos* e *Like Nanaí*. Em dezembro, foi o grande homenageado da 20ª edição do Prêmio Shell de Música.

No ano seguinte, mudou-se para Brasília, onde viveu até 2005 e conheceu a atual esposa e empresária. No Brasil, chegaram às lojas *Remando na Raia* e *Ê Lalá Lay-ê*. Já nos Estados Unidos, foram lançados *The Frog* e *Brazilian Time*. Em setembro, o Teatro Manaus recebeu a primeira apresentação da sinfonia *Amazonas: um Poema Sinfônico*, composta por Donato e pelo pianista Everardo de Castro.

## Produção intensa

A primeira década dos anos 2000 se mostrou das mais produtivas na carreira do músico. No CD *Mangaroba* (2002), contou com

participações de Joyce Moreno, Marcelo D2, Marisa Monte e João Bosco. Em *Palmyra e Levita with João Donato* (2002), lançado no exterior, gravou ao lado da dupla baiana de bossa nova formada pelo violonista Paulo Levita e pela cantora Palmyra.

Em 2003, quando foi eleito o compositor do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte, lançou *Wanda Sá com João Donato e Emílio Santiago Encontra João Donato*, pelo qual recebeu o Prêmio TIM de melhor arranjador. Juntou-se novamente aos amigos baianos em *Palmyra e Levita with João Donato: Lucy in the Sky with Bossa Diamonds* (2004), lançado no Japão, no mesmo ano em que recebeu do governo brasileiro a Ordem do Mérito Cultural por sua contribuição à cultura nacional.

*Donatural* (2005), primeiro DVD da carreira, registrou show realizado no Centro Cultural Sérgio Porto, no Rio, com participação de Gilberto Gil, Angela Rô Rô, Leila Pinheiro e outros. Em *Dois Panos para Manga* (2006), trabalhou com o saxofonista e clarinetista Paulo Moura. O governo do Acre homenageou-o, em 2006, com a inauguração da Usina de Arte João Donato – uma antiga usina de beneficiamento de castanha transformada em escola de artes para crianças e jovens.

Em 2007, tornou-se o primeiro latino-americano a ser convidado para o festival de jazz 100 Gold Fingers, que reúne dez renomados pianistas para uma turnê pelo Japão, e também gravou os CDs *O Piano de João Donato* e *Uma Tarde com Bud Shank e João Donato*.

A viagem a Cuba para participar do Festival Internacional Jazz Plaza gerou o documentário *Nasci para Bailar* (2009), de Tetê Moraes. O filme mostra trechos de shows e os encontros entre Donato e importantes músicos cubanos, como Chucho Valdés e Pablo Milanes.

Recebeu os prêmios de melhor disco de jazz (*Sambolero*) e pelo conjunto da obra do Grammy Latino em 2010, quando também

lançou os discos *Água*, com a cantora Paula Morelenbaum, e *Aquarius – Joyce Moreno e João Donato*.

No ano seguinte, dividiu o estúdio com Carlos Lyra, Roberto Menescal e Marcos Valle para gravar o álbum *Os Bossa Nova*. O show com a cantora paulistana Céu, na quarta edição do Rock in Rio, foi considerado uma das melhores apresentações do palco Sunset.



18. Ao piano, em 2014

Em 2013, durante um show em Brasília, Donato reencontrou a namoradina de infância a quem dedicou Nini, sua primeira música, composta aos oito anos. “Ela está a mesma coisa! A mesma menina”, disse em entrevista à TV Brasil.

Como parte das comemorações pelos 80 anos, João dividiu o palco do Sesc Pinheiros, em São Paulo, com artistas paulistas para relembrar o repertório do disco *Quem É Quem*, de 1973. Entre os convidados, as cantoras Tulipa Ruiz, Mariana Aydar e Céu. No programa *Cultura Livre*, da TV Cultura, resumiu dessa forma sua carreira: “Sinto-me feliz por ter vivido esse tempo todo exclusivamente de música e sem tornar minha música uma coisa muito comercial. Apenas ser aceito. E estou conseguindo, né?”



# Baden Powell

*... a principal característica de Baden Powell é ser Baden Powell, e ponto final.  
E disso ele jamais abriu mão em toda sua carreira.*

*Dominique Dreyfuss, em seu livro O Violão Vadio de Baden Powell*





1. Em apresentação na Bélgica, nos anos 1960

Baden Powell de Aquino, nascido em 6 de agosto de 1937, foi assim batizado em respeito ao criador do movimento escoteiro, o militar inglês Robert Stephenson Smyth Baden Powell. Mal sabia o pai, o sapateiro e escoteiro nas horas vagas Lilo de Aquino, também conhecido como Tic, que a fama do filho, ao menos no Brasil, acabaria ultrapassando a do homenageado.

Quando Baden tinha apenas três meses de idade, Tic saiu da pequena cidade natal de Varre-Sai, no noroeste fluminense, para o Rio de Janeiro. Acompanharam-no, inicialmente, o caçula, a esposa (a dona de casa Adelina Gonçalves) e a filha mais velha, Vera. Depois de passarem pelos bairros de Vila Isabel e da Gamboa, instalaram-se em uma casa em São Cristóvão, espaçosa o suficiente para acomodar o restante da família de Tic – mãe e irmãos – e sua oficina de sapatos, no porão.



2. Varre-Sai, na primeira metade do século XX

Tic também era músico amador, com habilidades no violino e na tuba. O gosto pela música entre os Aquino, aliás, vinha desde a geração anterior. O avô de Baden, o fazendeiro negro Vicente Thomaz, foi o primeiro maestro do interior do estado do Rio formado em música. Ainda no século XIX, criou a Orquestra Negra, composta por escravos, que chegou a se apresentar no Theatro Municipal.



3. Com os pais e a irmã

E foi por meio da música que o sapateiro começou a fazer amizades na nova cidade. No carnaval, saía pelas ruas tocando valsinhas no violino; apresentava-se em festas juninas e fazia serenatas com os companheiros, para deleite da vizinhança; muitas vezes, com o filho ao lado. “Iam de casa em casa, paravam na janela de algum amigo para fazer uma surpresa e davam uma serenata”, lembrou Baden em depoimento na biografia *O Violão Vadio de Baden Powell*, de Dominique Dreyfus.

## Curiosidade musical

Em casa, o menino assistia com interesse às rodas de choro organizadas pelo pai, que recebia músicos amadores e profissionais, entre eles Donga e Pixinguinha. Uma de suas brincadeiras favoritas era tentar tirar sons no violino, mesmo sem autorização para usar o instrumento. Na verdade, Tic sabia da travessura do caçula e gostava de vê-lo se interessar por música.

Quando uma das tias ganhou um violão em uma rifa, Baden, então com sete anos, cansou-se de vê-lo pendurado na parede de casa – pois não havia na família quem soubesse tocá-lo – e resolveu escondê-lo debaixo da cama. Quando Dona Adelina descobriu, repreendeu-o e o preparou para o castigo paterno, que não veio. O garoto não só foi perdoado, como ganhou o violão de presente.

Os primeiros acordes foram aprendidos em casa, com o pai. Um ano depois, já sabia trocar cordas, afinar o instrumento e acompanhar os solos de violino de Tic, que, aconselhado por um cunhado, procurou o professor Meira, músico consagrado, para avaliar o potencial de Baden. Não foi preciso mais do que uma rápida demonstração para o garoto ser aceito como aluno. “O violão era maior do que ele, mas eu logo pensei: ‘Esse menino vai...’”, disse o violonista à biógrafa Dominique Dreyfus.

*O pernambucano James Tomás Forence, o Meira, tocou com Noel Rosa, Carmen Miranda, Francisco Alves e outros famosos. Integrou o célebre Regional de Benedicto Lacerda, mais tarde conhecido como Regional do Canhoto, e formou com Dino 7 Cordas a principal dupla de violões da música brasileira entre as décadas de 1940 e 1970.*



4. Baden (ao violão) e o professor Meira

## Músico prodígio

Com Meira, Baden foi introduzido ao violão clássico ouvindo gravações de compositores como o espanhol Andrés Segovia, o paraguaio Agustín Barrios e os brasileiros Pixinguinha, Dilermando Reis e Garoto. Muitas vezes permanecia na casa do professor após as aulas, para participar de rodas de choro. Em pouco tempo, já tocava com desenvoltura ao lado de adultos.

Em 1947, com dez anos, tomou um susto quando ouviu seu nome ser anunciado como uma das atrações da semana seguinte do programa *Papel Carbono*, na Rádio Nacional, no qual os participantes imitavam artistas.

Ele havia sido inscrito, à revelia, por Meira, que já o considerava pronto para a estreia artística. Acompanhado pelo professor e pelo pai, Baden compareceu ao programa, sendo apresentado dessa forma pelo radiologista Renato Murce: “Ele é novinho assim, mas vocês vão ver como toca!”. Viram e ouviram mesmo. Executando o choro *Magoado*, de Dilermando Reis, o prodígio saiu dos estúdios da Nacional com o prêmio de melhor solista.

Baden participou de outros shows radiofônicos, como o *Programa do Guri* e *Calouros do Ary*, sempre impressionando por onde passava. Além disso, o pupilo era levado a tiracolo por Meira a estúdios e emissoras, conhecendo, assim, os principais músicos da época.

*Nos raros momentos em que não estava com o violão, o que Baden mais gostava de fazer era andar de bicicleta. Também brincava com os amigos de pipa, bola de gude e estilingue, e era fã de filmes de banguê-banguê, de Charles Chaplin e da dupla Oscarito e Grande Otelo.*

Em 1948, o violonista mirim ingressou no curso ginásial e logo ficou claro que o interesse e a dedicação demonstrados nas aulas de violão não seriam os mesmos empregados na escola. Sem fazer os deveres de casa, matando aulas e chegando atrasado nos dias que comparecia, completou os estudos graças à personalidade carismática, que cativava quem com ele convivia. “A sedução de Baden agia plenamente na maioria dos professores, que se curvavam, resignados, diante do caráter arredio a qualquer forma de disciplina, ordem ou lei desse aluno irrequieto...”, escreveu a biógrafa Dominique Dreyfus.

## Primeiras composições

A mesma música que concentrava as atenções de Baden e atrapalhava seu desempenho escolar ajudou-o a se tornar popular. Ele se destacava nas festas e bailes da escola e do bairro e, aos sábados, tocava nos subúrbios do Rio com o Unidos de São Cristóvão, trio cujos outros dois integrantes também se tornariam músicos de respeito: o baterista Edgard Rocca e o percussionista Milton Banana.

Com o estímulo e a parceria de Maurício Vasquez, o melhor amigo da época de ginásio, começou a compor as próprias músicas. O repertório criado, perdido com o tempo, tinha como objetivo inicial conquistar as meninas por quem Baden se apaixonava. Além de parceiro, Maurício foi seu primeiro empresário, agendando shows pelo interior do estado.



5. Renato Murce

Quando tinha apenas 12 anos, o prodígio substituiu o violonista titular do programa *Papel Carbono*, o mesmo no qual se apresentara. Cumpriu a tarefa com louvor, sendo convidado a participar do show de novos talentos *Arraia Miúda*, organizado por Renato Murce e que ficou três meses em cartaz no

Teatro João Caetano, em 1950. Murce também o chamou para integrar as caravanas artísticas que rodavam o interior do Rio de Janeiro, atividade que Baden fazia com prazer durante as férias escolares.

Cinco anos depois da primeira aula de violão, Meira anunciou não ter mais nada a ensinar ao pupilo. Tic, então, matriculou-o na Escola Nacional de Música, onde o filho entrou em contato com a música erudita, que seria importante influência em sua obra, e aprendeu teoria e harmonia. Baden continuou a frequentar as rodas de choro na casa do ex-professor, não mais na condição de aprendiz, mas em pé de igualdade com os outros músicos.

## Profissional versátil

Em 1952, com 15 anos e a devida autorização judicial, fez sua estreia profissional no Cabaré Casanova, na Lapa. O ambiente boêmio impressionou o então adolescente: “Pensei por alguns instantes que já era homem”, contou a Dominique Dreyfuss. “Mas meu pai, apesar dessa liberdade toda, conseguira me dar uma estrutura moral forte e confiava muito em mim. Por isso, os lugares que eu frequentava, por piores que fossem, não me corrompiam”.

Com o violão em punho, Baden começou a fazer fama na noite carioca. Logo arranhou espaço em outras casas noturnas da Lapa e da Praça Tiradentes e, nos anos seguintes, passou a se apresentar em bares e boates da Zona Sul. No Clube da Chave, em Copacabana, mesmo local onde Vinicius de Moraes e Tom Jobim se conheceram, ele foi apresentado a João Gilberto. No bar do Hotel Plaza, na Avenida Princesa Isabel, tocou guitarra no Ed Lincoln Trio e entrou em contato com o próprio Tom, Geraldo Vandré, João Donato e outros futuros medalhões da música brasileira que volta e meia apareciam para dar uma canja. Também frequentou as célebres reuniões musicais que ficaram famosas no Rio no final da década de 1950 e de onde surgiu a bossa nova.

*Apesar de contemporâneo da bossa nova e amigo de seus principais representantes, Baden nunca se limitou ao estilo bossa-novista. Não era “ingrediente para uma só panela”, escreveu a biógrafa Dominique Dreyfuss.*

Sua primeira gravação registrada em estúdio ocorreu em 1956, no LP *Samba em Hi-Fi*, do conjunto Turma da Gafieira, liderado pelo flautista Altamiro Carrilho. Antes disso, já participara de outras gravações ao substituir, sem o devido crédito, craques como Bola Sete, Garoto e Zé Menezes. Com as apresentações, gravações, trabalhos para a Rádio Nacional e bailes de família, Baden começou a ganhar algum dinheiro, naquele momento usado para ajudar a família, já que a oficina de sapatos de Tic ia de mal a pior.



6. Auditório da Rádio Nacional

No ano seguinte, convidado pelo ator e cantor Cyll Farney, fez figuração como guitarrista no filme *De Vento em Popa*, de Carlos Manga. Farney, seu companheiro de quarto durante as caravanas artísticas organizadas por Renato Murce, foi quem o incentivou a mostrar algumas composições

a Billy Blanco, já famoso na época, que gostou do que viu. *Samba Triste* (trecho a seguir), lançado em 1960 na voz de Rosana Toledo, foi o primeiro e único fruto da parceria com Blanco.

*Agora eu sei  
Que toda vez que o amor existe  
Há sempre um samba triste,  
meu bem*

Requisitado como instrumentista pelos maiores nomes da música brasileira, logo surgiu a oportunidade de gravar um disco próprio. O LP *Apresentando Baden Powell e seu Violão* (1959) mesclou composições próprias e de outros artistas, nacionais e estrangeiros, sendo uma amostra de sua versatilidade e habilidade como solista.

## Parceria com Vinicius

O disco de estreia vendeu bem e Baden seguiu conquistando admiradores. Em 1960, em uma boate no Leme, Vinicius de Moraes foi prestigiar um show de Tom Jobim e Ary Barroso, mas se encantou mesmo com o violonista de Varre-Sai, que acompanhava a atração seguinte. Os dois ficaram conversando até a manhã do dia seguinte, no que se revelou apenas o primeiro encontro de uma produtiva amizade.

No mesmo ano, ele passou três meses hospedado no apartamento de Vinicius, no Parque Guinle, onde a dupla compôs seus primeiros 25 sambas, entre eles *Consolação*, *Samba em Prelúdio* (trecho a seguir), *Labareda*, *O Astronauta* e *Berimbau*, no qual Baden levou para o violão a sonoridade do instrumento ícone da capoeira.

*Eu sem você  
não tenho porquê  
Porque sem você  
não sei nem chorar  
Sou chama sem luz*

*Jardim sem luar  
Luar sem amor  
Amor sem se dar...*

*E eu sem você  
Sou só desamor  
Um barco sem mar  
Um campo sem flor  
Tristeza que vai  
Tristeza que vem  
Sem você meu amor  
Eu não sou ninguém...*



7. Com Pixinguinha, Caymmi e Vinicius

*“Baden e Vinicius tinham, cada um, o que o outro precisava – e muitas coisas em comum. Para Baden, Vinicius representava o berço, a cultura, o refinamento. Para Vinicius, Baden era a origem negra, a rua, a malandragem”.*

Trecho da *Coleção Folha 50 Anos de Bossa Nova: Baden Powell*, de Ruy Castro.

## Mudança para a França

No início da década de 1960, o violonista consolidou sua carreira fonográfica com o lançamento dos LPs *Um Violão na Madrugada* (1961), *Baden Powell Swings with Jimmy Pratt* (1962) e *Baden Powell à Vontade* (1963). Outro destaque foi o disco *Vinicius & Odette Lara* (1963), composto inteiramente por parcerias entre Baden e o Poetinha. Entre as 12 faixas, destaque para *Deixa e Samba da Benção* (trecho a seguir).

*É melhor ser alegre  
que ser triste  
Alegria é a melhor  
coisa que existe  
É assim como a luz no coração  
Mas pra fazer  
um samba com beleza  
É preciso um bocado de tristeza  
É preciso um bocado de tristeza  
Senão não se faz  
um samba não  
(...)  
Fazer samba não é contar piada  
E quem faz samba assim não  
é de nada  
O bom samba é uma forma  
de oração  
Porque o samba é a tristeza  
que balança  
E a tristeza tem sempre uma  
esperança  
A tristeza tem sempre uma  
esperança  
De um dia não ser mais  
triste não*

Na vida pessoal, altos e baixos: no final de 1962, faleceu o pai do compositor, que preferiu ficar ao lado de Tic em seus últimos momentos a participar do show de bossa nova no Carnegie Hall, em Nova York, para o qual estava escalado. Em março de 1963, Baden se casou com Heloísa Setta, sua namorada havia cinco anos. Convencido pelo

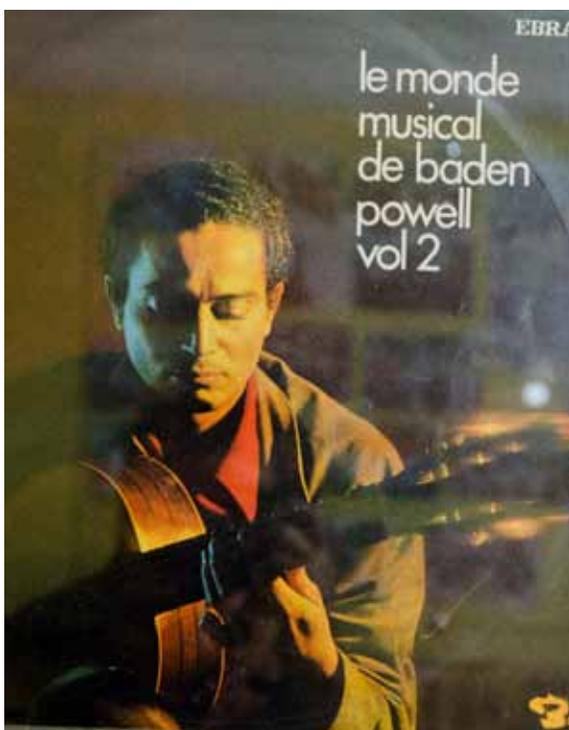


8. Vinicius e Heloísa

empresário Oswaldo Palma, o casal se mudou para Paris, mesmo sem falar francês e com apenas 400 dólares, sendo recebido por Vinicius – que na época trabalhava na embaixada do Brasil.

Baden logo começou a tocar na noite parisiense. No fim do ano, por intermédio do músico francês Pierre Barouh, fã da música brasileira, conseguiu uma apresentação na série de espetáculos *Musicorama*, que ocupava as tardes de sábado da famosa casa de espetáculos Olympia. As atrações, em geral desconhecidas e exóticas, tinham direito a apresentar uma única música. No entanto, o brasileiro, aplaudidíssimo, ganhou o então inédito direito de tocar um bis.

A situação financeira do casal melhorou em 1964 devido ao sucesso de vendas de *Le Monde Musical de Baden Powell*, primeiro dos muitos discos gravados e lançados pelo artista na Europa, e ao início do trabalho com o pianista Michel Legrand, que o convidou para compor em conjunto a trilha sonora do filme *Et la Femme Créa l'Amour*, de Fabien Collin.



9. Capa do LP *Le Monde Musical de Baden Powell Vol. 2*

Em 1965, lançamentos cá e lá: no Brasil, o LP *De Vinicius e Baden Especialmente para Cyro Monteiro* levou ao público novas composições dos parceiros reunidos no exterior; na França, *Billy Nencioly et Baden Powell* mostrou o compositor no clima da *chanson française*.

No mesmo ano, de volta ao Brasil para um período inicialmente programado de quatro meses, mas que acabou durando quatro anos, Baden fez shows no Rio e em São Paulo e integrou o plantel de músicos do programa de TV semanal *O Fino da Bossa*. Em dezembro, chegou ao fim o casamento com Heloísa.

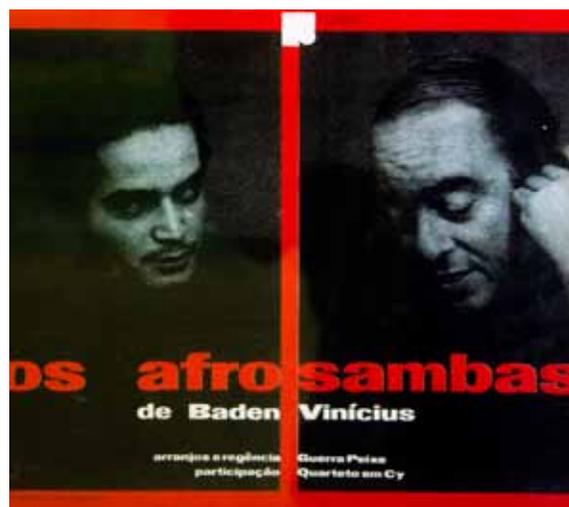
## Um novo parceiro

Nessa passagem pelo Brasil, Baden conheceu, por intermédio de seu primo, o violonista João de Aquino, o então adolescente Paulo César Pinheiro, que viria a se tornar outro importante parceiro em sua carreira. A afinidade entre os dois foi imediata e logo rendeu frutos, sendo o

primeiro deles o samba *Lapinha*, que, em 1968, interpretado por Elis Regina, foi o vencedor da Bienal do Samba, promovida pela TV Record.

*Baden e Pinheiro apresentaram Lapinha em primeira mão no Bar Veloso, em Ipanema, para aprovação de todos os presentes, exceto um: Vinicius de Moraes. Ao perceber a decepção no rosto do adolescente, Tom Jobim tentou consolá-lo: “Não liga não, Paulinho. Vinicius é extremamente ciumento. Não faz por mal”.*

Em 1966, chegou às lojas o LP *Os Afro-Sambas de Baden e Vinicius*, obra mais importante da dupla, com inéditas (como *Tempo de Amor* e *Bocochê*) e regravações (casos de *Tristeza* e *Solidão* e *Canto de Ossanha*). Também foram lançados os discos *Tempo Feliz*, ao vivo no Teatro Santa Rosa e *Tristeza on Guitar*, esse na Alemanha. No mesmo ano, o músico recebeu um convite para tocar para o então presidente norte-americano Lyndon Johnson, na Casa Branca, mas não aceitou por já ter um show agendado na Zum-Zum – uma pequena boate de Copacabana.



10. Capa do disco *Os Afro Sambas*

Em 1970, subiu ao palco ao lado do parceiro Paulo Cesar Pinheiro no espetáculo *É de Lei*, que apresentou a segunda leva de composições da dupla, como *Violão Vadio*, *Refém da Solidão*, *Aviso aos Navegantes* e *Vou Deitar e Rolar* (trecho a seguir). Muitas dessas músicas foram gravadas pela primeira vez pela cantora Elizeth Cardoso, que, ao lado de Elis Regina, tornou-se a principal intérprete dessa parceria.

*Não venha querer se consolar  
Que agora não dá mais pé  
Nem nunca mais vai dar  
Também, quem mandou  
se levantar?  
Quem levantou pra sair  
Perde o lugar*

*E agora, cadê teu novo amor?  
Cadê, que ele nunca funcionou?  
Cadê, que ele nada resolveu?*

*Quaquaraquaquá, quem riu?  
Quaquaraquaquá, fui eu  
Quaquaraquaquá, quem riu?  
Quaquaraquaquá, fui eu  
Ainda sou mais eu*



11. Com Elizeth Cardoso, João Nogueira e Paulo César Pinheiro

No fim do ano, apresentou-se pela primeira vez no Japão, ao lado do pianista norte-americano Thelonious Monk, um de seus ídolos.

## Dez discos em um ano

A década de 1970 foi marcada por diversos lançamentos no Brasil e no Velho Continente, onde Baden voltou a viver. Em 1971, foram dez novos discos: oito na França, um na Alemanha e outro no Brasil. Nos anos seguintes, esses três países viram lançamentos quase que anuais do violonista, além do Japão, onde, em 1972, saiu o LP *Face au Public*.

*Segundo a biógrafa Dominique Dreyfuss, as avalanches de discos quase simultâneos se explicam pelo fato de a carreira discográfica de Baden Powell ter sido quase sempre levada por motivos financeiros. “Quando ele gravava um disco, não queria saber de royalties. Pedia uma determinada quantia à gravadora, gravava e pronto. Não recebia mais nada depois”*

Sete meses antes da morte de sua mãe, Adelina, em fevereiro de 1976, Baden começou o relacionamento com a enfermeira Sílvia Eugênia de Souza, o mais longo de sua vida. Ela logo se tornou sua produtora e empresária. Em abril de 1978, nasceu, em Paris, o primeiro filho do casal, Philippe Baden Powell, que teve como padrinhos Paulo Cesar Pinheiro e Clara Nunes.

Em 1980, em passagem pelo Brasil para a temporada de lançamento do LP *Nosso Baden*, o artista recebeu a notícia da morte de Vinicius de Moraes. Ele refez o roteiro dos shows para incluir a homenagem *Feitinha pro Poeta* (coautoria de Lula Freire) e outras composições feitas com o amigo recém-falecido. Desses shows resultou o disco-tributo *De Baden para Vinicius* (1981).

Louis-Marcel Powell, o segundo filho do músico com Sílvia, veio em 1982. Logo após seu nascimento, a família se mudou para a pequena cidade alemã de Baden-Baden, da qual o músico guardava boas recordações de apresentações feitas na década de 1960. Além de simpatizar com o nome da cidade, ele queria escapar do agito de Paris.



12. Com Sílvia e os filhos

A estada na terra de Bach durou cinco anos, período marcado por shows e turnês pela Europa: Suíça, Áustria, Vaticano e a própria Alemanha. Em 1986, foi chamado de última hora para o festival *Couleurs Brésil*, na França, em função da desistência de Caetano Veloso. O evento reuniu a nata da música brasileira: Chico Buarque, Milton Nascimento, Gal Costa, Luiz Gonzaga, Maria Bethânia, entre outros nomes.

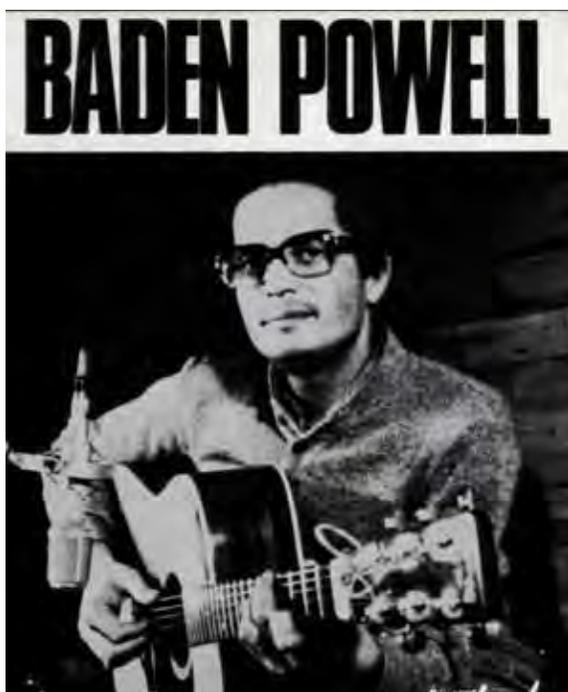
## De volta ao Brasil

Após mais de duas décadas no exterior, Baden retornou em definitivo ao Rio de Janeiro, com a família, em 1987. Depois de uma temporada em Nova York, a série de shows no Rio e em São Paulo registrou casa cheia e imenso carinho do público brasileiro. No ano seguinte, as apresentações realizadas no Jazzmania, em Ipanema, contaram com a participação de seus dois filhos tocando percussão.



13. Baden no calçadão de Copacabana

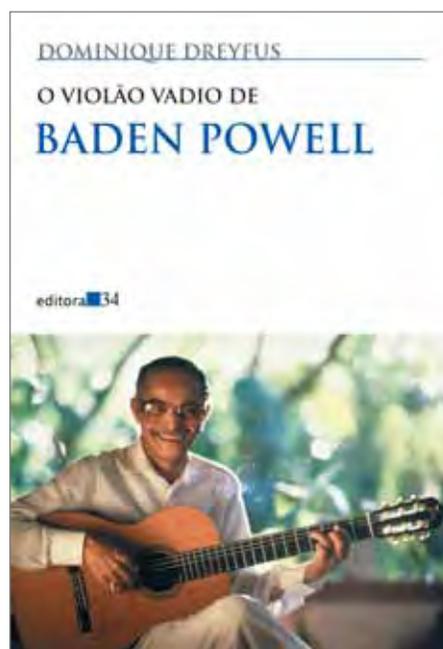
A presença dos filhos em sua carreira ficou cada vez mais constante. Em 1994, o CD *De Rio a Paris*, lançado na França e no Brasil, trouxe as faixas *Asa Delta* (composta com Philippe) e *Velhos Natais* (com Marcel). Em julho, um show em São Paulo com o primogênito no piano e o caçula no violão gerou o CD *Baden e Filhos ao Vivo*.



14. Cartaz da apresentação na Europa

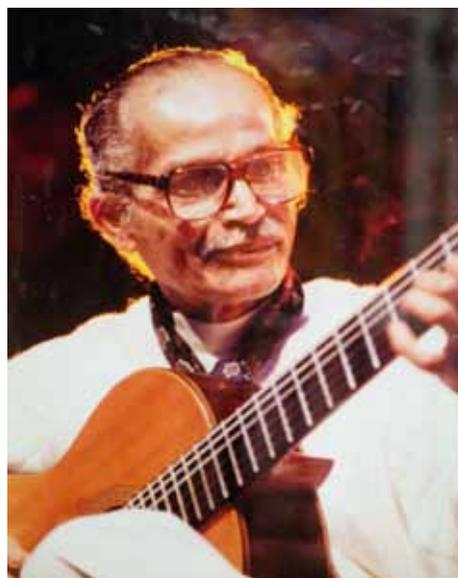
O trio também se apresentou junto no Nice Jazz Festival de 1995. Pouco depois, o show do violonista no Festival de Montreux, na Suíça, com repertório dedicado a mestres como João Pernambuco, Dorival Caymmi, Luiz Gonzaga e Ary Barroso, foi registrado no CD *Baden Powell Live at Montreux 1995*, que teve grande destaque no mercado fonográfico europeu. Em novembro, foi o homenageado do 15º Prêmio Shell de Música Popular Brasileira. Separado de Sílvia havia algum tempo, Baden se casou novamente e pela última vez em 1997, com Elizabeth Amorim do Carmo.

No último ano de vida, o compositor lançou dois discos: *Baden: João Pernambuco e o Sertão* e *Lembranças*. No dia 26 de setembro de 2000, aos 63 anos, Baden Powell faleceu no Rio de Janeiro, vítima de uma pneumonia bacteriana. O velório ocorreu na Câmara dos Vereadores, onde uma missa ecumênica foi realizada por Dom Estevão Maurício Vasquez, seu amigo de infância e primeiro parceiro musical. O enterro, ao som de *Lapinha*, tocado pelo filho Marcel, contou com a presença de Paulo Cesar Pinheiro, Paulinho da Viola, Dorival e Nana Caymmi, entre outros amigos.



15. Capa do livro *O Violão Vadio de Baden Powell*

Em 2001, entrou em funcionamento a Sala Baden Powell, em Copacabana, onde antes funcionava o Cinema Ricamar. Reformado em 2014, o local abriga shows, peças teatrais e outros eventos culturais.



16. Com seu melhor amigo, o violão

Após sua morte, o músico foi homenageado em composições e discos por diversos artistas, como Clara Sandroni, Marcos Sacramento, Cauby Peixoto e Yamandú Costa. E seus filhos, Philippe (pianista) e Marcel (violonista) consolidaram a carreira artística.



# João Roberto Kelly

*Rapaz, se eu fosse desenhista, faria uma caricatura sua!  
Mas, como sou compositor, eu vou fazer é uma música.*

Kelly ao garçom que inspirou *Cabeleira do Zezé*





1. O compositor, em casa, ao piano, instrumento que o acompanha desde menino

Em 24 de junho de 1938, dia de São João, o educador Celso Kelly, então diretor do Teatro Municipal, assistia a um recital da soprano Bidu Sayão quando recebeu a notícia de que sua esposa, Luzia, estava a caminho do hospital para dar à luz o segundo filho do casal. Ele aproveitou o intervalo da apresentação para avisar à cantora lírica que não poderia estar presente durante o segundo ato e dela ouviu a previsão: “Celso, é um menino. E vai ser músico. E, ao ensejo desta noite, que é tão festiva e com o céu cheio de balões, será músico popular”.



2. Bidu Sayão

Sob esses auspícios, nasceu João Roberto Kelly, que durante os dois primeiros anos de vida morou com os pais e o irmão mais velho, Fernando, no bairro de Botafogo. Em 1940, a família se mudou para uma casa construída na Rua Fonte da Saudade, na Lagoa, em terreno presenteado pelo pai de Celso, o jurista e ministro do Supremo Tribunal Federal Octávio Kelly. Nessa casa em que viveu até a juventude, João Roberto cresceu em meio a ricas experiências culturais proporcionadas por seus pais.



3. João (à esquerda) com a família

Advogado de formação, Celso foi, na prática, jornalista e professor. Dirigiu a redação do jornal A Noite, no qual assinou a coluna Letras e Artes, e deu aulas no Instituto de Edu-

cação e na Faculdade Nacional de Filosofia. Também dirigiu a Rádio Nacional e presidiu a Associação Brasileira de Imprensa. Luzia, dona de casa, criou os filhos e, exímia tocadora de piano, ensinou ao caçula as primeiras noções musicais. A casa na Lagoa era frequentada por artistas e intelectuais, como o escritor Guimarães Rosa e o pintor Cândido Portinari. Além disso, o casal, fã do carnaval e de suas músicas, valorizava a cultura popular.

*“Tudo gente de cultura, lá em casa não mandava o dinheiro. O cara respeitado era o cara que sabia, que era bom em alguma coisa. Menos o bom em dinheiro. Esse não existia”.*

João, sobre as reuniões realizadas na casa de seus pais.

De tanto ouvir a mãe e a avó tocarem piano em casa, João Roberto começou a se aventurar no instrumento ao mesmo tempo em que aprendeu a ler e a escrever, por volta dos seis anos. O menino gostava de cantar com o irmão os sucessos da época, acompanhando as músicas com instrumentos de percussão. O repertório vinha dos discos comprados pela mãe e das rádios Nacional, MEC e Roquette Pinto, e incluía o conjunto vocal Os Anjos do Inferno, Orlando Silva, Carmen Miranda e Emilinha Borba.

Aos 11 anos, ele começou a ter as primeiras aulas formais de piano com a professora Zélia de Lima Furtado. Aprimorou a técnica e foi encorajado a criar seu próprio estilo enquanto começava a compor os primeiros esboços. Seguindo recomendação da professora, entrou no Conservatório Brasileiro de Música, onde estudou entre 1952 e 1953 e aprendeu teoria musical. A própria Zélia, no entanto, sugeriu que o pupilo deixasse o conservatório por temer que a rigidez da instituição limitasse sua capacidade criativa.

## Festas universitárias

Durante a adolescência, João era levado pelo irmão Fernando, que já cursava a faculdade de Direito, a festas e reuniões dos colegas de universidade, onde os dois se apresentavam de forma improvisada. Enquanto o primogênito dos Kelly fazia seu cartaz com as meninas, cantando músicas românticas, o caçula o acompanhava ao piano. “Ele conquistava as meninas e eu, só de olho, ia vendo como é que era esse negócio”, lembrou em depoimento ao jornalista e pesquisador Pedro Paulo Malta. Durante esses eventos, João aproveitava para executar suas primeiras composições, entre elas *Minha Mágoa* (trecho a seguir), feita por volta dos 16 anos.

*Lábios que beijavam minha boca  
Na febre louca do amor  
Hoje me difamam por despeito  
E a mágoa no meu peito  
É um horror*



4. Kelly, aos 18 anos



Celso Kelly se impressionava com as letras do filho, ainda novo para escrever com precisão sobre experiências como desilusão amorosa. “Eu respondia: ‘Ah, pai. Saiu daqui da minha cabeça. Quem sabe não vivi isso em outras vidas?’”, disse o compositor a Malta. Além de espanto, Celso sentia orgulho do filho músico, incentivando-o seguir a carreira artística, mesmo após sua entrada no curso de Direito.

*João Roberto seguiu a tradição familiar e se formou em Direito, mas nunca exerceu a profissão. Teve como colega de faculdade outro célebre compositor: Geraldo Vandré.*

## Carreira no teatro

Certa vez, abordado pelo teatrólogo Geyza Bôscoli sobre o filho compositor, Celso tratou de marcar a primeira “entrevista de emprego” de João Roberto, em 1957.

Acompanhado do pai e do irmão, o músico principiante compareceu ao Teatrinho Jardel, em Copacabana, para mostrar o que vinha fazendo. Os sambas, sambas-canção e marchinhas impressionaram Bôscoli, que o contratou de imediato para musicar a peça que vinha escrevendo com o jornalista Leon Eliachar.

O espetáculo do teatro de revista *Sputnik no Morro* estreou em janeiro de 1958, e contou com várias músicas de João que já sinalizavam seu talento para transformar fatos do cotidiano em sátiras musicais, como na marchinha que inspirou o título da peça, baseada no lançamento do satélite espacial russo que levava a bordo a cadela Laika: “Agora é chique falar de Sputnik/ Mas ninguém sabe o mistério da questão/ Quando eu pergunto ninguém responde, não/ Por

que botaram uma cachorra em vez de um cão”. A boa resposta do público e da crítica o fez perceber que estava se tornando um músico profissional.



5. João Roberto, no Teatro Jardel

No mesmo ano, *Samba de Telecoteco* (trecho a seguir), gravado pelo pianista Waldir Calmon no LP *Feito para Dançar nº 10*, tornou-se o primeiro sucesso de João Roberto Kelly fora do mundo teatral.

*Samba que não tem teleco-teco  
Lá no morro é chaveco  
não é samba não  
A turma bate o samba no original  
Para mostrar que o malandro é  
cem por cento nacional*

*Samba americanizado  
Lá não tem opinião  
Porque o morro  
Não aceita importação*

Composta dois anos antes, a música era uma alfinetada nos pianistas americanizados da noite carioca. “Luizinho Eça, Johnny Alf... Esses músicos, todos um pouco mais velhos do que eu, e geniais, mas que seguiam muito a linha americana. Um *jazzinho* é bom fazer sempre que possível, mas não no samba, né?”, explicou o compositor.

Em 1959, Kelly musicou novos textos de Geysa Bôscoli: a revista *O Rei do Xadrez* e a peça infantil *Papai Noel de Bambolê – Papai Noel Está em Todas*. O destaque, porém, foi o lançamento do samba *Boato* na voz de Elza Soares. “Sem perceber, minha vida tinha mudado. Entendi ali, com meu primeiro sucesso nacional, que a música tinha força”, relatou ao pesquisador Malta.



6. A cantora Elza Soares

O sucesso de *Boato* (trecho a seguir) o levou a participar de diversas entrevistas e programas radiofônicos. Em um deles, na Rádio Jornal do Brasil, conheceu o pianista e compositor Luís Reis, que se tornou um grande amigo e responsável por levá-lo para a televisão.

*Boato só o tempo desfaz  
Você foi a mentira  
que deixou saudade  
Todo boato tem  
um fundo de verdade*

A revista *Por Que Me Ufano de Bananal* (1960), de Jararaca e Geysa Bôscoli, mais uma parceria de João com o teatrólogo,

apresentou o samba *Brotinho Bossa Nova* (trecho a seguir), gravado em seguida pela cantora Aracy de Almeida. Além disso, anos mais tarde, a melodia da marcha-rancho sobre a cidade fictícia de Bananal seria reaproveitada por Kelly para o programa de TV *Praça Onze*.

*Brotinho bossa-nova,  
Fina flor do sindicato,  
Do cachorro-quente,  
Da Lambretta e do boato,  
Cabelo no ombro,  
Na pinta, um assombro,  
Porém não me engana,  
Com todo seu “it”,  
É falsa Brigitte,  
De Copacabana.*

## Carreira na TV

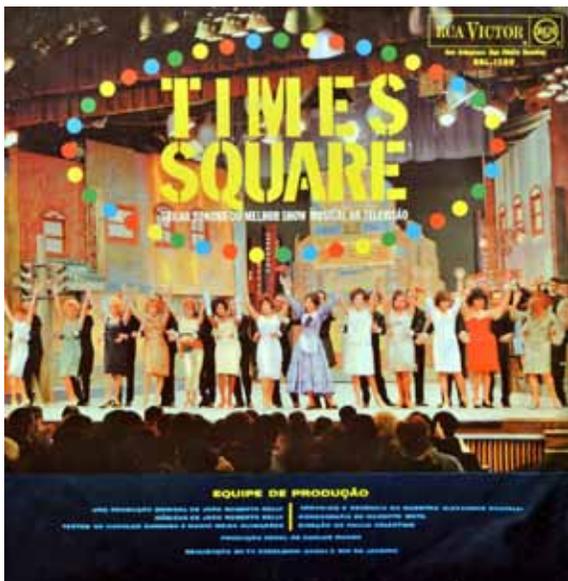
Em 1961, o compositor teve diversas músicas gravadas por grandes intérpretes: *Es-mola* (Elizeth Cardoso), *Qual É o Pó* (Emilinha Borba), *Mais do que Amor* (Jamelão), *Dor-de-Cotovelo* (Elis Regina) e *Casa Vazia* (Zezé Gonzaga). Também estreou como cantor no LP *João Roberto Kelly e os Garotos da Bossa*, com 12 canções de sua autoria e teve, ainda, a primeira experiência como músico fixo de um programa televisivo em *Ao Encontro da Música*, na TV Continental.

Em 1963, foi contratado pela recém-inaugurada TV Excelsior. A ideia de levá-lo para a televisão partiu do amigo Luís Reis, que também entrou na emissora. Seu primeiro desafio lhe foi passado pelo diretor Carlos Manga. Ele precisava de uma trilha sonora para o programa que estava preparando: *Times Square*.

Transmitido ao vivo nas noites de quinta-feira, *Times Square* se tornou um dos grandes sucessos da televisão brasileira até maio de 1965, quando saiu do ar. Inspirado no teatro de revista e composto



por quadros cômicos musicados, tinha a fórmula ideal para Kelly, que, com a experiência adquirida no teatro, tirou de letra a tarefa. Trabalhou ao lado de Chico Any-sio, Haroldo Barbosa e Meira Guimarães, redatores da produção que tinha em seu elenco nomes como Grande Otelo, Castri-nho e Daniel Filho.



7. Trilha sonora do programa *Times Square*, lançada em 1964

Algumas músicas criadas para a atração fi-zeram sucesso também fora da televisão, casos de *Samba de Branco* (trecho a se-guir), *Só Vou de Balanço* e *Twist*, lançadas em discos. A popularidade de *Times Squa-re* fez com que a TV Excelsior começasse a produção de outro programa com a mesma estrutura (*My Fair Show*) e com o mesmo compositor: Kelly. “No começo fiquei invo-cado. Então eu musico todo o *Times Square*, me mato de trabalhar, ensaio todo o elenco e vocês agora me inventam outro?!”, relem-brou o compositor em depoimento ao pes-quisador Malta. Convencido pela emissora, a nova atração acabou se tornando outro tra-balho de sucesso em seu currículo.

*Samba de branco*  
*Não tem tamanco*  
*E de camisa listrada não sai*  
*Traje a rigor com camisa*  
*engomada*

*Samba de branco tem black tie*  
*Samba de branco*  
*tem conta no banco*  
*Tem cadilac, mordomo e chofer*  
*Samba de branco*  
*não é um qualquer*  
*Mas também, mas também*  
*mas também tem mulher*

## A cabeleira do Zezé

João Roberto costumava relaxar da rotina intensa de trabalho no Bar São Jorge, em Copacabana. Em uma das noitadas no local, deparou-se com o jeito exótico do garçom Zé Antônio, com cabelo grande e botas, no es-tilo Beatles. A figura serviu como inspiração para a composição da marchinha *Cabeleira do Zezé* (trecho a seguir), um dos maiores sucessos de sua carreira.

*Olha a cabeleira do zezé*  
*Será que ele é*  
*Será que ele é*

*Será que ele é bossa nova?*  
*Será que ele é Maomé?*  
*Parece que é transviado*  
*Mas isso eu não sei se ele é...*

A canção, gravada por Jorge Goulart, ganhou o concurso de músicas de carnaval da Pre-feitura do Rio e foi a mais executada duran-te a folia de 1964. Pela divulgação da mar-chinha e pela melodia do verso final (*Corta o cabelo dele*), Roberto Faissal recebeu o crédito de coautor. Kelly foi parabenizado pessoalmente por Haroldo Lobo, um de seus ídolos e autor de célebres músicas carna-lescas, como *Alalaô* e *Índio Quer Apito*.

Ainda em 1964, três discos chegaram ao mercado: *Samba a 4 Mãos – João Roberto Kelly e Luís Reis* e as trilhas sonoras de *Times Square* e *My Fair Show*. Em dezembro, nasceu Lúcia, única filha do músico e fruto

de seu relacionamento com Beatriz da Silva Araújo, também conhecida como Julie Joy, radioatriz e cantora.

Em 1965, após trocar a TV Excelsior pela TV Rio, João Roberto estreou na nova emissora junto com o programa Praça Onze, outro campeão de audiência, que seguia os mesmos moldes das produções em que trabalhara anteriormente. Para a música-tema da atração, usou uma das melodias da peça *Por Que Me Ufano de Bananal*, e reescreveu a letra junto com Chico Anysio. *O Rancho da Praça Onze* (trecho a seguir) acabou virando um dos últimos sucessos da cantora Dalva de Oliveira e rendeu ao compositor o segundo título consecutivo no concurso de músicas de carnaval da Prefeitura do Rio.

*Esta é a Praça Onze tão querida  
Do carnaval a própria vida  
Tudo é sempre carnaval  
Vamos ver desta Praça a poesia  
E sempre em tom de alegria  
Fazê-la internacional*

*A Praça existe alegre ou triste  
Em nossa imaginação  
A Praça é nossa e como é nossa  
No Rio quatrocentão*

Ele também foi responsável por outros sucessos da folia daquele ano: *Joga a Chave, Meu Amor*, gravada por Jorge Goulart, e *Mulata iê-iê-iê* (trecho a seguir), lançada na voz de Emilinha Borba. Essa última, feita em homenagem a Vera Lúcia Couto, primeira negra a vencer o concurso de Miss Guanabara, em 1964, foi apropriada pelas torcidas dos grandes clubes de futebol do Rio de Janeiro, que até hoje cantam sua melodia nos estádios.

*Mulata bossa nova  
Caiu no hully-gully  
E só dá ela  
lê iê iê  
lê iê iê iê iê  
Na passarela*

## Apresentador de TV

Após João emplacar tantos sucessos, o diretor da TV Rio na época, Walter Clark, propôs-lhe atuar como apresentador de um novo programa que estava sendo criado. Desafio aceito, o compositor assumiu o comando de *Musikelly*, produção que ia ao ar às quintas-feiras na qual ele conversava e tocava com seus convidados como Ângela Maria, Cauby Peixoto, Dalva de Oliveira, entre outros nomes da música brasileira. João também era responsável pelas músicas do programa *Rio Hit Parade*.



8. O compositor, em um programa de TV

A experiência como apresentador continuou em 1966, quando se mudou para São Paulo. Lá, trabalhou na TV Globo durante um ano e esteve à frente de *Alegro*, atração com o mesmo formato de *Musikelly*.

Nos anos de passagem da década de 1960 para 1970, João Roberto marcou presença nos carnavais com inúmeras marchinhas, incluindo *Bostelá* e *Garota do Ibope* (com Augusto Melo Pinto), em 1966; *Colombina iê-iê-iê*



e *Eu Quero Ver* (ambas com David Nasser), em 1967; *Rancho do Lalá* (com David Nasser), em 1968; *Chê chê chê*, em 1969; *A Mangueira na Lua* e *A Gente Resolve Depois*, em 1970; e *Paz e Amor* (com Toninho), em 1971, que ganhou o concurso de músicas de carnaval promovido pela TV Tupi.

*Durante a década de 1970, Kelly realizou diversos bailes de carnaval pela Europa. Também foi responsável, ao lado de Emilinha Borba, pela primeira festa carnavalesca do hotel Waldorf Astoria, em Nova York*

Em 1974, após o lançamento do LP *João Roberto Kelly*, o compositor voltou a atuar como apresentador, dessa vez em *Rio Dá Samba* – mistura de musical com show de mulatas, inspirado em um show homônimo que ele já vinha fazendo pelo país. Ele recebia intérpretes, passistas, carnavalescos, dirigentes e outras pessoas associadas ao mundo das escolas de samba. O programa tinha como atração fixa o cantor Jamelão e revelou um certo Neguinho da Vala, mais tarde indicado por João para ser o intérprete da *Beija Flor de Nilópolis*, ficando nacionalmente conhecido como *Neguinho da Beija Flor*.



9. O cantor Jamelão, atração do programa *Rio Dá Samba*

*Rio Dá Samba* entrou no ar pela TV Rio e, no ano seguinte, devido ao sucesso, seguiu para a Tupi. Ficou no ar até 1986, passando ainda pelas TVs Bandeirantes e Corcovado, e serviu de plataforma para pelo menos dois grandes sucessos de João: o samba romântico *Mormaço* (trecho a seguir) e *Dança do Bole Bole*.

*Você chegou na minha vida  
lentamente,  
Você foi paz você foi gente  
Me fez feliz me fez contente*

O sucesso do programa e o conseqüente prestígio conquistado junto às escolas de samba renderam a Kelly sua única experiência profissional fora da música. Em 1978, foi nomeado diretor de certames da Riotur, órgão responsável por estimular o turismo na cidade do Rio e o qual presidiu entre 1980 e 1981. Em 1982 e 1983, assumiu a Flumitur, entidade similar voltada ao estado do Rio de Janeiro. Nesse período, a Riotur trouxe para a cidade o Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1, disputado no Autódromo de Jacarepaguá em 1978 e entre 1981 e 1989.

## Mestre da marchinha



10. Ao lado do cantor Roberto Audi, em programa do Chacrinha

Já consolidado como compositor de marchinhas carnavalescas, João se consagrou em 1982, com o sucesso obtido por *Maria Sapatão*, composição gravada por Chacrinha. Com isso, passou a figurar ao lado dos demais

expoentes do gênero: Lamartine Babo, Braquinha e Haroldo Lobo. Embora também assinada pelo velho guerreiro, Leleco Barbosa (filho de Chacrinha) e Don Carlos (produtor de Kelly), a composição é mesmo de João, que concedeu a coautoria. “Nenhum deles fez nada na música, todos acabaram entrando na parceria politicamente”, afirmou ao pesquisador Pedro Paulo Malta.

Outras parcerias de Kelly e Chacrinha a animar carnavais seguintes foram *Break Break* (1984) e *Bota a Camisinha* (1987), um alerta aos jovens à questão da Aids.

Em 1985, estreou na TV Record o programa *Gente do Rio*, apresentado por Gilse Campos e no qual João era responsável pelo quadro musical de encerramento. A atração ficou no ar até meados da década de 1990, passando também pelas TVs Corcovado e Bandeirantes.

Seu disco mais recente até o momento dessa publicação, o instrumental *Happy Hour – Ao Piano com João Roberto Kelly* (1994), trouxe no repertório quatro faixas de sua autoria – incluindo a inédita *Felicidade Feliz* (em parceria com Douglas) –, boleros, sucessos de Tom Jobim e Edith Piaf e clássicos do cancionário norte-americano.

Em 2005, após décadas de solteirice convicta, Kelly se casou com Maria Helena Arduíni Ayres, que conheceu em uma sorveteria de Copacabana. “Surgiu uma amizade, depois namoro. Quando dei por mim, pela primeira vez me bateu essa ideia de viver com ela para sempre”, contou o compositor. Maria Helena se tornou sua empresária e os dois, apesar de casados, nunca moraram juntos.

Em comemoração aos seus 70 anos, a editora Irmãos Vitale lançou, em 2008, o songbook *A Obra de João Roberto Kelly*, com partituras de 39 músicas. O lançamento do curta-metragem documental *No Balanço do Kelly* (2010), de André Weller, ocorreu no mesmo ano em que recebeu homenagens do bloco

de carnaval Cordão da Bola Preta e do Concurso Nacional de Marchinhas Carnavalescas da Fundação Progresso.



11. Homenagem do Cordão da Bola Preta

Para o carnaval de 2011, lançou *Marchinha de Carnaval (Politicamente Incorreta)* (trecho a seguir), feita em parceria com Eduardo Dussek, considerado pelo próprio Kelly seu principal sucessor como compositor de marchinhas.

*Eu sou gostosa  
Maliciosa  
Não leve a mal  
Politicamente incorreta  
Sou a marchinha de carnaval*

Aos 78 anos, o notável João Roberto Kelly ainda curte os carnavais em Copacabana, onde mora.



12. Retrato a óleo de Kelly





# Zé Kéti

*... eu, particularmente, me considero um repórter musical, porque procuro fazer música sobre alguma coisa importante, sobre uma coisa que tenha sentido, uma história, um enredo.*

Zé Kéti, em depoimento ao Museu da Imagem e do Som





1. Zé Kéti atuou como líder e relações públicas no mundo do samba

No dia 16 de setembro de 1921, em uma casinha no bairro de Inhaúma, subúrbio do Rio de Janeiro, nasceu o menino José Flores de Jesus. Apesar da estação de trem que já ligava o local ao centro da cidade, Inhaúma ainda era zona rural, tanto que os pais do pequeno Zé, a dona de casa Leonor Inácia de Jesus e o marinheiro Josué Vale de Jesus, só registraram seu nascimento no dia 6 de outubro.

A morte prematura de Josué, aos 33 anos, obrigou Leonor a se mudar para a casa do pai, João Dionísio, em Bangu, em 1924. Na Zona Oeste carioca, ela trabalhou como empregada doméstica e, nas horas vagas, frequentava a gafeira onde se divertiam os operários da fábrica de tecidos Bangu. José acompanhava a mãe em alguma dessas noites e também curtia as rodas de choro organizadas na casa do avô, demonstrando, desde cedo, um interesse pela música. “Eu ia para as festas com a minha mãe e, em vez de dar atenção à gurizada da minha idade, dispensava as correrias e as brincadeiras para ficar ligado aos músicos”, recordou, em reportagem do jornal Zero Hora de setembro de 1972.

Em 1928, com o falecimento de João Dionísio, Leonor e José tiveram que se mudar novamente, dessa vez para uma localidade de Madureira, conhecida como Dona Clara. Veio provavelmente dessa época o apelido

pelo qual o sambista ficaria conhecido, como ele próprio contou e está registrado no disco *Show Opinião* (1965). Enquanto a mãe trabalhava, as vizinhas ajudavam a tomar conta do menino. Geralmente comportado, elas relatavam a Leonor que o Zé havia ficado quieto, quietinho e o “Zé Quietinho” acabou se tornando Zéqueti. A grafia “Kéti” só viria na década de 1950. “Aí então comecei a escrever meu nome com K, porque K estava dando sorte, estava por cima. Kennedy, Kruschew e Kubitschek”.



2. Zé, no colo da avó

Aos sete anos, Zé fez sua primeira composição, uma homenagem ao seu melhor amigo de então, um colega de escola. “Era uma música sobre a nossa amizade, a consideração, essas coisas...”, contou em depoimento ao Museu da Imagem e do Som (MIS), em 1967. A letra e a melodia, no entanto, perderam-se com o tempo.

## Os primeiros carnavais

Em Dona Clara, Zé Kéti continuava atento às rodas de choro das redondezas e ao samba, que vinha do Conjunto Carnavalesco Oswaldo Cruz, semente do que viria a ser uma de suas paixões, a Portela. Curtia os carnavais com a mãe na Praça Onze, onde viram, em 1932, o primeiro desfile competitivo das escolas de samba do Rio. As lembranças dessas primeiras folias deram origem a *Praça Onze, Berço do Samba* (trecho a seguir), música autobiográfica gravada em 1973.

*Cadê o teu samba, Favela?  
Era criança na Praça Onze  
Eu corria pra te ver desfilar*

*Favela  
Queremos teu samba  
Teu samba era quente  
Fazia meu povo vibrar  
Até a lua a lua cheia  
Sorria, sorria*

Quando garoto, ele também gostava de ouvir músicas no rádio, especialmente os duetos de Marília Baptista e Noel Rosa, o compositor de Vila Isabel que foi uma de suas maiores influências. Aos 13 anos, levado pelo sambista Geraldo Cunha, conheceu a Estação Primeira de Mangueira, local que frequentaria durante toda a vida e onde fez grandes amigos, como o compositor Carlos Cachça, o percussionista Zé Cruz e a pastora Neuma.

Em 1937, mais uma mudança. Zé e a mãe foram morar em Bento Ribeiro, em uma casa construída pelo segundo marido de Dona

Leonor, Hermínio Nascimento Soledade. Mesmo chegando ali adolescente, foi com esse pequeno bairro, entre Madureira e Deodoro, que o artista mais se identificou. “Sou de Bento Ribeiro”, respondeu ele diversas vezes quando perguntado sobre sua procedência. Lá também nasceu seu único irmão, Adilson José Soledade, filho de Leonor e Hermínio.

Nesse mesmo ano, começou a frequentar a Portela. Ainda sem composições suas para mostrar, ele ia aos ensaios para namorar, ouvir os sambas e admirar a figura de Paulo da Portela, fundador da agremiação.

A essa altura da vida, Zé Kéti já não frequentava mais o colégio. Completou apenas o primário e, quando estava para começar o curso ginásial, na Escola Municipal Quintino Bocayuva, abandonou os estudos. Por causa disso, bateu de frente com o padrasto, que queria vê-lo se tornar dentista. Acabou saindo de casa e, para se sustentar, começou a trabalhar. Primeiro, em uma fábrica de calçados; depois, na pedreira de Deodoro.

*Além das atividades artísticas, a vida profissional de Zé Kéti registra as mais diversas ocupações. Ele passou pela Polícia Militar e pelo funcionalismo público, teve uma banca de peixe, foi representante de laboratório farmacêutico e sócio em uma empresa de reformas prediais e em outra, de transporte marítimo de passageiros. Um verdadeiro empreendedor.*

## No mundo da música

Além de frequentar a sede da Portela, Zé Kéti imergiu ainda mais no universo musical quando começou a comparecer ao Café Nice,

famoso reduto de compositores, na Avenida Rio Branco. Passava os dias mostrando suas músicas a quem passasse por perto, mas, de início, não impressionou ninguém.

No entanto, o Nice também era famoso pela presença de “compositores” – aqueles que compravam músicas prontas ou pagavam para terem seus nomes inseridos na autoria das canções.

E havia quem fazia pior. Como um certo A. F. Silva, para quem Zé, volta e meia, cantava seus sambas, ouvindo sempre a mesma resposta: a de que era “um samba tuberculoso, ou seja, fraco”. Em seu depoimento ao MIS, ele contou o final da história. “Um dia, fui à Rádio Clube para ver se conseguia alguma coisa e, quando cheguei, ouvi a Heleninha Costa cantando um samba meu. Até que o locutor anunciou: ‘Acabamos de ouvir um samba de A. F. Silva’. Era uma daquelas músicas minhas. As tuberculosas.”

Zé Kéti continuou procurando por seu espaço até que, em 1945, entrou para o grupo de compositores da Portela. Do primeiro samba apresentado por ele na escola restam apenas os versos da parte inicial, reproduzidos pelo jornalista Sérgio Cabral no livro *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*:

*Lá vem a Portela  
Com suas pastoras  
Alegres a cantar  
Oba ioiô, oba iaiá*

No ano seguinte, teve sua primeira música gravada: o samba-boogie *Tio Sam no Samba* pelo conjunto Vocalistas Tropicais, na Odeon. A autoria foi dividida com o diretor da Odeon, Felisberto Martins que, até onde se sabe, não teve qualquer participação na composição.

Em 1947, o artista emplacou mais uma gravação: o samba de carnaval *Vivo Bem*, interpretado por Cyro Monteiro. Dessa vez, dividiu a autoria com Ary Monteiro que, segundo o

jornalista Nestor de Hollanda (no livro *Memórias do Café Nice*), costumava se oferecer aos compositores para “trabalhar” suas músicas (oferecer a cantores importantes, colocá-las em gravadoras e emissoras de rádio etc) em troca do crédito de coautor.

Zé Kéti se tornou pai em 1948, com o nascimento de Sidinei Soares de Jesus, fruto de seu breve relacionamento com Azuréia Soares. Quatro anos depois, casou-se com Guilhermina da Silva, conhecida como Índia, com quem teve quatro filhos: Bárbara, José Carlos, Geisa e Eliane. Ele também criou Sônia, filha que Guilhermina já tinha quando os dois se casaram.



3. Zé Kéti e a esposa Guilhermina

## A voz do morro

Em 1954, o samba *Leviana* (trecho a seguir), muito cantado no carnaval seguinte, tornou-se o primeiro sucesso do compositor, na voz do

então iniciante Jamelão, que o ouviu durante uma visita da Portela à Mangueira e insistiu em gravá-lo. A popularidade da música, porém, fez surgir na escola de Oswaldo Cruz boatos segundo os quais Zé Kéti havia roubado-a de outro compositor. Magoado com as acusações de plágio, ele se afastou por um tempo da Portela (episódio semelhante acontecera em 1949, com o samba *Não Quero Morrer*). No mesmo ano foi lançado *Seresteiro*, por Elizeth Cardoso.

*O azar é seu  
Em vir me procurar  
Me abandona, me deixa  
Não quero mais ver  
A luz do seu olhar  
Você manchou o lar que era feliz  
E agora quer voltar  
Leviana*

Afastado de sua escola de coração, o sambista passou um tempo na União de Vaz Lobo, quando foi procurado pelo cineasta Nelson Pereira dos Santos, que estava à caça de um compositor “bem carioca” para as músicas de seu próximo filme. Nelson chegou a Zé por indicação do jornalista Vargas Júnior e dessa união resultou um marco do cinema brasileiro: *Rio, 40 Graus*, filmado em 1955 e lançado no ano seguinte.

Influenciado pelo neorealismo italiano, o filme foi o primeiro a mostrar a população pobre dos morros cariocas como protagonista e serviu de inspiração para o Cinema Novo na década posterior. Zé Kéti contribuiu para a produção de forma decisiva: além de compositor, trabalhou como assistente de câmera e ator. Seu samba *A Voz do Morro* (trecho a seguir) faz parte das cenas de abertura e fechamento e *Leviana* também integra a trilha sonora.

*Eu sou o samba  
A voz do morro sou eu mesmo,  
sim senhor  
Quero mostrar ao mundo que  
tenho valor  
Eu sou o rei dos terreiros*

Lançado pelo cantor Jorge Goulart no final de 1955, *A Voz do Morro* se tornou o maior sucesso da carreira de Zé Kéti e do carnaval de 1956, quando teve dez regravações. No mesmo ano, outras duas músicas chegaram ao público: *Samba Rasgado*, na voz de Marlene, e *O Samba Não Morreu* (parceria com Urgel de Castro e também conhecido como *Samba Meu*), por Goulart.



4. Grande Otelo em *Rio, Zona Norte*

As histórias vividas pelo artista serviram de base para o roteiro de *Rio Zona Norte*, outro filme de Nelson Pereira dos Santos do qual participou como compositor e ator. A produção mostra a vida do sambista Espírito da Luz, interpretado por Grande Otelo, cercado de pessoas que tentam se apoderar de suas composições. “O Zé Kéti me contava as coisas todas daquele tempo: como o sambista era lesado, roubado, os direitos dele desviados, os parceiros de mentira... O personagem interpretado pelo Grande Otelo era o Ze Kéti”, disse o cineasta no programa *De Lá pra Cá*, da TV Brasil, em agosto de 2011.

Da trilha do filme, destaque para *Malvadeza Durão* (trecho a seguir), interpretada por Ângela Maria na tela grande e gravada pelo paulistano Germano Mathias em 1959.

*Mais um malandro  
fechou o paletó  
Eu tive dó, eu tive dó  
Quatro velas acesas  
em cima de uma mesa*

*E uma subscrição  
para ser enterrado  
Morreu Malvadeza Durão  
Valente, mas muito considerado*

## Intelectual do samba

A partir de 1961, convidado pelo jornalista Sérgio Cabral, o compositor começou a participar, ao lado de Cartola, Ismael Silva e Nelson Cavaquinho, de palestras e apresentações sobre música popular. No meio universitário e da cultura de elite, deu início a um diálogo com intelectuais de esquerda que, em breve, repercutiria na cena cultural brasileira e em sua carreira.



5. Zé Kéti abriu o diálogo entre o samba e a bossa-nova

Reatado com a Portela desde 1956, Zé Kéti contribuiu para o 16º título da escola, em 1962, com o samba-enredo *Rugendas* (trecho a se-

guir) feito em parceria com Marques Balbino, Nilton Batatinha e Carlos Elias. Também desse ano é a formação do primeiro conjunto de samba autêntico que se tem notícia, A Voz do Morro, formado por grandes cantores e compositores convocados pelo músico de Bento Ribeiro para acompanhá-lo em seus shows.

*Documentado em pintura  
As cenas tristes e alegres  
Das fazendas do Brasil  
Nos tempos da escravatura  
Retratou vários tipos raciais  
As paisagens e  
os costumes regionais  
Do nosso Brasil de outrora  
Catalogou os seus trabalhos  
e embevecido  
Publicou-os, tornando conhecido  
Um pouco do Brasil  
este mundo afora  
João Maurício Rugendas  
Para nós é uma glória  
Cantar e reviver teu passado  
Tua obra grandiosa  
e tua história*

Essa formação original nunca decolou, mas chegou a cantar na TV. Um dos telespectadores da apresentação foi um certo Paulo Cesar Baptista Faria, que, dividido entre o emprego de bancário e as primeiras incursões no samba e no choro, gostou do que viu. Mais tarde, apadrinhado pelo próprio Zé Kéti, ficaria conhecido como Paulinho da Viola.

*A carreira cinematográfica de Zé se estendeu pela década de 1960, ora compondo, ora atuando. Além de Boca de Ouro (1963), mais um filme de Nelson Pereira dos Santos, também participou de A Falecida (1965), de Leon Hirszman, A Grande Cidade (1966), de Cacá Diegues, entre outros.*

Depois do primeiro conjunto de samba, Zé Kéti participou da primeira casa de samba da história, o bar Zicartola. Localizado na Rua da Carioca, centro do Rio, o empreendimento, inaugurado em setembro de 1963, tinha como principais atrações os quitutes de Dona Zica e o samba de Cartola e seus amigos. O sucesso foi instantâneo, com filas que iam até a Praça Tiradentes. Zé teve papel fundamental na empreitada, atuando como divulgador da casa junto a emissoras de rádio e redações de jornais e revistas e como diretor musical, arregimentando artistas, zelando pela qualidade musical e definindo a programação.



6. Interior do Bar Zicartola

E que programação! Tom Jobim, Dorival Caymmi, Vinicius de Moraes, Cyro Monteiro, Aracy de Almeida, Ismael Silva, Ataulfo Alves, Pixinguinha, Clementina de Jesus e outros grandes nomes da música brasileira se apresentaram por lá. Zé também ajudou a fazer do local “um reduto de resistência política, ideológica e sobretudo cultural nos tempos em que a mídia era tomada por bolero e iê-iê-iê”, disse

seu amigo e parceiro Elton Medeiros em depoimento ao jornalista e pesquisador Pedro Paulo Malta. “O samba e o choro estavam colocados num plano bem inferior e a importância do Zé naquele contexto foi enorme, com a preocupação que ele sempre teve de juntar música e ideologia”, destacou.

*Apesar da curta existência (fechou as portas em maio de 1965), o Zicartola marcou época. Lá, Paulinho da Viola recebeu o primeiro cachê e diversos espetáculos teatrais e musicais foram idealizados, incluindo Rosa de Ouro, fruto da aproximação entre o poeta Hermínio Bello de Carvalho e a cantora Clementina de Jesus.*



7. Detalhe da capa do LP Show Opinião

Das mesas do Zicartola surgiu o espetáculo *Opinião*, inspirado no samba homônimo de Zé Kéti (trecho a seguir) e que estreou em dezembro de 1964. A peça, escrita por Oduvaldo Vianna Filho, Armando Costa e Paulo Pontes e dirigida por Augusto Boal, destacou-se por alternar músicas e falas que retratavam e criticavam a situação sociopolítica do país. No elenco original, João do Vale, Nara Leão e o próprio Zé Kéti, autor de vários sambas cantados no show.

*Podem me prender  
Podem me bater  
Podem até deixar-me sem  
comer  
Que eu não mudo de opinião*

*Opinião* se tornou sucesso de público e um marco do teatro brasileiro, além de lançar Maria Bethânia (que substituiria Nara Leão no início de 1965) no cenário artístico.

## Diz que fui por aí

Ainda em 1964, o sambista marcaria presença nos dois primeiros LPs de sua colega de palco, Nara Leão, com *Diz Que Fui por Aí* (com Hortêncio Rocha, trecho a seguir), *Opinião* e *Acender as Velas*. O primeiro desses sambas alcançou tamanha popularidade que saiu em outros 20 discos no mesmo ano. Outro clássico de seu repertório que chegou ao público foi *Mascarada*, parceria com Elton Medeiros.

*Se quiserem saber  
Se eu volto diga que sim  
Mas só depois que a saudade  
se afastar de mim*

Em 1965, Zé Kéti retomou o conjunto A Voz do Morro, dessa vez ao lado de Elton Medeiros, Anescarzinho do Salgueiro, Jair do Cavaquinho, Zé Cruz, Paulinho da Viola e Oscar Bigode (Nelson Sargento se juntaria à turma a partir do segundo LP). Os dois primeiros discos do grupo (*Roda de Samba e Roda de Samba 2*) saíram nesse ano, com várias composições de Zé que, embora líder do conjunto, limitou-se a tocar caixeta e cantar no coro por ser contratado de outra gravadora.

Diversas outras composições do artista foram lançadas em 1965: *As Moças do Meu Tempo*, por Wilson Simonal; *O Meu Pecado* (parceria com Nelson Cavaquinho), por Elizeth Cardoso; *Nega Dina* (trecho a seguir),

por Nara Leão; entre outras, além do LP *Show Opinião*, registro fonográfico da peça que vinha batendo recordes de bilheteria desde o ano anterior.

*A Dina subiu o morro do Pinto  
Pra me procurar  
Não me encontrando,  
foi ao morro da Favela  
Com a filha da Estela  
Pra me perturbar  
Mas eu estava lá  
no morro de São Carlos  
Quando ela chegou  
Fazendo um escândalo,  
fazendo quizumba  
Dizendo que levou  
Meu nome pra macumba*



8. O nome artístico de Paulinho da Viola foi dado pelo jornalista Sérgio Cabral e Zé Kéti

O terceiro e último disco do grupo A Voz do Morro (1966) trouxe, de autoria de Zé Kéti, uma regravação do famoso clássico homônimo e o inédito *400 Anos de Favela*. Mesmo

de curta existência, A Voz do Morro foi de grande importância. “Até ali, compositores de escola de samba nunca tinham entrado em estúdio para gravar suas músicas com as próprias vozes em um disco inteiro”, ressaltou o mangueirense Nelson Sargento ao jornalista e pesquisador Malta. O conjunto deu origem ao grupo Cinco Crioulos e influenciou a formação do Mensageiros do Samba, Os Originais do Samba, Fundo de Quintal, entre outros.



9. Zé Kéti e membros do conjunto Voz do Morro

O músico de Bento Ribeiro aproveitou o convívio com seus companheiros para conversar sobre a condição de artista. “Era um líder como não existe hoje no meio do samba. Alertava-nos sobre valores de cachês, sobre como proceder em relação às gravadoras”, definiu Elton Medeiros em depoimento a Malta. “Ensinava que o artista não podia ser um distraído e vaidoso que se preocupa apenas com o próprio

sucesso, mas um sujeito que tem que se voltar principalmente para o sucesso de sua sociedade. Isso tudo no período negro da ditadura militar, quando era preciso muita coragem para falar essas coisas. E ele foi voz ativa no combate às injustiças sociais, às perseguições sofridas por diversos músicos.”

## Sucessos de carnaval e premiações

No final de 1966, a cantora Dalva de Oliveira gravou a marcha-rancho *Máscara Negra* (trecho a seguir), que se tornou o grande sucesso do carnaval seguinte e um dos maiores de toda a carreira de Zé Kéti. Feita em parceria com Hildebrando Pereira Mattos, a canção venceu o concurso de músicas carnavalescas organizado pela Secretaria Municipal de Turismo, tornou-se tema de abertura do programa *Black and White*, da TV Tupi, e até batizou um modelo de televisor que estava sendo lançado na época.

*Vou beijar-te agora,  
não me leve a mal  
Hoje é carnaval*

*Máscara Negra* ainda gerou uma briga judicial sobre sua autoria: a viúva de Deusdedith Pereira Mattos, irmão do coautor Hildebrando, alegou que a música havia sido feita por seu marido. O caso durou até 1969, quando a Justiça reconheceu Zé Kéti como autor.

De 1967 também é o primeiro disco solo do artista: *Sucessos de Zé Kéti*, no qual ele mesmo interpretou clássicos de seu repertório e composições inéditas.

Em 1968, Zé foi eleito Cidadão Samba, título concedido pela Federação das Escolas de Samba do Brasil, e emplacou pelo segundo ano consecutivo a canção mais popular da fo-



lia de fevereiro: *Amor de Carnaval*, ganhadora do Troféu Lamartine Babo de músicas carnavalescas. Outros prêmios recebidos por ele foram o Troféu Euterpe de melhor compositor carioca e o Troféu Guarany de melhor conjunto (A Voz do Morro) e de melhor compositor do país, ao lado de Nelson Cavaquinho.



10. Nelson Cavaquinho e Cartola em desfile da Mangueira

Em 1970, separou-se da esposa Guilhermina. Três anos depois, lançou seu segundo disco solo e novamente se afastou da Portela, junto com outros baluartes, como Candeia e Paulinho da Viola, após a escola ter escolhido um samba-enredo feito por pessoas que não integravam a ala de compositores.

Apesar de mais um prêmio, dessa vez da Riotur, pelo samba *Amor e Fantasia*, a escassez de shows no Rio de Janeiro fez Zé Kéti se mudar pela primeira vez para São Paulo, em 1976, em busca de mais oportunidades. Essa tentativa, no entanto, não deu certo e pouco tempo depois ele estava de volta ao Rio, onde lançou o LP *Identificação* (1979) e o compacto duplo *No Vale dos Orixás* (1981).



11. Detalhe da capa do LP *Identificação*

Em 1987, retornou a São Paulo para uma estada de oito anos, marcada pela intensa agenda de apresentações na capital e no interior paulista. Nesse período, morou com o filho José Carlos e conheceu Neli Maria Abade Salles, sua companheira pelo resto da vida.

Recebeu a medalha Pedro Ernesto da Câmara de Vereadores do Rio, em 1994, pelas comemorações dos 30 anos do espetáculo *Opinião*. No ano seguinte, atendendo ao pedido de filhos e amigos, como Monarco, Paulinho da Viola, Wilson Moreira e Noca da Portela, voltou definitivamente à cidade natal.

Seu quarto e último álbum solo, *Zé Kéti: 75 Anos de Samba – Série Grandes Sambistas* (1996), trouxe novas e antigas composições interpretadas por ele próprio e

por convidados, como Monarco, Cristina Buarque e Zeca Pagodinho. Entre as inéditas, destaque para *Quero Morrer na Portela* (trecho a seguir), uma bela homenagem à Mangueira, apesar do título. A reconciliação com sua escola de coração, aliás, ocorreu em 1997.

*Mangueira,  
eu queria viver pra você  
Ai, se eu pudesse  
seria um prazer  
Mas é na Portela  
que eu quero morrer*

Ainda em 1996, o cantor e compositor Zé Renato prestou tributo ao artista com o CD *Natural do Rio de Janeiro: sobre os Sambas de Zé Kéti* (1996).

O sambista foi o grande homenageado do 18º Prêmio Shell da Música Brasileira, em 1998, marcado por um belo show no qual Paulinho da Viola, Elton Medeiros, Dona Ivone Lara, Zé Renato e a Velha Guarda da Portela apresentaram sua obra.



12. Bandeira da Portela

Zé Kéti faleceu em 14 de novembro de 1999, vítima de parada cardíaca. Durante o cortejo entre a capela funerária de Santa Cássia, local do velório, e o Cemitério de Inhaúma, onde foi sepultado, o povo cantava *A Voz do Morro*. Sobre o caixão, a bandeira da Portela e o chapéu escuro de feltro.

O perfil autobiográfico *Zé Kéti: o Samba sem Senhor*, escrito pelo compositor Nei Lopes, foi lançado em 2000. Em janeiro do ano seguinte, para celebrar os 80 anos de seu nascimento, o Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro realizou a série de espetáculos *A Voz do Morro*, composta por quatro shows que relembrou a obra do artista: *Zé Kéti e o Cinema* (com Dona Ivone Lara e Zé Renato); *Zé Kéti: um Sambista de Opinião e Zicartola* (com Noca da Portela e Marília Medalha); *Zé Kéti e a Boemia* (com Elton Medeiros e Teresa Cristina); e *Zé Kéti: a Voz do Morro* (com a Velha Guarda do Império Serrano). Em setembro, o cineasta Nelson Pereira dos Santos lançou o curta-metragem *Meu Compadre Zé Kéti*, com breves depoimentos e trechos de composições cantados por amigos do personagem-título.



13. Wilson Moreira, Zé Kéti e Nelson Pereira dos Santos

Em 2007, o sambista recebeu homenagem póstuma na quinta edição do Prêmio TIM de Música com um grande show no Theatro Municipal, onde seus sucessos foram interpretados pelos velhos amigos Paulinho da Viola e Elton Medeiros, além de Milton Nascimento, Negra Li, Lenine, Emílio Santiago, Zélia Duncan, entre outros.



# João do Vale

*Eu sou um pobre caboclo/ Ganho a vida na enxada/ O que eu colho é dividido/ Com quem não plantou nada/ Se assim continuar/ Vou deixar o meu sertão/ Mesmo os olhos cheios d'água/ E com dor no coração/ Vou pro Rio carregar massa/ Pros pedreiros em construção.*

Trecho da canção *Sina de Caboclo*, na qual reconta parte de sua trajetória e de tantos outros migrantes nordestinos





1. A sina do caboclo João do Vale, do sertão para o Rio de Janeiro

Em 11 de outubro de 1933, no povoado de Lago da Onça, em pleno sertão maranhense, a seis quilômetros da cidade mais próxima (Pedreiras), nasceu João Batista Vale. Quinto dos oito filhos do casal de camponeses lavradores Cirilo e Leovegilda Vale, cresceu em uma casa humilde de três cômodos, com paredes de argila e cascalho, chão de terra batida e telhado de palha seca.

Quando ainda era pequeno, seu avô Vergino, um dos habitantes mais antigos da região, previu que ele teria um destino diferente dos demais moradores do local: “esse menino ainda vai ficar rico”, teria dito. Afirmção ousada, considerando-se a realidade das dez famílias de Lago da Onça, todas descendentes de escravos que trabalhavam na Fazenda Saudade. O sustento vinha da terra – arroz, feijão, milho e mandioca, para comer, e um pouco de algodão, para fazer algum dinheiro.

*A Fazenda Saudade foi uma próspera produtora de algodão durante a segunda metade do século XIX, mas entrou em decadência desde a abolição da escravatura e a proclamação da República. Após a falência, os proprietários Raymundo Ferreira Vale e Ricardo Ferreira Vale deixaram as terras e o sobrenome para os ex-escravos.*

Em meio a outras crianças e protegido pelo avô, João passou a infância comendo fruta no pé (laranja, manga, pitanga, cacau, entre outras), brincando de esconde-esconde e bancando o caçador, com a espingarda que tomava emprestada de Vergino. Seu primeiro contato com a música não se deu por meio do rádio ou de algum instrumento musical – artigos de luxo nas redondezas –, mas sim pelo tambor de crioula (feito de troncos de árvores), tocado durante as festas de ano-novo.



2. Roda de tambor de crioula

Inspirado por essa manifestação cultural típica do Maranhão, executada pelos homens e dançada pelas mulheres, João começou a fazer versinhos que impressionavam os moradores locais. Graças ao talento para montar frases espirituosas, fossem de improviso ou bem pensadas, o rapaz escapou do trabalho na lavoura – destino comum dos meninos do semi-

árido maranhense. No lugar do trabalho braçal, sua mãe decidiu mandá-lo para a cidade de Pedreiras a fim de vender os bolos de tapioca e trigo que ela mesma fazia. Ainda assim, a vida não era fácil: os seis quilômetros que separavam Lago da Onça de lá eram geralmente percorridos a pé ou de carona – no lombo de algum animal ou em um carro de boi.

## Saída do sertão

Em 1943, Dona Leovegilda decidiu levar a família para Pedreiras em busca de um futuro mais promissor. Lá, enquanto Seu Cirilo fazia biscates, ela continuava a assar seus bolos, além de realizar serviços domésticos na casa de uma das senhoras locais. Quase sempre levava João para o trabalho, o que não era problema. Com dez anos, prestativo e esperto, caiu nas graças da dona da casa, Maria da Conceição Pereira, e de sua filha, Rosinha. “João era muito querido por todo mundo. Vivia cantando e pulando de um lado pro outro com as pernas cambetas, por isso seu apelido era ‘Pé de Xote’”, contou Rosinha no livro *Pisa na Fulô Mas Não Maltrata o Carcará*, de Márcio Paschoal.



3. Praça do município de Pedreiras

Os versos do futuro compositor, surgidos a partir de qualquer ocasião, ganharam popularidade. Seu primeiro cachê foi pago em doces

por um comerciante local, que o recompensava por ficar cantando suas criações em frente à loja para atrair clientes.

*Papai, eu choro/Mamãe, eu grito/Me dá um tostão/Pra comprar um pirulito/Pirulito, pirulito/Enrolado no papel/Enfiado no palito.*

Versos criados e cantados por João para vender os doces feitos pela mãe.

Em Pedreiras, João viveu sua curta experiência escolar, interrompida pelo preconceito. Quando cursava o terceiro ano primário do Grupo Escolar Oscar Galvão, em 1944, ele, único aluno negro e pobre do colégio, foi “convidado a se retirar” e, assim, abriu uma vaga para o filho do novo coletor de impostos que havia chegado à cidade. “Na escola havia uns trezentos alunos, mas escolheram logo eu para dar lugar ao filho do homem (...). Então, de manhã, eu pegava o meu saco de merenda e enchia de pedra, ia pra cima do muro do colégio e, na hora do recreio, mandava pedra em todo mundo. Por estar com inveja, por não concordar com aquela injustiça”, lembrou, em depoimento ao fascículo dedicado a ele da série *Nova História da Música Popular Brasileira*, da Editora Abril Cultural.



4. Homenagem de Pedreiras ao morador ilustre

Após dois anos em Pedreiras, a família Vale se mudou novamente, dessa vez para São Luís, onde Aurélio, o filho mais velho de Leovegilda e Cirilo, trabalhava como policial militar. Na capital maranhense, João ainda atuou como vendedor ambulante dos quitutes da mãe. Além disso, junto com o irmão Miguel, oferecia ajuda a senhoras para carregar sacolas de supermercado. Com os trocados que recebiam, os dois compravam frutas para revender pelas ruas da cidade e reforçar o orçamento.

Dessa forma, trabalhando duro, jogando bola nas horas vagas e conversando com os amigos sob uma árvore frondosa do bairro onde morava, João entrou na adolescência. E com ela veio a vontade, confidenciada ao irmão Miguel, de sair de São Luís à procura de novos caminhos.

## Rumo ao Rio

A vontade foi posta em prática em 3 de julho de 1949, quando ele, aos 15 anos, saiu de casa para não mais voltar. Sem destino certo, a primeira parada ocorreu em Teresina, onde arrumou ocupação carregando e descarregando sacas de arroz de caminhões. Ficou um ano nessa situação, viajando entre a capital do Piauí e Fortaleza. Em uma dessas viagens, encontrou um tocador de fole no Ceará, que cantava versos compostos pelo próprio João lá no Maranhão: “Mané macaco/Mané Guariba/Dinheiro pouco não sustenta rapariga”.

Depois de Teresina, passou seis meses em Salvador, trabalhando como ajudante de pedreiro. “Lá eu fiquei conhecendo o samba, o candomblé, que não tinham na minha região” recordou o compositor em entrevista ao jornalista Tárík de Souza publicada em 1973 em *O Pasquim*. A parada seguinte se deu em Teófilo Otoni, nordeste de Minas Gerais. Lembrando-se da profecia do avô de que ficaria rico, João decidiu arriscar-se

no garimpo de pedras preciosas da região. “Mas não encontrei nem cristal, nem pedra preciosa, nada. Só encontrei formigueiro e, no quinto buraco, desisti de ficar rico”, disse sobre a experiência, como registrado no livro *O Jovem João do Vale*, de Wilson Marques.

Em dezembro de 1950, João finalmente desembarcou no Rio de Janeiro e logo arranhou emprego na construção civil – ocupação da maioria dos migrantes nordestinos que chegavam ao Sudeste naquela época. Depois de terminar a jornada de trabalho, percorria as emissoras de rádio – como a Tupi e a Nacional – para tentar mostrar aos cantores seus esboços de músicas.

Nos primeiros anos, no entanto, não obteve sucesso na tentativa de virar artista e o sustento vinha mesmo do trabalho árduo nos canteiros de obras. Chegou a procurar o próprio Luiz Gonzaga, então vivendo o auge do sucesso, para lhe oferecer suas composições, sendo recebido friamente. Também andava pelas boates de Copacabana, nas quais cruzou com Tom Jobim, à procura de alguém disposto a gravar seus versos, mas tudo em vão.



5. Luiz Gonzaga, o rei do baião

## Primeiros sucessos

Sem desanimar, conseguiu ser recebido, na Rádio Tupi, por Luiz Vieira, conhecido como o príncipe do baião e colega de Luiz Gonzaga. Interessado nas letras, Vieira levou duas delas, *Madalena* e *Cezário Pinto*, ao irmão de Gonzagão, Zé Gonzaga, que as gravou pela Odeon. Lançadas em 1953, foram as primeiras músicas do compositor maranhense a chegarem ao público.



6. Luiz Vieira, o primeiro parceiro

No mesmo ano, *Estrela Miúda* (parceria com Luiz Vieira, trecho a seguir), foi gravada pela cantora Marlene, que vivia o auge de sua carreira e de sua rivalidade com Emilinha Borba pelo título de rainha do rádio. A canção estourou e se tornou o primeiro sucesso de João, rendendo um episódio curioso. Um aparelho de rádio próximo à obra onde João trabalhava começou a tocar a música e, orgulhoso, revelou a outro operário que era ele o compositor. Incrédulo, o colega respondeu: “conversa fiada, neguinho! Tu tá é delirando de tanto levar lata na cabeça! Faz mais massa aí”.

*Estrela miúda que alumeia o mar  
Alumiá terra e mar  
Pra meu bem vir me buscar  
Há mais de mês que ela não  
Que ela não vem me olhar  
A garça perdeu a pena  
Ao passar no igarapé  
Eu também perdi meu lenço  
Atrás de quem não me quer*

O sucesso da música deu a João uma remuneração equivalente ao que ele levaria alguns anos para ganhar como pedreiro. O artista enviou parte da quantia para sua mãe, D. Leovegilda, no Maranhão, e o resto utilizou para abandonar o ramo da construção civil. Entre as novas ocupações, João do Vale se aventurou pelo cinema. Em 1954, atuou como figurante em *Mãos Sangrentas*, coprodução brasileira e mexicana estrelada por Tônia Carrero. Durante as filmagens, iniciou a amizade com o futuro cineasta Roberto Farias, que trabalhou como assistente de direção.

*Nos anos 1950, João tentou ser jogador de futebol. Por intermédio de Chico Anysio, chegou a treinar no Bangu, mas foi dispensado por deficiência técnica. “Ele chuta com a sola, Chico!”, teria dito Tim, o técnico da equipe. Mais tarde, em 1978, Chico Buarque o nomeou presidente de honra do Politeama, seu time de futebol amador.*

Em 1956, contribuiu pela primeira vez para uma trilha sonora, com o baião-martelo *Forró no Tianguá* (parceria com Antônio Aguiar) para o filme *Rio Fantasia*, de Watson Macedo. Os maiores feitos, no entanto, foram os lançamentos dos sucessos *O Canto da Ema* (parceria com Alventino Cavalcanti e Ayres Vianna) e *Na Asa do Vento*

(com Luiz Vieira, trecho a seguir), gravados, respectivamente, por Jackson do Pandeiro e Dolores Duran.

*Deu meia noite, a lua faz um claro  
Eu assubo nos aro,  
vou brincar no vento leste  
A aranha tece  
puxando o fio da teia  
A ciência da abeja,  
da aranha e a minha  
Muita gente desconhece*

## Música e cinema

No ano seguinte, a cantora Marinês, conhecida como a rainha do forró e do xaxado, interpretou outros dois grandes sucessos do repertório de João, *Pisa na Fulô* (com Ernesto Pires e Silveira Júnior, trecho a seguir) e *Peba na Pimenta* (com José Batista e Adelino Rivera). O primeiro remete aos anos vividos em Pedreiras, tendo sido regravada por Zé Gonzaga e, em 1958, por Ivon Cury, tornando-se uma das músicas mais tocadas daquele ano.

*Pisa na fulô, pisa na fulô  
Pisa na fulô  
Não maltrata o meu amor*

*Um dia desses  
Fui dançar lá em Pedreiras  
Na Rua da Golada  
Eu gostei da brincadeira  
Zé Cachangá era o tocador  
Mas só tocava  
Pisa na fulô*

*Seu Serafim cochichava com Dió  
Sou capaz de jurar  
Que nunca vi forró mió  
Inté vovó  
Garrou na mão do vovô  
vamos embora meu veinho*

*Em sua carreira no cinema, João também trabalhou como assistente de direção em Rico Ri à Toa (1957); ator em No Mundo da Lua (1958); e compositor em Meu Nome É Lampião (1969), todos dirigidos pelo amigo Roberto Farias.*



7. Cartaz do filme *Rico Ri à Toa*

Em 1959, João se casou com Domingas Rodrigues, maranhense da cidade de Turiaçu, que havia conhecido em uma viagem à terra natal. Viúva, já tinha três filhos, todos criados pelo músico como se fossem dele. O casal ainda teria mais quatro filhos e viveu junto até o fim de suas vidas. “Domingas é tudo pra mim. Uma abelha, companheira, mulher fiel”, registrou a biografia *Pisa na Fulô Mas não Maltrata o Carcará*, de Márcio Paschoal. Recém-casados, mudaram-se para o bairro carioca de Guadalupe.

O ano registrou, ainda, o lançamento da primeira das seis composições de João gravadas por Luiz Gonzaga, o maracatu *Sertanejo*

do Norte (parceria com Ari Monteiro, trecho a seguir). Na verdade, Gonzagão já havia gravado uma música do compositor maranhense (o xote *O Chêro da Carolina*), mas, devido a negociações comuns na época, os créditos de autoria foram para Zé Gonzaga e Amorim Roxo. Mais tarde, João admitiu que recebeu dinheiro para dividir ou ceder a autoria de algumas de suas músicas.

*Eu vou falar desse povo  
Que não faz mal a ninguém  
O sertanejo do norte  
Que de pau de arara vem  
Desprotegido da sorte  
Sou pau de arara também  
Ribaçã, se tem fartura  
Nunca muda de lugar  
Sertanejo, se tem chuva  
Nunca deixa a terra natá  
Sertanejo é tão feliz  
Quando chove no sertão  
Quando a roça tá cheinha  
De arroz, mío e feijão*



8. João com amigos e parentes

## O poeta do povo

Três anos depois, o xote *De Teresina a São Luís* (trecho a seguir), parceria com o próprio Rei do Baião (embora os créditos da coautoria tenham sido dados a sua esposa, Helena Gonzaga), retratou parte da viagem que João e família fizeram quando saíram de Pedreiras para a capital maranhense.

Segundo o compositor, a música fez com que as autoridades tomassem medidas para a modernização da via férrea, cujas novas linhas foram rebatizadas em sua homenagem: Pisa na Fulô (São Luís-Teresina) e Peba na Pimenta (Teresina-São Luís). “Valeu a pena, né? Não deixou de ser um protesto construtivo”, disse o artista em entrevista a *O Pasquim* publicada em 1973.

*O trem danou-se naquelas  
brenhas  
Soltando brasa, comendo lenha  
Comendo lenha e soltando brasa  
Tanto queima como atrasa*

*Se o Nelson Cavaquinho canta, eu  
também posso cantar.*

João do Vale, explicando como perdeu o medo de cantar ao ouvir a voz rouca e anasalada do sambista no Zicartola.

As letras de João do Vale retratando a realidade dura do sertão nordestino logo caíram nas graças da classe intelectual brasileira, e seus versos tiveram grande exposição no espetáculo *Opinião*, sucesso de crítica e público em 1964/65.

Escrita por Armando Costa, Oduvaldo Vianna Filho e Paulo Pontes, e dirigida por Augusto Boal, a peça foi idealizada durante encontros no Bar Zicartola e fazia um panorama social do país a partir de três personagens:

a mocinha da Zona Sul (interpretada por Nara Leão), o malandro carioca (Zé Kéti) e o sertanejo nordestino (o próprio João).



9. Nara, João e Zé Kéti na montagem original de *Opinião*

Entre sucessos antigos (*Peba na Pimenta* e *Pisa na Fulô*) e novos (*Minha História* e *Carcará*), o espetáculo contou com oito músicas de João, incluindo *Sina de Caboclo*, que também esteve presente no LP *Opinião de Nara*, de Nara Leão, lançado no embalo da peça teatral. Em 1965, o disco *Show Opinião – Nara Leão, Zé Kéti e João do Vale* – registro sonoro do espetáculo – marcou a estreia do compositor como cantor. Pouco depois, lançou seu primeiro disco solo, *O Poeta do Povo*.



10. Capa do LP *O Poeta do Povo*

Outro disco de estreia impulsionado por uma composição sua foi *Maria Bethânia*. A versão de *Carcará* (trecho a seguir) da jovem cantora baiana, que havia substituído Nara em *Opinião* no início do ano, tornou-se um clássico de seu repertório.

*Carcará come inté cobra queimada  
Quando chega o tempo  
da invernada  
O sertão não tem mais  
roça queimada  
Carcará mesmo assim  
num passa fome  
Os burrego que nasce na baixada  
Carcará  
Pega, mata e come  
Carcará  
Num vai morrer de fome*

A projeção no cenário nacional durante a década de 1960 levou João aos braços do povo. Depois de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, o público nordestino podia admirar um novo nome que expressava a cultura sertaneja.

Nos centros urbanos, suas canções se tornavam hinos contra a injustiça social e a ditadura militar, como *Minha História* (parceria com Raimundo Evangelista, trecho a seguir), na qual João reconta sua trajetória e, na última estrofe, lamenta a sorte de colegas que não puderam estudar nem possuíam seu talento.

*Mas o negócio não é bem eu  
É Mané, Pedro e Romão  
Que também foram meus  
colegas  
E continuam no sertão  
Não puderam estudar  
E nem sabem fazer baião*

Embora nunca tenha afirmado ser de esquerda ou ter qualquer filiação partidária, o artista não escapou da repressão do regime

militar. Em 1968, quando já não podia fazer shows no circuito universitário sob o risco de ser preso, foi surpreendido enquanto visitava um amigo que iria produzir uma apresentação sua. Ele não sabia que o amigo vinha realizando reuniões políticas em seu apartamento. João foi detido e sofreu ameaças de tortura, mas acabou transferido para São Luís, onde ficou em regime de prisão domiciliar até 1971.

## Forró Forrado

De volta ao Rio de Janeiro, mudou-se para uma casa simples em Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense, na qual morou até o fim da vida.

Em 1975, *Opinião* foi remontado e João e Zé Kéti tiveram, dessa vez, a companhia da cantora Marília Medalha. A nova temporada teve o norte-americano Earl W. Thomas como espectador. Entusiasmado, o professor de português da Universidade Vanderbilt, nos Estados Unidos, tentou traduzir as letras do compositor para o inglês.



11. Marília Medalha, João do Vale e Zé Kéti

Diante das dificuldades, o acadêmico levou o próprio João aos Estados Unidos para que ele apresentasse a seus alunos o vocabulário e as histórias sertanejas. A

experiência foi tão bem-sucedida que, pouco depois, o maranhense retornou à universidade e dela recebeu o título de Mestre em Cultura Popular.

Em 1978, idealizou e estreou o *Forró Forrado*, show com gêneros musicais nortezinos que passou a animar as noites de terça-feira de um clube no bairro do Cateete. Com o compositor comandando o som e recebendo convidados de primeira, entre eles Chico Buarque, Zé Kéti, Luiz Gonzaga, Clementina de Jesus, Elza Soares, Jackson do Pandeiro, Miúcha e a argentina Mercedes Sosa, o evento se tornou uma febre da noite carioca e se estendeu até a primeira metade da década de 1980.



12. Com o grupo do *Forró Forrado*

No ano seguinte, ao lado do paraibano Zé Ramalho e da alagoana Telma, João percorreu capitais brasileiras com o Projeto Pixinguinha, série de shows de artistas nacionais a preços acessíveis promovida pela Funarte e da qual ele participaria mais duas vezes (1980 e 1982). Outro show marcante foi *Se Eu Tivesse Meu Mundo*, em São Luís, no qual foi aclamado por seus conterrâneos.



13. O compositor com Telma e Zé Ramalho

Ao lado de Chico Buarque, Dorival Caymmi, Clara Nunes, Martinho da Vila e outros grandes nomes da música brasileira, o artista integrou a caravana do Projeto Kalunga, que, em 1980, apresentou-se em cidades de Angola, então em plena guerra civil.

No país africano, descobriu a origem de seus antepassados, como atesta o depoimento transcrito em *Pisa na Fulô Mas não Maltrata o Carcará*: “Lembro que no Lago da Onça, onde eu nasci, no interior do Maranhão, tinham algumas pretas velhas que falavam embolado. Todo mundo dizia que era coisa da roça. Mas não. Acabei descobrindo em Angola, ouvindo o povo falar. Era uma mistura de português com a linguagem própria das pretas velhas”.



14. Com Chico Buarque, durante o lançamento do LP *João do Vale*

Dezesseis anos depois de seu primeiro disco solo, o compositor lançou o LP *João do Vale* (1981), produzido por Raimundo Fagner, Fernando Faro e o amigo Chico Buarque. Gravou três faixas do repertório (*Na Asa do Vento*, *Minha História* e *As Morenas do Grotão*), enquanto as outras foram interpretadas por convidados ilustres, como Tom Jobim, Alceu Valença, entre outros. A festa de lançamento ocorreu durante uma edição do *Forró Forrado*, com direito a casa cheia e coletiva de imprensa.

## Ordem do Rio Branco

Em 1982, a Rede Globo exibiu um especial em sua homenagem, com roteiro de Ronaldo Bôscoli e Wladimir Weltman e direção musical do maestro Guio de Moraes.



15. Com Tom Jobim, em 1982

Em 1986, João viajou a Brasília para receber a Comenda da Ordem do Rio Branco, condecoração concedida pelo governo a cidadãos com serviços e méritos dignos de distinção.

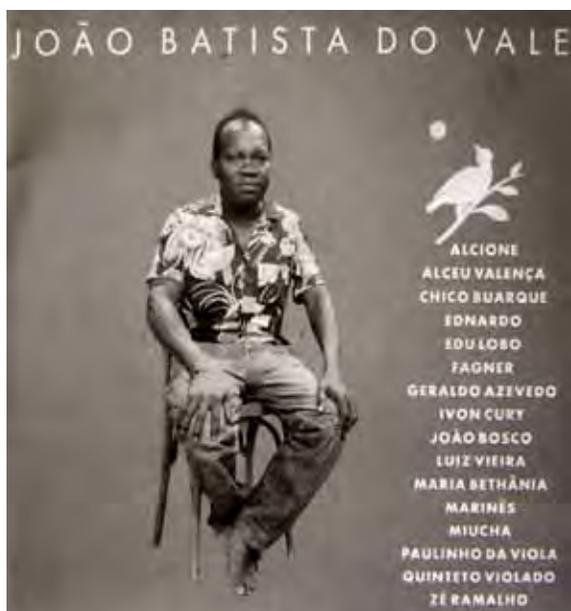
Um ano depois, enquanto almoçava em um restaurante em Nova Iguaçu, sofreu um derrame cerebral. Inconsciente e sem documentos, caiu da maca e bateu a cabeça no chão enquanto aguardava atendimento médico. Só depois de reconhecido recebeu

o tratamento devido. Após quase um mês de internação, saiu do hospital com o lado direito do corpo paralisado. Com lapsos de memória e dificuldades na fala, recebeu a ajuda de amigos do meio artístico, que organizaram shows beneficentes em seu favor. O tratamento de reabilitação duraria até 1989.

Em 1991, João gravou depoimento para a série *Depoimentos para a Posteridade*, do Museu da Imagem e do Som. Em 1994, durante a comemoração aos 30 anos do show *Opinião*, recebeu a Medalha Pedro Ernesto da Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

No mesmo ano, a cantora Cássia Eller regravau Coroné Antônio Bento (parceria com Luiz Wanderley, trecho a seguir). Originalmente conhecida como Matuto Transviado, a canção já havia ganhado uma versão roqueira na voz de Tim Maia, em 1970.

*Coronel Antônio Bento  
Quando fez o casamento  
De sua filha Mariá.  
Ele não quis sanfoneiro  
E foi pro Rio de Janeiro  
E contratou Bené Nunes  
pra tocar*



16. Capa do LP *João Batista do Vale*

Idealizado pelo amigo e fã Chico Buarque, o CD *João Batista do Vale* (1995) reuniu sucessos do músico maranhense nas vozes de estrelas como Paulinho da Viola, Edu Lobo e o próprio Chico, tendo recebido o Prêmio Sharp de melhor disco de música regional.

Após um novo derrame cerebral e duas semanas internado, João do Vale faleceu no dia 6 de dezembro, aos 63 anos, em São Luís do Maranhão. Atendendo a seu pedido feito em vida, o corpo foi enterrado em Pedreiras. Sua esposa, Domingas, morreu apenas quatro meses depois.

A vida do compositor inspirou três biografias: *João do Vale: Mais Coragem do Que Homem* (1998), de Andréa Oliveira, *Pisa na Fulô Mas não Maltrata o Carcará* (2000), de Márcio Paschoal, e *O Jovem João do Vale* (2013), de Wilson Marques. Seus conterrâneos o elegeram o maranhense do século em enquete promovida pela TV Mirante São Luís, em 2001. No mesmo ano, foi inaugurado o Teatro João do Vale, em São Luís.

No aniversário de dez anos de sua morte, o artista recebeu mais duas homenagens: o curta-metragem *João do Vale: Muita Gente Desconhece*, de Werinton Kermes, e o CD *Tião Carvalho Canta João do Vale*.



17. Em 1995, com o documentarista Werinton Kermes



# Paulo César Pinheiro

*Eu, antes de ser compositor, fui o poeta. Mas numa separação de tempo tão inexata que, dificilmente elas, música e poesia, se desunem.*

Trecho do texto de apresentação de *Canto Brasileiro*, primeiro livro do artista





1. Compositor e poeta, Paulo César se destacou com ecléticas parcerias musicais

Paulo César Francisco Pinheiro, primeiro filho de Samuel e Célia, nasceu em casa, em 28 de abril de 1949. A residência dos Pinheiro, nessa época, limitava-se ao quarto dos fundos da casa de uma senhora em Ramos, subúrbio carioca. O aluguel era pago pelo trabalho de Samuel como funcionário da Light e da Companhia Telefônica Brasileira, e pelos serviços de costura prestados por Célia.

A família permaneceu no local apenas até 1952, tempo suficiente para Paulo formar suas primeiras memórias, como as rosas no jardim, que ele via da janela da casa, no colo da senhoria. “É minha primeira lembrança, aos sete meses de idade. Lembro também dos móveis da casa dela. Só não me lembro do nome dela...”, recordou em depoimento ao pesquisador e jornalista Pedro Paulo Malta.



2. Ainda criança, aprendeu as primeiras noções musicais

Aos três anos, mudou-se com os pais para Jacarepaguá, onde frequentou o jardim de infância de Dona Paraguaçu, uma vizinha que educava as crianças das redondezas em sua garagem. Lá, o menino aprendeu a ler e a escrever e recebeu as primeiras noções musicais. O período na Zona Oeste também ficou marcado pelas peladas no campo baldio do bairro e pelos programas da Rádio Nacional, ouvidos enquanto se arrumava para ir à Escola Municipal Honduras, na qual cursou o primário.

Em 1959, a família se estabeleceu em São Cristóvão, bairro em que Paulo ganhou o único irmão, Luís Francisco, e viveu até os 26 anos. Na casa de vila aos pés do Morro da Mangueira, o futuro compositor ouviu samba pela primeira vez, vindo das festas realizadas no terreiro da Estação Primeira de Mangueira, até hoje sua escola de coração. O encontro com o ritmo coincidiu com o início do interesse pela poesia, despertado pela enciclopédia adquirida pelo pai. Ao folhear os volumes, encantou-se com os versos de grandes poetas, como o espanhol García Lorca e os chilenos Pablo Neruda e Gabriela Mistral.

No bairro imperial, principalmente após a mudança, em 1961, para a Praça Pinto Peixoto, na subida para o Morro da Caixa d'Água, Paulo viveu as aventuras e descobertas da juventude, fosse com os colegas

do Colégio Brasileiro de São Cristóvão, que moravam espalhados pela cidade (Penha, Ramos, Jacarezinho, Olaria), fosse com os amigos das proximidades. Entre os programas da turma, estavam as serestas e rodas de choro na vizinhança e as festas de samba na Praça Onze.



3. Com os pais e o irmão mais novo

## Férias em Japuíba

Outro lugar essencial para a formação de Paulo César foi a Enseada de Japuíba, em Angra dos Reis, onde costumava passar as férias escolares na casa dos avós maternos. Ele era fascinado pelo avô, o pescador João Antônio Francisco, que lhe contava histórias e entoava cantigas, e pela natureza do local, com riachos, grutas, praias e mata fechada.



4. Vista parcial da Enseada de Japuíba, nos anos 2000

Paulo sintetizou as recordações dessa fase no poema *Infância* (trecho a seguir), gravado por ele próprio no LP *Poemas Escolhidos* (1983) e publicado no livro *Viola Morena* (1984).

*Pois em fêria escolar,  
pra lá que eu ia.  
Parava a condução  
na Encruzilhada,  
E a pé a gente andava  
pra Enseada  
Com o coração pulando  
de alegria.*

Em Japuíba, nas férias de 1962, o rapaz escreveu seus primeiros versos, experiência lembrada em depoimento ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura, em 2004: “Eu estava em uma janela em Angra dos Reis, no lugar de nascimento de minha mãe e onde passei grande parte de minha vida, na janela da casa de uma tia, olhando para o mar e agoniado, sem saber o que estava acontecendo comigo (...). Aí, não sei o que me fez sair correndo para um lápis e um papel que eu vi por perto e escrevi um verso. Depois que escrevi esse verso, acalmei e dormi”.

O verso, relido na manhã seguinte, agradou ao jovem que, para escrever melhor, passou a se interessar pela leitura. Na volta ao Rio, associou-se à Biblioteca Demonstrativa Castro Alves, no Centro, e se tornou um leitor inveterado. Durante a adolescência, leu Érico Veríssimo, José Lins do Rego, Jorge Amado, Cecília Meirelles, Manuel Bandeira, Homero, Franz Kafka, entre outros.

A produção literária era anotada em um caderno mostrado a poucas pessoas, incluindo Dona Dirce, sua professora de Língua Portuguesa, de quem recebeu apoio, e Ana Maria, moça um pouco mais velha que fez as vezes de musa inspiradora. Além dos poemas, ele seguia com outra atividade iniciada havia pouco tempo: a composição

de sambas. Nessa empreitada, acompanhava-o o amigo João, que lhe ensinou noções de violão.



5. João de Aquino

Em 1963, os dois finalizaram a parceria considerada o marco inicial de sua obra, a valsa *Viagem* (trecho a seguir). Seu Samuel, que a princípio desaprovava o envolvimento do filho com a música, tinha-a como a preferida entre todas as composições do rebento.

*Oh, tristeza, me desculpe  
Estou de malas prontas  
Hoje a poesia veio ao meu encontro  
Já raiou o dia, vamos viajar*

Aos 15 anos, Paulo César escreveu o musical *Carta ao Povo*, encenado por alunas de uma Escola Normal da Praça Onze. O sucesso rendeu um convite para levar o espetáculo ao Teatro de Arena da Guanabara, no Largo da Carioca, mas o veto da censura ao texto e à música principal (*Canção de Nome Proibido*, de Paulo e João) frustrou os planos. O compositor Roberto Nascimento, então, chamou o grupo para apresentar trechos e músicas do texto em um show de protesto, realizado na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O público aplaudiu de pé as artistas amadoras, em especial quando foram entoados os versos da canção censurada (E assim tu segues no teu canto/ Sem saber

nem quando/ Vão te compreender). O evento teve como atrações principais Edu Lobo, Wanda Sá e Baden Powell.

*Nas férias de 1964, a família Pinheiro trocou Japuíba por Campina Grande, terra de Seu Samuel. Lá, Paulo conheceu a família do pai e a dura realidade do sertão, experiências que tiveram reflexos em sua vida e obra*



6. Paulo, com parentes, no sertão nordestino

## Encontro com Baden

Além de primeiro parceiro, João – mais tarde conhecido como João de Aquino, violonista de respeito – foi o responsável por apresentar Paulo a seu primo, o já famoso Baden Powell. Entusiasmado com os trabalhos da dupla, Baden passou a levar o compositor iniciante em suas andanças por estúdios, bares e rodas de choro da cidade, até que, em 1965, inauguraram uma próspera parceria com o samba *Lapinha* (trecho a seguir)

*Quando eu morrer me enterrem  
na Lapinha  
Calça, culote, paletó, almofadinha*

7. Contracapa do LP *I Bienal do Samba*

Três anos depois de escrita, a música, interpretada por Elis Regina, venceu a I Bienal de Samba, promovida pela TV Record, superando obras de Chico Buarque, Cartola, Paulinho da Viola e outros bambas.

Paulo César, que acabara de se matricular no curso de Direito, seguia compondo com João de Aquino, Baden Powell, Francis Hime e Roberto Nascimento, sendo relativamente conhecido no mundo da música. A vitória em um festival de grande porte, porém, fez com que ficasse conhecido pelo grande público.

Em 1969, a pioneira *Viagem* teve suas primeiras gravações: uma versão instrumental de Baden e outra na voz da cantora Márcia. Paulo participou do IV Festival Internacional da Canção com duas composições: *Sagarana* (*Saudação a João Guimarães Rosa*, parceria com João de Aquino) e *Anúnciação* (com Francis Hime). No mesmo ano, Elizeth Cardoso gravou *Samba do Perdão* (com Baden).

No show *É de Lei* (1970), dirigido por Miéle e Ronaldo Bôscoli, Paulo dividiu o palco com Baden Powell para apresentar os novos trabalhos da dupla, incluindo *Refém da Solidão*, *Aviso aos Navegantes* e *Vou Deitar e Rolar*. Essas e outras formaram o LP *As Músicas de Baden Powell e Paulo César Pinheiro* (1970).

## Novos parceiros

Em 1971, o artista conheceu Pixinguinha, por intermédio do produtor e letrista Hermínio Bello de Carvalho. Os dois logo estreitaram o contato e Paulo fez uma letra para o choro *Ingênuo*, em 1974, que não chegou a ser ouvida por Pixinguinha, morto um ano antes. O mestre do choro, no entanto, deixou diversas melodias com o jovem amigo, que as lançou décadas mais tarde com versos seus.

A família Pinheiro lamentava o fato de o músico ter abandonado a faculdade de Direito quando recebeu a notícia de mais um título, dessa vez no IV Festival Universitário de São Paulo, transmitido pela TV Tupi em 1971, com o samba *E Lá Se Vão Meus Anéis* (com Eduardo Gudin). No ano seguinte, fez sucesso a versão de Marisa Gata Mansa para *Viagem* e *Diálogo* (com Baden Powell) ganhou o VII Festival Internacional da Canção e o Festival de la Canción Ibero Americana, na Espanha.



8. Paulo e João Nogueira

O começo da década de 1970 ficou marcado pelo início de novas amizades que logo se revelaram produtivas. Foi nesse período que conheceu João Nogueira, Maurício Tapajós e Mauro Duarte. A primeira parceria com Nogueira foi o samba *Espelho* (trecho a seguir), de 1973, homenagem de João ao pai recém-falecido.

*Ai, mas que saudade  
Mas eu sei que lá no céu o velho  
tem vaidade  
E orgulho de seu filho ser igual  
seu pai*

Na faixa-título do LP *Matita Perê* (1973), de Tom Jobim, Paulo César voltou a abordar o universo criado pelo escritor mineiro Guimarães Rosa, admirado pelos dois compositores. O convite para a parceria surgiu após o maestro ter visto a apresentação de *Sagarana* no IV Festival Internacional da Canção. Também nesse ano, o poeta de São Cristóvão fez as trilhas sonoras da novela *O Semi-deus* (com Baden), de Janete Clair, e da comédia teatral *Pippin*, de Flávio Rangel, além da canção-tema do filme *Tati, a Garota* (com Dori Caymmi), de Bruno Barreto.

Em 1974, estreou como cantor com o LP *Paulo César Pinheiro* e esteve presente em cinco das 12 faixas de *E Lá Vou Eu*, de João Nogueira. Com *Menino Deus* (dele e de Mauro Duarte), ficou em segundo lugar no II Encontro Nacional do Compositor do Samba. Durante o concurso, conheceu a cantora Clara Nunes, com quem logo iniciou um relacionamento.

## União com Clara

A relação entre os dois culminou com o matrimônio celebrado em 9 de julho de 1975. Após a união, Paulo deixou São Cristóvão, mudou-se para o Leblon e passou a cuidar de perto da já consagrada carreira da esposa, compondo para ela, colaborando na seleção do repertório e participando da produção dos discos.



9. Paulo, Clara Nunes, Vinícius de Moraes e Paulo Gracindo

*Claridade* (1975), o primeiro LP de Clara depois de casada, vendeu cerca de 600 mil cópias e trazia duas composições do marido: *Bafo de Onça* (com João Nogueira) e *Valsa de Realejo* (com Guinga). “Até Clara, mulher não vendia disco, nem mesmo a Elis. *Claridade* foi um marco na área comercial”, disse o artista em depoimento a Vagner Fernandes, biógrafo da cantora.

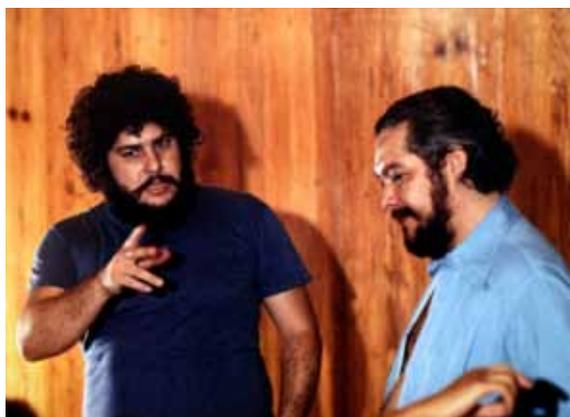
No mesmo ano do casamento, o músico esteve em destaque com o espetáculo *O Importante É Que Nossa Emoção Sobreviva*, em cartaz em São Paulo e no qual dividia o palco com Márcia e Eduardo Gudín. O sucesso do show resultou em uma temporada carioca e em dois discos com o registro das apresentações.



10. Eduardo Gudín, Márcia e Paulo

Em 1976, publicou seu primeiro livro, *Canto Brasileiro*, com 144 poemas e 17 letras de música, e seguiu colaborando com a esposa, como em *Canto das Três Raças* (com Mauro Duarte, trecho a seguir), destaque do LP homônimo. Até sua morte, a cantora interpretou outros grandes sucessos feitos pelo marido, incluindo *As Forças da Natureza* e *Guerreira*, (ambas com João Nogueira).

*Esse canto que devia  
Ser um canto de alegria  
Soa apenas  
Como um soluçar de dor*



11. Os parceiros e amigos Maurício Tapajós e Paulo César

Sob o clima do retorno ao Brasil dos exilados pela ditadura militar, em 1979, o samba *Tô Voltando* (com Maurício Tapajós, trecho a seguir), gravado por Simone, tornou-se um grande sucesso e virou um hino da anistia. Originalmente, no entanto, a letra descrevia apenas a saudade de um marido e sua vontade de rever a esposa.

*Pode ir armando o coreto  
E preparando aquele feijão preto  
Eu tô voltando*

Também desse ano é o lançamento de *Súplica*, primeira das três parcerias com João Nogueira que compõem a Trilogia do Alumbramento (completada por *Poder da Criação* e *Minha Missão*), sambas que falam sobre a relação entre o músico e sua arte.

## Só e tão bem acompanhado

O segundo LP solo do artista (homônimo ao primeiro), lançado em 1980, contou com participações de seus principais parceiros, como Baden Powell, João Nogueira, Mauro Duarte, Tom Jobim e Dori Caymmi. A principal novidade, porém, foi a faixa *Pelas Ruas da Cidade*, sua primeira composição sem parceiro.

Em entrevista ao programa *Hoje É Dia de Música*, do canal HBO, Paulo César lembrou o momento: “Quem me impulsionou para isso foi o Mauro Duarte, que gostava muito do

que eu fazia: ‘Você tem que fazer música, rapaz. Você faz música bem!’”. Atualmente, há mais de 200 composições suas individuais.



12. Paulo e Mauro Duarte

Em 1981, para atender a um pedido da esposa, madrinha da Velha Guarda da Portela que queria homenagear a escola, uniu-se a Mauro Duarte no samba *Portela na Avenida* (trecho a seguir), lançado no LP *Clara*.

*Portela  
Eu nunca vi coisa mais bela  
Quando ela pisa a passarela  
E vai entrando na avenida*

O tributo se tornou um sucesso, cantado até hoje pela agremiação, e fez muita gente pensar que o mangueirense Paulo torcia pela azul e branca de Oswaldo Cruz. A dupla Pinheiro/Duarte também compôs homenagens a outras escolas de samba do Rio, como Mangueira, Mocidade Independente e Beija-Flor.

O lançamento do LP *Poemas Escolhidos* (1983), no qual o poeta declama 33 de suas poesias, ficou ofuscado pela morte de Clara Nunes, em 2 de abril, vítima de complicações em uma cirurgia de varizes. Convencido pelos amigos João Nogueira e Mauro Duarte, o viúvo expressou parte do luto em *Ser de Luz* (trecho a seguir), samba composto pelo trio.

*Sabiá  
Que falta faz sua alegria  
Sem você, meu canto agora é só  
Melancolia*

No ano em que lançou seu segundo livro, *Viola Morena – Poesias* (1984), começou um relacionamento com Luciana Rabello, primeira mulher cavaquinista profissional do país e fundadora – ao lado do irmão, o violonista Raphael Rabello – dos grupos Os Cariocinhas e Camerata Carioca.

No carnaval de 1985, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Tradição, dissidência da Portela fundada em outubro anterior, sagrou-se campeão do Grupo 2B ao som de *Xingu, o Pássaro Guerreiro*, de Paulo e João Nogueira. Nos quatro anos seguintes, a escola voltou a desfilar com sambas da dupla, chegando ao grupo 1.



13. O casal Paulo César e Luciana

Em abril, após se casarem, Paulo e Luciana mudaram para uma casa na Barra da Tijuca onde, em novembro, nasceu a primeira filha do casal: Ana Rabello Pinheiro. O segundo filho, Julião, nasceu em outubro de 1987. Ambos se tornaram músicos como os pais.

## Parceiros por todo o Brasil

Junto ao baiano Edil Pacheco, o artista lançou o LP *Afros e Afoxés da Bahia* (1988) cujas faixas, cantadas por intérpretes diversos, homenageavam os blocos tradicionais do carnaval de Salvador, como Ilê Ayê, Olodum, Araketu e Filhos de Gandhi. Recebeu os principais prêmios do X Festival Musicanto, realizado em 1992, por *Candeieiro Encantado* (com Lenine) e *Três Formas de Choro* (com Sérgio Santos). No ano seguinte, trabalhou novamente com Lenine em *Leão do Norte*, canção-tributo

à cultura pernambucana que cita em sua letra os ícones João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna e Luiz Gonzaga, entre outros.

Em 1994, foi a vez de retomar a parceria com Sérgio Santos em *Santa Rita da Serra*, primeira música gravada da dupla. O mineiro, aliás, se tornou seu parceiro mais constante, com mais de 250 composições conjuntas. Entre tantas, destaca-se *Gente que Toca*, choro que menciona o nome de 173 músicos brasileiros.



14. No palco com Sérgio Santos, parceiro mais constante

Paulo César voltou a enumerar artistas brasileiros em *O Samba Bate Outra Vez* (com Maurício Tapajós), que cita 105 cantores e compositores do ritmo carioca. A faixa abre o CD *Estácio & Flamengo – 100 Anos de Samba e Amor* (1995) e foi gravada por Chico Buarque, João Nogueira, Dona Ivone Lara, Élton Medeiros, Zé Kéti, Beth Carvalho e outros craques.

Contribuiu, ao lado de Carlos Lyra, com seis modinhas para a trilha sonora de *Policarpo Quaresma: Herói do Brasil* (1998), filme de Paulo Thiago, e foi coautor de cinco faixas do CD *Umas e Outras* (1998), do acriano Sérgio Souto. Outros parceiros provenientes da região amazônica foram o paraense Paulo André Barata e o roraimense Eliakin Rufino.

A convite de Francis Hime, escreveu a letra de três dos cinco movimentos da *Sinfonia do Rio de Janeiro de São Sebastião*, cuja apresentação, em novembro de 2000, em um Theatro

Municipal lotado, gerou um CD e um DVD. Pouco depois, lançou *Atabaques, Violas e Bambus – Poesias*, seu terceiro livro.

Em 2002, recebeu o Grammy Latino de melhor canção brasileira, ao lado de Dori Caymmi, por *Saudade de Amar* (trecho a seguir), gravada por Nana Caymmi. Três das melodias deixadas por Pixinguinha com Paulo César (*Teu Nome, Meu Sabiá* e *Samba de Gafieira*) ganharam letras e foram incluídas no CD *Teu Nome, Pixinguinha*, de Marcelo Vianna – neto do mestre do choro.

*Saudade da força que tinham  
meus olhos nos teus  
Eu vivo à mercê das lembranças,  
Depois desse adeus.*

O terceiro disco solo, *O Lamento do Samba* (2003), trouxe apenas composições sem parceiros. Em seguida, lançou o quarto livro, *Clave de Sal*, reunindo 103 poemas sobre o mar. No mesmo ano, recebeu o título “Zumbi de Hoje”, conferido pela Casa do Artista Plástico Afro-Brasileiro por suas letras que valorizam a cultura afro-brasileira. Ganhou, ainda, o 23º Prêmio Shell de Música pelo conjunto da obra, celebrado com um grande show no Teatro João Caetano.

## Incentivo à nova geração

Em 2007, compôs, sem parceiros, todas as faixas do CD *Santo e Orixá*, estreia da cantora Glória Bomfim, que até então trabalhava como cozinheira em sua casa. A sugestão de que Glória fosse a intérprete de tais músicas partiu da esposa Luciana Rabello, com quem o artista colaborou diversas vezes. Como, por exemplo, no CD *A Delicadeza Que Vem Desses Sons* (2011), da cantora e cunhada Amélia Rabello. Além de duas parcerias com Luciana (*Estigma* e *Velhos Chorões*), o disco contém trabalhos de Paulo com os filhos Ana Rabello (*Gota de Mágoa*) e Julião Pinheiro (*Descuido*).

O músico faz questão de incentivar e trabalhar com artistas iniciantes. “Assim como um dia me passaram o bastão, tenho que passar adiante. E isso é uma coisa que faço porque fizeram comigo. Eu sei a importância dessa continuação”, disse ao pesquisador Pedro Paulo Malta. Ele já assinou canções ao lado de Ricardo Barros, Bianca e Alexandre Gismoniti, Bena Lobo, Miguel Bastos e Joaquim Carrilho, entre outros novos talentos.



15. Ana e Julião, filhos do compositor

Sua obra motivou os livros *A Letra Brasileira de Paulo César Pinheiro: uma Jornada Musical* (2009), de Conceição Campos, e o autobiográfico *Histórias das Minhas Canções: Paulo César Pinheiro* (2010). Estreou no gênero romance com *Pontal do Pilar* (2009) e prosseguiu com *Matinta*, *O Bruxo* (2010), inspirado nas músicas *Sagarana* e *Matita Perê*. Em 2014, o poeta lançou seu livro mais recente, *Sonetos Sentimentais pra Violão e Orquestra*.



16. O compositor, durante show, em 2010



# Créditos das imagens

---

## Chiquinha Gonzaga

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo Edinha Diniz
2. Marc Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles
3. Acervo Edinha Diniz
4. Acervo Digital Biblioteca Nacional
5. Acervo Digital Biblioteca Nacional.
6. Acervo Museu da Imagem e do Som
7. Acervo Edinha Diniz
8. Acervo Instituto Moreira Salles
9. [www.peregrinacultural.wordpress.com](http://www.peregrinacultural.wordpress.com)/Revista Kósmos
10. [www.pt.wikipedia.org](http://www.pt.wikipedia.org)
11. Imagem em domínio público
12. Acervo Edinha Diniz
13. Divulgação Editora Jorge Zahar
14. Ismar Ingber/Agência JB

## Mário Lago

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. In: VELLOSO, Mônica Pimenta Velloso. *Mário Lago: boemia e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
2. In: VELLOSO, Mônica Pimenta Velloso. *Mário Lago: boemia e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
3. <http://www.mariolago.com.br>
4. Augusto Malta/Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro
5. Acervo Arquivo Nacional
6. Imagem em domínio público
7. Acervo Arquivo Nacional
8. In: VELLOSO, Mônica Pimenta Velloso. *Mário Lago: boemia e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

9. Acervo Arquivo Nacional
10. Acervo Arquivo Nacional
11. Acervo Museu da Imagem e do Som
12. <http://www.mariolago.com.br>
13. Acervo Digital Biblioteca Nacional
14. Acervo Arquivo Nacional
15. Acervo da família Lago
16. Divulgação Som Livre
17. <http://mube.art.br>

## Paulo da Portela

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. G.R.E.S. Portela
2. Marc Ferrez/Instituto Moreira Salles
3. Acervo Museu da Imagem e do Som
4. Acervo Museu da Imagem e do Som
5. Marco Ullmann/[www.panoramio.com](http://www.panoramio.com)
6. In: HOLLAND, S. H. [Estação D. Pedro II : Inicial da E. F. Central do Brasil]. [S.l.: s.n.], 1930.
7. Acervo Museu da Imagem e do Som
8. <http://www.heitoradosprazeres.com.br>
9. Acervo Digital Biblioteca Nacional
10. G.R.E.S. Portela
11. Acervo Museu da Imagem e do Som
12. Wikimedia Commons
13. G.R.E.S. Portela
14. Divulgação Polygram
15. Divulgação Funarte
16. LIESA

## Caetano Veloso

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Divulgação Philips
2. <http://www.caetanoveloso.com.br>
3. <http://www.caetanoveloso.com.br>
4. Wikimedia Commons
5. Acervo Museu da Imagem e do Som
6. <http://skyscrapercity.com>
7. Acervo Editora Tridente
8. Divulgação Philips
9. In: BASUALDO, Carlos (org.). *Tropicália, uma revolução na cultura brasileira*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2007
10. In: BASUALDO, Carlos (org.). *Tropicália, uma revolução na cultura brasileira*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2007
11. <http://www.caetanoveloso.com.br>
12. Divulgação Columbia Pictures
13. Divulgação Philips
14. <http://www.caetanoveloso.com.br>
15. <http://www.caetanoveloso.com.br>
16. Divulgação Polygram
17. José Goulão / Wikimedia Commons

## João Donato

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Cristina Granato / Instituto João Donato
2. Acervo Instituto João Donato
3. Acervo Instituto João Donato
4. Acervo Instituto João Donato
5. Acervo Instituto João Donato
6. Acervo Instituto João Donato
7. Acervo Instituto João Donato
8. Acervo Instituto João Donato
9. Acervo Instituto João Donato
10. Acervo Instituto João Donato
11. Acervo EMI-Odeon
12. Acervo Instituto João Donato
13. Acervo Instituto João Donato
14. Acervo Instituto João Donato
15. Divulgação Pacific Records
16. Acervo EMI-Odeon
17. Divulgação Warner Music Brasil
18. Cristina Granato / Instituto João Donato

## Baden Powell

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo Museu da Imagem e do Som
2. Acervo Casarão de Cultura de Varre-Sai
3. Acervo Casarão de Cultura de Varre-Sai
4. Acervo Instituto Moreira Salles
5. Acervo Museu da Imagem e do Som
6. Acervo Rádio Nacional
7. Acervo Casarão de Cultura de Varre-Sai
8. Acervo Casarão de Cultura de Varre-Sai
9. Divulgação Barclay Records
10. Acervo Gravadora Forma
11. Acervo Museu da Imagem e do Som
12. Acervo Instituto Moreira Salles
13. Ignácio Ferreira (Agência O Globo) / Acervo Museu da Imagem e do Som
14. Acervo Instituto Moreira Salles
15. Divulgação Editora 34
16. Acervo Casarão de Cultura de Varre-Sai

## João Roberto Kelly

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Alberto Jacob Filho
2. Wikimedia Commons
3. Acervo pessoal de João Roberto Kelly
4. Acervo pessoal de João Roberto Kelly
5. Acervo pessoal de João Roberto Kelly
6. Acervo Museu da Imagem e do Som
7. Acervo RCA Victor
8. Acervo Museu da Imagem e do Som
9. Detalhe da capa do LP *Jamelão* (1974)/Acervo Continental
10. Acervo Museu da Imagem e do Som
11. Alberto Jacob Filho
12. Acervo pessoal de João Roberto Kelly

## Zé Kéti

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo pessoal de Geisa Ketti
2. Acervo pessoal de Geisa Ketti
3. Acervo pessoal de Geisa Ketti
4. Imagem do filme *Rio, Zona Norte*, de Nelson Pereira dos Santos
5. Acervo pessoal de Geisa Ketti

6. Acervo Museu da Imagem e do Som
7. Divulgação Philips
8. Acervo Museu da Imagem e do Som
9. Gonzales/CPDoc JB
10. Acervo Museu da Imagem e do Som
11. Acervo Continental
12. G.R.E.S. Portela
13. Acervo pessoal de Geisa Ketti

### **João do Vale**

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo do Museu da Imagem e do Som
2. Acervo RW Cine/TV Brasil EBC
3. Acervo da família Vale
4. Acervo da família Vale
5. Acervo Museu da Imagem e do Som
6. Acervo Museu da Imagem e do Som
7. Acervo Brasil Vita Filmes
8. Acervo da família Vale
9. Acervo Museu da Imagem e do Som
10. Divulgação Philips
11. Acervo Museu da Imagem e do Som
12. Acervo da família Vale
13. Acervo da família Vale

14. Acervo da família Vale
15. Acervo da família Vale
16. Acervo BMG
17. <http://joaodovale.blogspot.com>

### **Paulo César Pinheiro**

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Detalhe da capa do LP *Poemas Escolhidos (1983)*/Acervo EMI-Odeon
2. Acervo pessoal de Paulo César Pinheiro
3. Acervo pessoal de Paulo César Pinheiro
4. Filipe Carneiro/[www.angra.rj.gov.br](http://www.angra.rj.gov.br)
5. Acervo Museu da Imagem e do Som
6. Acervo pessoal de Paulo César Pinheiro
7. Acervo Companhia Brasileira de Discos
8. Acervo pessoal de Paulo César Pinheiro
9. Acervo pessoal de Paulo César Pinheiro
10. Acervo pessoal de Paulo César Pinheiro
11. Acervo pessoal de Paulo César Pinheiro
12. Acervo pessoal de Paulo César Pinheiro
13. Acervo pessoal de Paulo César Pinheiro
14. Dila Puccini/[www.flickr.com/photos/conexaovivo](http://www.flickr.com/photos/conexaovivo)
15. Acervo pessoal de Paulo César Pinheiro
16. Acervo pessoal de Paulo César Pinheiro





**Diretoria do Núcleo de  
Publicações e Impressos**

Regina Protasio

**Assessoria Editorial**

Denise das Chagas Leite

**Consultoria e Conteúdo**

Pedro Paulo Malta

**Redação e Edição**

Ivan Kasahara

**Revisão**

Gustavo Rocha Fonseca

**Gerência de Pesquisa e Documentação**

Lucia Mendes

**Pesquisa**

Fernando Madeu

Isabel Barreto

Tônia Matosinhos

**Assessoria de Artes  
Gráficas e Animação**

Marcelo Salerno

**Gerência de Artes Gráficas**

Ana Cristina Lemos

**Projeto Gráfico**

Aloysio Neves

**Editoração, tratamento de imagens  
e montagens (abertura de capítulos)**

Antonio Hauaji

**Impressão:**

Editora Finaliza

**Tiragem:**

5 mil exemplares

**Agosto 2015**



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-60354-21-4



9 788560 354214

**MULTIRIO - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.**

Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210

Central de Atendimento ao Cidadão: 1746 • Fora do Rio: (21) 3460-1746 • Fax: (21) 2535-4424

[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br) • [ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br](mailto:ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br)